

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
FACULDADE DE CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

JOÃO CARLOS DA SILVA

**VILA DOS PESCADORES EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA
TRINDADE-MT: Espaço de vivência e coabitação.**

**CÁCERES/MT
2017**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

JOÃO CARLOS DA SILVA

**VILA DOS PESCADORES EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA
TRINDADE-MT: Espaço de vivência e coabitação.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat como pré-requisito ao Título de Mestre em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi.

**CÁCERES/MT
2017**

Silva, João Carlos da

Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT: espaço de vivência e coabitação. /João Carlos da Silva. Cáceres/MT: UNEMAT, 2017. 123f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

Orientador: Aumeri Carlos Bampi

1. Vila dos Pescadores – Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. 2. Espaço de vivência. 3. Espaço de coabitação. 4. Rio Guaporé – Vila dos pescadores. I. Título.

CDU: 911.374(817.2)

Ficha catalográfica elaborada por Tereza Antônia Longo Job CRB1-1252

JOÃO CARLOS DA SILVA

**VILA DOS PESCADORES EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT: ESPAÇO DE
VIVÊNCIA E COABITAÇÃO**

Essa Dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Cáceres, 02 de outubro de 2017.

Banca examinadora



Prof. Dr. Almir Arantes
Avaliador Externo
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)



Prof. Dr. Carlos Alberto Franco da Silva
Avaliador Externo
Universidade Federal Fluminense (UFF)



Prof. Dr. José Carlos de Oliveira Soares
Avaliador Interno
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)



Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi
Orientador
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

CÁCERES
MATO GROSSO, BRASIL
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

À Universidade do Estado de Mato Grosso e a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, pela oportunidade de estudos e qualificação profissional.

Aos meus pais, Adão Carlos da Silva (in memoriam) e Joana de Fátima Soares da Silva, minha esposa Cristiane e meu filho João Gabriel por todo o apoio, dedicação, amor e por acreditarem em mim durante toda a minha vida, o meu mais profundo agradecimento.

Aos meus irmãos Fátima, Tio Tato, Renata e minhas sobrinhas Ana Karoline e Beatriz por todo apoio e atenção dedicados a mim.

Ao meu orientador Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi pelo incentivo, e contribuições orientativas para o andamento e normatização desta dissertação, mas sobretudo pela amizade e paciência.

A todos os professores e funcionários do PPGGEO-UNEMAT, pelos dois anos que fui estudante dessa casa.

Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Almir Arantes, Prof. Dr. Carlos Alberto Franco da Silva e Prof. Dr. José Carlos de Oliveira Soares, cujas contribuições trouxeram grande ajuda para os ajustes necessários na pesquisa.

Ao Sr. Denildo e sua esposa Lucimara, que sempre me reservou um cantinho aconchegante em sua residência, e nunca mediu esforços para me acompanhar nas pesquisas de campo, fica o meu apreço e agradecimento.

A todos os moradores da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, em especial Sra. Linda e Sr. Ceará, à Celina secretaria da Colônia de Pescadores de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, que me proporcionaram desenvolver esse trabalho e vivenciar a magia do lugar.

E, finalmente, a uma pessoa muito especial que possui todas as virtudes de profissional por excelência e grande sensibilidade humana, Prof. Dr. José Carlos de Oliveira Soares, a qual serei grato eternamente pelos incentivos, paciência, contribuições e amizade.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS E SÍMBOLOS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE FIGURAS.....	x
RESUMO.....	xii
ABSTRACT.....	xiii
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. VILA DOS PESCADORES DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIA: O PAPEL DO RIO GUAPORÉ.....	21
2.1 O ESPAÇO NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: O LUGAR COMO CAPTURA.....	21
2.1.1 O lugar na Geografia Humanística.....	22
2.1.1.1 A percepção como leitura do lugar: A contribuição da fenomenologia.....	24
2.1.2 Vila dos Pescadores: um “Lugar” à Margem do Rio Guaporé.....	27
2.1.2.1 O pescador ribeirinho e o contexto social e político.....	30
2.1.2.2 Como chegaram e o contexto social e político.....	34
2.1.2.2.1 <i>O convívio social-comunitário e a organização política.....</i>	<i>40</i>
2.1.2.2.2 <i>As razões, vantagens e engajamento no associativismo.....</i>	<i>43</i>
2.1.2.3 O ritmo das águas e a organização socioeconômica.....	44
2.1.2.3.1 <i>A atividade pesqueira.....</i>	<i>45</i>
2.1.2.3.2 <i>O período de defeso e as (re) articulações no lugar.....</i>	<i>50</i>
2.1.2.3.3 <i>Para além do econômico e do político: a vivência cotidiana no espaço.....</i>	<i>58</i>
3. VILA DOS PESCADORES DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE COMO ESPAÇO DE COABITAÇÃO: O PAPEL DA PECUÁRIA.....	65
3.1 DO ESPAÇO COABITADO AO LUGAR NA GEOGRAFIA CRÍTICA.....	65
3.1.1 Espaço e Coabitação na Geografia Crítica.....	66
3.1.1.1 A formação socioespacial como possibilidade de leitura do espaço coabitado...	68
3.1.1.2 O lugar e a captura do espaço na Geografia Crítica.....	69

3.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO SÓCIO ESPACIAL DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: MATRIZES DA COABITÇÃO DA VILA DOS PESCADORES.....	72
3.2.1 O Capital globalizado engendrando no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.....	76
3.2.1.1 A territorialização do capital da pecuária e repercussões socioeconômicas no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.....	78
3.2.1.1.1 <i>A Pecuária no atual contexto socioeconômico de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.....</i>	84
3.2.2 A Coabitação: O Papel do Rio e da Pecuária.....	94
3.3 ENSINO DE GEOGRAFIA/INTERDISCIPLINARIDADE EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT: A VILA DOS PESCADORES COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.....	103
3.3.1 A leitura do espaço/ambiente e o papel da interdisciplinaridade.....	103
3.3.2 O rio Guaporé como tema e a Vila dos Pescadores como espaço de viabilização de Educação Ambiental: uma experiência pedagógica.....	104
3.3.2.1 Preparação e desenvolvimento da aula.....	105
3.3.2.1.1 <i>Refletindo sobre o lugar e a avaliação da atividade interdisciplinar.....</i>	110
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ANA – Agência Nacional das Águas

CODEMAT – Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso

DTC – Departamento de Terras e Colonização

IBDF– Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agraria

INDEA – Instituto de Defesa Agropecuária

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

INTERMAT – Instituto de Terras de Mato Grosso

MMA – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

MT – Mato Grosso

RO – Rondônia

SEMA – Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais

SBT– Sistema Brasileiro de Televisão

SUDEPE – Superintendência de Desenvolvimento da Pesca

SUDEVEA – Superintendência de Desenvolvimento da Borracha

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Público alvo da comercialização do pescado em porcentagens.....	48
Tabela 2 – Avanço da atividade econômica sobre a cobertura sobre a cobertura vegetal ano: 2000 e 2013 de Vila bela da Santissima Trindade e Porto Esperidião.....	86
Tabela 3 – Evolução do produto interno bruto por setores de arrecadação em Vila Bela da Santíssima Trindade nos anos de 1999, 2005 e 2010.....	88
Tabela 4– Público alvo da comercialização do pescado em porcentagens.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário aplicado na Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.....	20
Quadro 2 – Perfil dos sujeitos entrevistados (chefes de família), considerando local de origem, idade e relações de temporalidade com o local.....	36
Quadro 3 – Entrevistas, em relação ao convívio e organização social da Vila dos Pescadores.....	41
Quadro 4 – Razões e vantagens do vínculo associativista (Colônia Z-2)	43
Quadro 5 – A organização coletiva em torno dos aspectos econômicos.....	47
Quadro 6 – Outras atividades complementares no sentido de geração de renda.....	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Mapa de localização do município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.	16
Figura 2 – Vista área da Vila dos Pescadores Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. Área de estudo.....	28
Figura 3 – Localização da Vila dos pescadores/ribeirinhos Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. Área de estudo.....	29
Figura 4 – Estados de origem dos moradores da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.....	37
Figura 5 – Atividades pesqueiras, realizadas por mulheres moradoras da Vila dos Pescadores.....	46
Figura 6 – Espécies capturadas no rio Guaporé.....	49
Figura 7 – O retorno das embarcações, após uma pescaria bem-sucedida.....	53
Figura 8 – Barco de madeira sendo construído.....	54
Figura 9 – Barco de madeira finalizado.....	55
Figura 10 – Casas em formatos de palafitas.....	57
Figura 11 – Construção de novas casas.....	58
Figura 12 – Dona Linda e Sr. Ceará, pontos de pescaria	59
Figura 13 – Embarcações realizando os ciclos da atividade pesqueira.....	60
Figura 14 – Cultivo de subsistência e suas variedades.....	62
Figura 15 – Crianças brincando sobre as águas em seus quintais.....	63
Figura 16 – Cartograma demonstrando a densidade do rebanho bovino no estado de Mato Grosso. Destaque para o município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.....	79
Figura 17 – Densidade de bovinos no estado de Mato Grosso.....	80
Figura 18 – Dinâmica e evolução USO da terra de Vila Bela da Santíssima Trindade	85
Figura 19 – Evolução do rebanho bovino de Vila Bela da Santíssima-MT.....	87
Figura 20 – Os maiores rebanhos bovinos de Mato Grosso de 2010 a 2015.....	87
Figura 21 – Os maiores rebanhos bovinas do Brasil, ano 2015.....	88
Figura 22 – Futuras instalações, “Frigorífico em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT..	90
Figura 23 – Indicadores - IDHM, anos de 1991, 2000, 2010.....	92
Figura 24 – Indicadores Sociais.....	93
Figura 25 – Marinha, registrando sua presença na Vila dos Pescadores.....	96
Figura 26 – Bacia Hidrográfica do rio Guaporé	97

Figura 27 – Ambientes que promovem inter-relacionamentos entre grupos na Sociedade.....	98
Figura 28 Ambientes que promovem inter-relacionamentos entre grupos sociais na sociedade vilabelense.....	100
Figura 29 – Instalação de postes e rede elétrica na Vila dos Pescadores	101
Figura 30 – Presença de um mundo virtual e midiático, em meio um espaço cultural....	102
Figura 31 – Exposição geral do pesquisador sobre a dinâmica das águas do Rio Guaporé como produto da pesquisa realizada.....	106
Figura 32 – Alunos reconhecendo a área de estudo	107
Figura 33 – Dona Eulinda realizando uma fala, sobre as relações existentes entre a comunidade Vila dos Pescadores com o rio Guaporé, e o espaços circundantes.....	108
Figura 34 – alunos reunidos em explanação de professores e líder da Comunidade....	109
Figura 35 – alunos realizando observações e reconhecimento da área de estudos.....	111

RESUMO

O espaço organizado se apresenta como a grande finalidade de investigação na Geografia, sendo este o resultado de um combinado de práticas espaciais empreendidas pelo ser humano nas suas relações entre si e, destes, com a natureza. A pesquisa foi realizada no período de outubro de 2015 a julho de 2017, com os moradores da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade – MT e teve como objetivo central, compreender as práticas socioeconômicas e culturais dos habitantes da Vila dos Pescadores em Vila Bela Santíssima Trindade-MT no contexto de suas relações com rio Guaporé e com a pecuária bovina, verificando o papel da atividade pedagógica como instrumento de visibilização/interação desta comunidade com o meio circundante. O método teórico pelo qual delimitou a pesquisa e argumentação teve como ponto de partida o conceito de Lugar nas vertentes da Geografia Humanística e da Geografia Crítica. A discussão pautada na vertente Humanística foi subsidiada pelo método fenomenológico e para a vertente Crítica se basilar na Teoria da Formação Sócioespacial, amparada no conceito de Coabitação. Os procedimentos metodológicos foram realizados em etapas: Primeira etapa: Levantamento de material teórico, pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações; Segunda etapa: Observação “*in loco*”, esse momento se estendeu por toda pesquisa, sendo realizados em períodos distintos que se estendia durante a semana. Ainda nessa etapa, foram realizadas conversas informais, bate papo e observação visual, com objetivo de perceber as ações dos moradores que ali habitam e frequentadores de modo geral; Terceira etapa: Realização de entrevistas semiestruturadas. As imagens fotográficas foram registradas em todo o decorrer da pesquisa, independente de etapas; Quarta etapa: Realizou-se o trabalho de gabinete, onde estabeleceu-se a correlação e análises dos dados e informações levantadas nas etapas anteriores. Os resultados mostram que na Vila dos Pescadores a relação entre os moradores e o espaço é de afetividade e harmonia com o lugar onde o rio Guaporé se apresenta como o principal articulador do modo de vida individual e comunitário. No período de defeso que coincide com as cheias do rio Guaporé, a atividade econômica voltada para a pecuária extensiva, elemento de base da economia local acentua sobre a vida dos pescadores e suas relações se ampliam com o mundo externo. É o período que melhor se expressa a coabitação ante às atuais características do mundo globalizado. O rio Guaporé, com todos os atributos ambientais é o principal elemento de significação do lugar, tanto para dar sentido ao contexto de vivência quanto de coabitação dos sujeitos da Vila dos Pescadores.

Palavras-chave: Vila dos Pescadores; Espaço de vivência; Espaço de Coabitação; Rio Guaporé.

ABSTRACT

Organized space is presented as the great purpose of research in Geography, which is the result of a combined spatial practices undertaken by human beings in their relations with each other and of these with nature. The survey was conducted from October 2015 to July 2017, with residents of Fisherman's Village in Vila Bela of the Trinity - MT and had as main objective to understand the socioeconomic and cultural practices of the inhabitants of Fisherman's Village in Vila beautiful Holy Trinity-MT in the context of their relations with Guaporé river and the cattle raising, checking the role of pedagogical activity as a visualization tool / interaction of this community with the surroundings. The theoretical method by which outlined the research and argument took as its starting point the concept of place in the areas of Humanistic Geography and Critical Geography. The discussion guided by the humanistic aspect was subsidized by the phenomenological method and the Critical aspect is basilou the Theory of Training sociospatial, based on the concept of cohabitation. The methodological procedures were performed in two stages: First stage: Survey of theoretical material, literature in books, articles, essays and theses; Second step: Observation "in loco", this time extended throughout research, being carried out in different periods that extended throughout the week. Even at this stage, informal talks were held, chat and visual observation, in order to realize the actions of the residents who live there and generally goes; Third stage: Conducting semi-structured interviews. The images were recorded throughout the course of the study, regardless of steps; Fourth step: We carried out the office work, where he established the correlation and analysis of data and information gathered in the previous steps. The results show that in the Fisherman's Village the relationship between the residents and the space is affection and harmony with the place where the river Guaporé itself as the main articulator of individual and community living. In the close season that matches the flooding of the river Guaporé, economic activity focused on the extensive livestock, basic element of the local economy emphasizes on the lives of fishermen and their relations are extended to the outside world. It is the period that best expresses the cohabitation compared to the current features of the globalized world. The river Guaporé, with all the environmental attributes is the main significance factor of the place, both to make sense of the context of experience as cohabitation of subjects from Fisherman's Village.

Keywords: Fishermen's Village; Living space; Space of Cohabitation; Guaporé River.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido na região do Guaporé, fronteira Oeste de Mato Grosso, na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, em uma comunidade denominada “Vila dos Pescadores”, localizada no km 75 da rodovia 174-B, à margem direita do rio Guaporé.

O espaço de Vila Bela da Santíssima-MT, trata-se de espaço de expressão forte de afrodescendentes, mas também hoje dos brancos e mestiços da fronteira. É o espaço do grande pecuarista, do pequeno produtor, do pequeno comerciante e também do pescador.

A dinâmica espacial de Vila Bela da Santíssima-MT, comportando essa diversidade de sujeitos e práticas remontam ao contexto histórico de sua ocupação e às especificidades do contexto natural propiciado pelo rio Guaporé, sendo este um dos elementos determinantes das ocupações daquele espaço.

As dinâmicas de ocupação territoriais podem ser analisadas em relação aos fatores que estruturam o espaço, fatores estes que se relacionam com as dinâmicas políticas, culturais e socioeconômicas.

A Vila dos Pescadores se constitui em um espaço que expressa tanto a orientação oriundas das atividades pecuarística, quanto a influência determinada pela dinâmica das águas do rio Guaporé e seus afluentes, fator que determina o modo como as pessoas desse lugar se organizam em determinados períodos, enfim, dão sentido as suas práticas individuais e coletivas naquele espaço. Esse “Lugar” é caracterizado por práticas espaciais mais específicas, dado ao modo particular como os ribeirinhos da Vila dos Pescadores desencadeiam suas relações com os elementos naturais e também se manifestam social, cultural e economicamente.

Em função destas peculiaridades, a partir dos ensinamentos de Machado (2008), entendemos estes sujeitos pertencentes à “população tradicional” que habita um recorte do espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade.

De acordo com o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, são:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto 6.040, art. 3º, § 1º).

Nas palavras de Coelho (2017), as Populações Tradicionais é:

(...) uma categoria de diferenciação que abarca identidades coletivas tradicionais que também possuem uma identidade histórica, uma continuidade sociocultural, que se relacionam de forma muito íntima com o território e o meio ambiente, mas que não são ou não se reconhecem como indígenas. (COELHO, 2017, p.21).

Dentre esses grupos podem ser citados os quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, pescadores artesanais, quebradeiras de coco babaçu, castanheiros, faxinalenses, geraizeiros e piaçabeiros dentre outros. (ALMEIDA, 2008, p.12).

Entretanto, outros fatores influenciam no modelo econômico e modo de vida das pessoas, tanto em escala local ou até mesmo global. Para Silva (2014, p.21), Mato Grosso, é um “estado conhecido no cenário nacional como um dos maiores pólos agropecuários do Brasil e, conseqüentemente, um dos principais centros de poder do agronegócio”. O capital da agropecuária, que tem se constituído como base econômica estruturante do espaço Matogrossense. Em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, a pecuária de corte no sistema de cria/recria estrutura o espaço daquele município, sendo este, portanto um dos elementos organizador das práticas que ali ocorrem.

Com a pesquisa, foi possível perceber as relações existentes entre Vila dos Pescadores de Vila Bela da Santíssima Trindade, enquanto comunidade tradicional e coabitando com a lógica da atual fase do Capitalismo através da pecuária de corte hegemonicamente praticada no município.

A questão central desta pesquisa se pautou na seguinte inquietação: Como se desencadeiam as atividades socioeconômicas e culturais da Vila dos Pescadores de Vila Bela da Santíssima Trindade tendo em vista o papel desempenhado pelo Rio Guaporé e pela pecuária bovina na comunidade? Como a atividade pedagógica, através do Ensino de Geografia, pode contribuir no sentido da interação/visibilização da comunidade com o meio externo e demais setores e atores sociais do município?

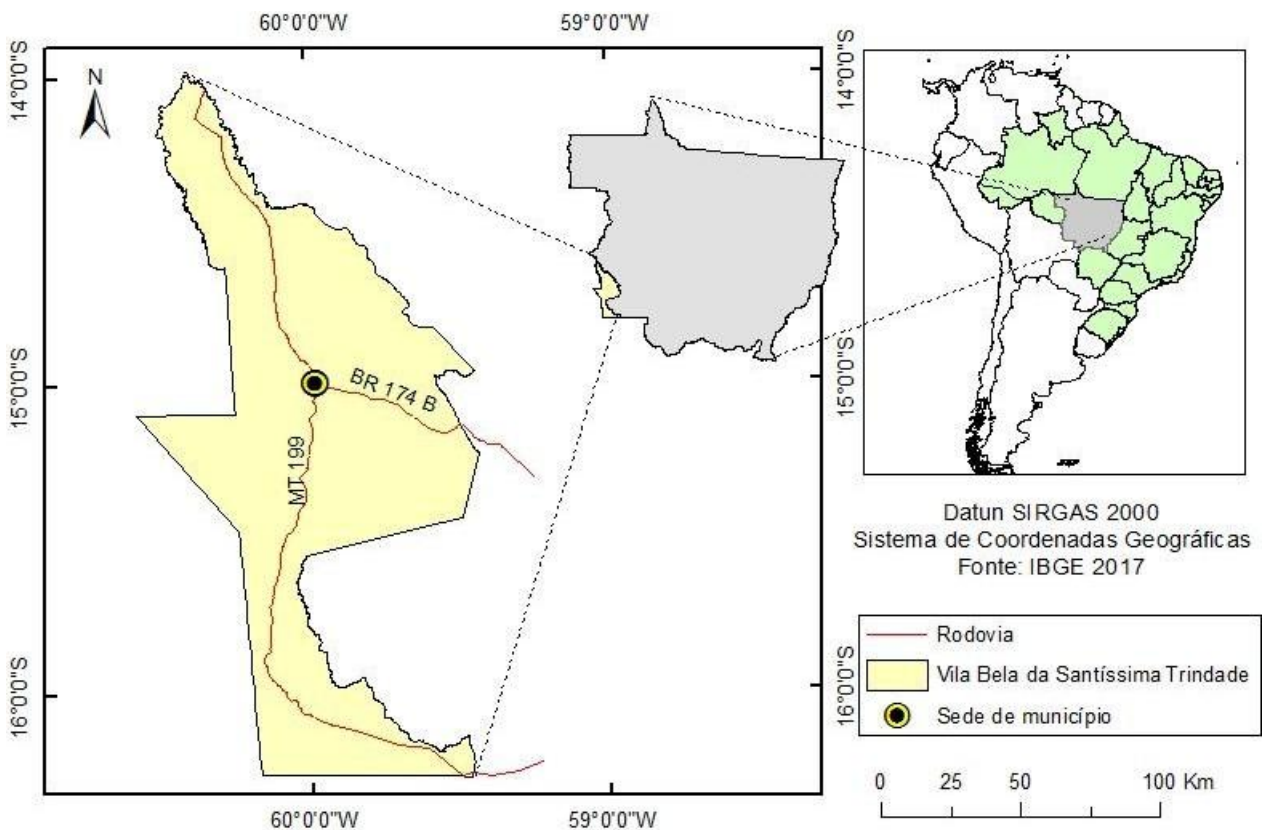
O objetivo principal da pesquisa foi compreender as práticas socioeconômicas e culturais dos habitantes da Vila dos Pescadores em Vila Bela Santíssima Trindade-MT no contexto de suas relações com rio Guaporé e com a pecuária bovina, verificando o papel da atividade pedagógica, através do Ensino de Geografia, como instrumento de visibilização/interação desta comunidade com o meio circundante.

A pesquisa foi realizada no período de outubro de 2015 a julho de 2017, com os

moradores da Vila dos Pescadores, localizados na margem direita do rio Guaporé, no km 75 da BR 174-B (figura 2 e 3) em Vila Bela da Santíssima Trindade – MT.

O município de Vila Bela da Santíssima Trindade, Estado de Mato Grosso, está localizado na Bacia do Alto Guaporé, na região de transição entre os Domínios Morfoclimáticos Amazônico e do Cerrado (AB'SABER, 1967), entre as coordenadas: latitude 14°02'00" e 16°14'00" Sul e longitude 59°24'00" e 60°33'40" Oeste (figura 1). Vila Bela possui uma área de 13.421,00 Km², com uma população estimada de 15.406 habitantes e uma densidade demográfica de 1,08 hab./km². (IBGE, 2016).

Figura 1: Mapa de localização do município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT



Fonte: João Carlos da Silva (2017).

Com relação aos aspectos climáticos, a região apresenta clima Aw – Savana Equatorial com inverno seco, segundo classificação de Köppen (KOTTEK et al. 2006). Conforme dados da Agência Nacional de Águas, relativos ao período de 1975 a 2014, a precipitação média mensal é de 118,49 e anual de 1.421,86 mm (ANA, 2014).

Conforme a Base Cartográfica Digital Atualizada da Amazônia Legal, disponibilizada

na escala de 1:100.000 pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2010), a bacia apresenta em sua geologia as unidades a Cobertura Detrito-Laterítica Neogênica, Formação Utiariti, Formação Salto das Nuvens, Suíte Intrusiva Guapé, Complexo Alto Guaporé, Cobertura Detrito-Laterítica Pleistocênica, Sequência Metavulcanossedimentar Pontes e Lacerda, Formação Vale da Promissão, Formação Fortuna, Formação Morro Cristalina, Aluviões Holocênicos e a Formação Guaporé.

Geomorfologicamente, compreende a Chapada dos Parecis, Planalto dos Parecis, Depressão do Guaporé, Planaltos Residuais do Guaporé e as Planícies e Pantanais do Guaporé. Com relação aos solos, há ocorrência de Neossolo Quartzarênico Órtico, Argissolo Vermelho-Amarelo Eutrófico, Chernossolo Argilúvico Órtico, Neossolo Litólico Distrófico, Argissolo VermelhoAmarelo Distrófico, Latossolo Vermelho Distrófico e de Latossolo VermelhoAmarelo Distrófico (MMA, 2010).

Referente à vegetação, apresenta Savana Parque sem floresta-degaleria, Savana Arborizada com floresta-de-galeria, Floresta Estacional Decidual Submontana Dossel Emergente, Floresta Estacional Semidecidual Submontana, Floresta Estacional Semidecidual Submontana Dossel Emergente, Floresta Estacional Semidecidual Aluvial, Savana Arborizada sem floresta-de-galeria, Floresta Estacional Decidual Submontana, Floresta Estacional Decidual Submontana Dossel Emergente, Floresta Estacional Semidecidual Terras Baixas, Floresta Estacional Semidecidual Aluvial Dossel Emergente, Savana Parque com floresta-de-galeria, Vegetação Secundária com Palmeiras e Pastagens (MMA, 2010).

O método teórico pelo qual delineou a pesquisa e argumentação teve como ponto de partida o conceito de Lugar nas vertentes da Geografia Humanística e da Geografia Crítica. A discussão pautada na vertente Humanística foi subsidiada pela Fenomenologia na perspectiva da Geografia da Percepção e no contexto da Geografia Crítica se pautou na Teoria da Formação Sócioespacial, amparada na categoria da Coabitação.

Cada espaço possui particularidades e relacionamentos. Na Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, os fatos, fases e demandas estão relacionados com os elementos de ordem natural e/ou econômica, combinados com os atributos geográficos do lugar. Isso levou-nos ao diálogo com os moradores da Vila dos Pescadores que vivenciam, e vivenciaram as fases e demandas estabelecidas pelas dinâmicas das águas do rio Guaporé e do capital da pecuária no Município de Vila Bela da Santíssima Trindade-

MT.

Para isso, lançou mão de técnicas tanto de cunho qualitativo como quantitativo.

Martin (1995) relata que a partir da combinação de métodos é possível dar uma visão geral sobre o conhecimento tradicional de um grupo social ou de uma região. A abordagem desse estudo fez-se por meio da pesquisa qualitativa.

De acordo com Martins (2004), as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de micro processos, através do estudo das ações sociais, individuais e grupais. Uma das características que marca os métodos qualitativos é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação.

Em relação aos procedimentos, foram realizados em etapas. Na primeira etapa foram realizados levantamento de material teórico, pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações. Na segunda etapa: foi realizada observação “*in loco*”, esse momento se estendeu por toda pesquisa, sendo realizados em períodos distintos que se estendia durante a semana. Ainda nessa etapa, foram realizadas conversas informais, bate papo e observação visual, com objetivo de perceber as ações dos moradores que ali habitam e frequentadores de modo geral. Bernard (op. cit.) considera que a observação participante está entre o método humanístico e científico, é tanto um método quantitativo quanto qualitativo que permite coletar dados sobre histórias de vida, rituais e outros assuntos relacionados ao grupo social estudado. Essa técnica valoriza a intensa relação das pessoas em grupo (MOREIRA & RAMOS, op. cit.).

Na terceira etapa foram realizadas entrevistas em questionários semiestruturados (quadro 1). Imagens fotográficas foram registradas em todo o decorrer da pesquisa, independente de etapas, como instrumento de captura a realidade materializada na paisagem. As entrevistas foram realizadas com todas as famílias residentes na Vila dos Pescadores. A entrevista caracteriza-se como uma forma de interação social, baseando-se no diálogo, entendido como interação assimétrica entre sujeitos, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (MOREIRA & RAMOS, 1998).

Para realização das entrevistas se fez necessário, a leitura do “Termo de Livre Consentimento Esclarecido”, onde todos os participantes ouviram a leitura e de bom grado resolveram participar e ao final, registrou sua entrevista através da assinatura e CPF no

termo. Ainda nesta etapa e compondo a atividade de campo, procedeu-se ainda pesquisa documental com análise minuciosa em trabalhos acadêmicos já desenvolvidos na área de estudo e buscas de dados secundários junto aos Órgãos oficiais e representantes de classe (Colônia dos Pescadores, Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Ação Social, Secretaria de Cultura Municipal, Secretaria de Educação, Secretária de Saúde e arquivo municipal, etc.); IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Indea-MT (O Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso), entre outros.

A pesquisa culminou com uma atividade interdisciplinar na Vila dos Pescadores, como forma de integrar a pesquisa com a formação dos alunos de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, e também contribuir nas estratégias pedagógicas de professores do município. Para isso, executou-se uma aula-campo em caráter interdisciplinar envolvendo as disciplinas de Ciências, Geografia, História, Matemática, Português e Artes. Adotou-se como tema gerador o rio Guaporé com a dinâmica de suas águas. Essa atividade contou com a participação dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Por fim, realizou-se o trabalho de gabinete, sendo a correlação e análises dos dados e informações levantadas nas etapas anteriores.

QUADRO 1: Questionário aplicado na Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT

**VILA DOS PESCADORES EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT:
Espaço de vivência e coabitação.
Formulário de entrevista aplicado aos moradores da Vila dos Pescadores**

1) Nome: _____ 2. Idade: _____
 3) Naturalidade: _____ 4. Estado civil: _____
 5. Profissão atual: _____
 6. Profissão anterior: _____ 7. Escolaridade: _____

I – Perguntas

- 1- Desde quando mora no município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT?
 2- Há quanto tempo mora na Vila dos Pescadores?
 3- Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)?
 4- Como se organizam enquanto coletividade?
 a) Social; _____
 b) Econômico: _____
 c) Político: _____
 5- Participa de alguma associação ou cooperativa? Não (). Sim ().
 6- Se SIM, qual? Como se dá a sua participação:
 () Todas as atividades. () Algumas atividades. () Esporadicamente.
 7- Por que razão se associou? () Razão econômica (financiamento). () Razões coletivas.
 8- Na sua opinião qual o grau de importância da Associação?
 () Fundamental. () importante. () pouco importante. () não é necessária.
 9- Qual a **maior vantagem** da associação?
 10- Em relação a comercialização do pescado, para quem é comercializado?
 () Feiras livres. () Mercado. () Restaurantes. () Ao consumidor.
 () Ao atravessador () Associação/cooperativa.
 11- Como é estipulado o valor de vendas do pescado?
 12- Existe alguma dificuldade para comercializar a produção? () não. () sim. Se SIM, qual? Possui outras fontes alternativas de renda? () não. () sim. Se SIM, qual?
 13- Dentre as atividades econômicas, qual representa a maior fonte de renda em Vila Bela da Santíssima Trindade?
 () Pecuária () Agricultura () Pescado () Indústria () Comércio
 14- Qual a influência dessa atividade econômica na Vila dos Pescadores?
 a) Como: _____
 b) Em quais períodos: _____
 15- Qual é a relação dos moradores da Vila dos Pescadores e espaços circundantes;
 a) Fazendas: _____
 b) Perímetro Urbano: _____
 16- Como é vista a Vila dos Pescadores pela sociedade? (). Positivamente (). Negativamente. Porque? 17- Existem ações políticas adotadas, no sentido de inclusão e reconhecimento dos ribeirinhos da Vila dos Pescadores? () não. () sim. Se SIM, como ocorre?
 18- Como vocês avaliam as políticas públicas destinadas à Vila dos Pescadores?
 19- Quais os benefícios e desafios em morar na Vila dos Pescadores?
 20- Quais os benefícios e desafios em morar na Vila dos Pescadores?

Organização: João Carlos da Silva (2017)

2. VILA DOS PESCADORES DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIA: O PAPEL DO RIO GUAPORÉ

Ao considerar que as relações sociais se manifestam no espaço, a Geografia se inscreve como um importante campo do conhecimento, essencial para compreender o espaço em diferentes dimensões escalares. Através dessa ciência, encontra-se o suporte teórico-epistemológico que precisamos para interpretar o meio socioambiental e cultural. Segundo Moreira (1999) em Geografia, o estudo da natureza não se faz como objeto formal, mas apenas na medida em que interessa ao espaço de vida dos homens.

2.1 O ESPAÇO NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: O LUGAR COMO CAPTURA

Enquanto objeto central da Geografia, o Espaço tem sido conceituado por diferentes acepções no processo de consolidação da Geografia enquanto ciência.

O espaço organizado se apresenta como a grande finalidade de investigação na Geografia, sendo este o resultado de um combinado de práticas espaciais empreendidas pelo ser humano nas suas relações entre si e, destes, com a natureza. O espaço é considerado como a condição de ocorrência dos fenômenos. Assim, todas as relações somente podem ocorrer no espaço e a partir do espaço. (COSTA; ROCHA, 2010, p. 41). Segundo Correia (2003), a palavra espaço é de uso corrente, sendo utilizada tanto no dia-a-dia como nas diferentes ciências.

Conforme Corrêa (2003):

“Como toda ciência, a geografia possui alguns conceitos chave, capazes de sintetizar a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais”. (CORRÊA, 2003, p. 16)

Entre estas categorias de captura do Espaço estão a “Paisagem, Região, Lugar e Território”. Tais conceitos são parâmetros norteadores metodológicos que nos permitem compreendermos os fenômenos existentes na vida em sociedade.

Sobre esse assunto que aponta as categorias geográficas como caminhos de captura do fenômeno geográfico, tendo em vista a perspectiva do pesquisador, Lopes (2012) assim escreve:

Entendemos que em determinados casos um determinado conceito e categoria deve se sobressair em relação a outro, obviamente que isso vai depender do objeto de nossas pesquisas, da abordagem que queiramos efetivar a determinado contexto da realidade sócio espacial (LOPES, 2012 p.29).

O espaço como resultado de uma dimensão subjetiva e que pode ser apreendido à partir da categoria do lugar, ganha vulto na perspectiva da Geografia Humanista e cultural.

Para Correia (2003) esta corrente surge na década de 1970, calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo. Dessa forma, na geografia humanista e cultural, segundo Alentejano (2000) ocorre a valorização do conceito de Lugar, que permite a análise do Espaço um produto de representações simbólicas e, dessa forma, este conceito adquire o status de conceito-chave nesta corrente.

2.1.1 O lugar na Geografia Humanística

Na Geografia Humanística o espaço é a externalização do mundo vivido pelo sujeito, carregado de intencionalidade e subjetividade.

Segundo Rodrigues:

O estudo do lugar passou por mudanças ao longo do tempo com a sucessão das diferentes correntes teóricas da Geografia. Iniciou-se como uma referência locacional e passou a ser, efetivamente, tratado como categoria de análise essencial da disciplina a partir do desenvolvimento dos estudos da Geografia Humanista quando alguns autores desenvolvem uma visão mais profunda e complexa das relações que o sujeito estabelece com o seu lugar a partir das vivências do cotidiano (RODRIGUES, 2015 p.01).

A categoria lugar ascende à qualidade de conceito chave da Geografia, tornando-se fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo e do apego. Esse apego é fortalecido por meio das relações sociais estabelecidas entre o sujeito, o grupo e o espaço imediato.

Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas e relações externas. Estas relações íntimas relacionam-se às experiências guardadas pelo próprio indivíduo nas suas relações com o meio, já as relações externas são perpassadas pelos saberes coletivamente produzidos e que passam a fazer parte de suas práticas.

Diante da complexidade do espaço, Tuan (1983, p.83) menciona que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Espaço e lugar se relacionam, existem três tipos principais de espaços “o mítico, o pragmático e o abstrato”, espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço. (TUAN, 1983, p.19).

Para Tuan (1983, p.6), o espaço é mais abstrato que o lugar, o que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor e significado. Segundo Claval (2001, p. 55), “[...] os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”.

Ao buscar subsídio teórico em Dardel (2011), contemplamos que o mesmo define o lugar como o suporte do Ser:

Em nossa relação primordial com o mundo, ao nos abandonarmos às virtudes protetoras do lugar, firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, repouse. É desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. (DARDEL, 2011, p. 40-41).

O lugar “significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes, de segurança”. (RELPH 1979 apud LEITE 1998, p.10).

Christofolletti (1985), ao descrever sobre a Geografia Humanística acrescenta.

[...] O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o “centro de significância ou um foco de ação emocional do homem”. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. (CHRISTOFOLETTI, 1985, 22, grifos do autor).

Nesse sentido, o lugar é um produto da experiência humana e representa mais do que a localização espacial, ele não está vazio de conteúdo, mas sim é o lugar habitado por alguém. Além do espaço geográfico, representa o conjunto de experiências vividas, as quais constroem a identidade dos indivíduos com os lugares, bem como o sentimento de pertencimento, é através do espaço que se articulam as experiências e vivências do espaço.

Segundo Tuan (1983), o lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência. Neste mesmo sentido, Santos (1997), menciona que o conceito de lugar induz a análise geográfica à outra dimensão - a da existência- "pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido". A organização de um espaço é percebida através da paisagem do lugar, pois é através dela que se pode visualizar a materialização das ações do passado e do presente, os resquícios históricos da formação e as particularidades de cada lugar (LINDNER, 2011, p. 11).

O enfoque é dado para o lugar no âmbito da existência real e da experiência vivida. O lugar, concreto é único e tem uma paisagem que é essencialmente uma paisagem cultural.

Assim, o estudo geográfico na perspectiva do lugar busca entender a realidade não apenas enquanto localização, mas também como fenômeno experienciado por quem nele vive, percebe-o e o constrói.

2.1.1.1 A Percepção como leitura do lugar: a contribuição da fenomenologia

No final da década de 1960 e início dos anos de 1970, a realidade mundial passou a exigir dos geógrafos uma nova interpretação para as transformações que envolviam o mundo. Percebeu-se que algumas questões da relação sujeito e espaço não eram traduzidas na pesquisa geográfica por que não alcançavam o cotidiano e a vivência das pessoas com o meio, através de uma apreensão do espaço guardadas da vivência e da experiência do indivíduo com o meio. Diante desta situação, um grupo de geógrafos retornou as velhas fontes do conhecimento geográfico e o revestiram de uma nova roupagem, articulando-o com a Psicologia. O produto desta articulação designou-se Geografia da Percepção ou Comportamental e, segundo MORAES (1997).

Esta buscaria entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza ambiente, e como este processo se reflete na ação sobre o espaço. Os seguidores desta corrente tentam explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivenciado e o comportamento em relação ao meio (MORAES, 1997, p.106).

A partir desta nova perceptiva de reflexão sobre o espaço, a percepção tanto do pesquisador quanto do homem inserido na produção do espaço, ganha relevância fundamental como caminho de interpretação do objeto geográfico. Como instrumento de método, esta percepção é subjetiva e fruto da ação reflexiva do Sujeito que procura estabelecer uma relação íntima com o lugar- ponto de captura do espaço.

Para Forghieri (1984):

“A percepção é imediata, espontânea, pré-reflexiva, própria da vida cotidiana, do vivenciar imediato, nela não há separação entre consciência e objeto e este é captado na sua totalidade por intuição. Ela assimila uma realidade básica, primordial, total, anterior à reflexão, é a percepção própria das ciências do homem” (FORGHIERI, 1984, p. 15).

Segundo Santos (2013) a preocupação com os estudos da percepção na geografia acompanha o desenrolar da história do pensamento geográfico, concepção esta que não é apenas parte de um momento dentro desta ciência, pois mesmo sem muita expressão se fez presente em diferentes períodos que marcaram os debates teórico-metodológicos do pensamento geográfico.

Como forma de analisar os impactos do processo descrito acima sobre as diversidades e identidades dos sujeitos que constituem o lugar e divulgar a importância das relações tramadas cotidianamente de forma direta com o meio Relph (1979, p.6), propõe como método, de abordagem e interpretação a fenomenologia, que busca descrever as experiências imediatas com o lugar para além das aparências, colocando-se na posição daqueles que experienciam os fenômenos.

Diante do avanço e desenvolvimento da ciência nos últimos tempos, a fenomenologia tem se destacado como um importante método de abordagem e interpretação da realidade, em uma análise no campo da Geografia da Percepção. Esse método se adequa aos estudos que contemplam o mundo vivido pelo sujeito em suas múltiplas relações cotidianas ao longo de um período de tempo.

Na concepção de Santos, Zamparoni e Soares (2017, p. 39) “desde a antiguidade há a preocupação do homem com a influência do meio natural sobre seu campo de atuação”. Para os autores essa inquietação no seio da Geografia ganha espaço com as significativas críticas à geografia clássica e à busca de novos paradigmas geográficos, o que permitiu a retomada da concepção fenomenológica em Geografia.

No contexto do século XX a fenomenologia se destacou com um importante movimento filosófico, que tem contribuído substancialmente para o desenvolvimento da ciência. De acordo com Gil (2002) uma das maiores contribuições da reflexão fenomenológica para a ciência foi o seu auxílio na formulação de problemas e na construção de hipóteses.

Segundo Tuan (1982 apud Santos, 2013), esta tendência visa pensar sobre os fenômenos geográficos com o desígnio de alcançar melhor entendimento do homem e de sua relação com o meio. “Busca um entendimento do mundo humano através do estudo das relações de sujeitos com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como, dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar experienciado por meio das íntimas relações com o meio” (SANTOS, 2013, p. 27).

Para Sadala (1995), a Fenomenologia propõe descrever o fenômeno, e não explicá-lo ou buscar relações causais, volta-se para as coisas mesmas como elas se manifestam. Voltar às coisas mesmas significa voltar ao mundo da experiência considerando que, antes da realidade objetiva, há um sujeito que a vivencia; antes da objetividade há um mundo pré-dado, e, antes de todo conhecimento, há um a vida que o fundamentou.

Na concepção de Husserl a Fenomenologia é:

(...) uma zona neutral de investigação, onde as ciências têm raízes”. (...) “A fenomenologia nunca se orienta pelos fatos (externos ou internos), mas pela realidade da consciência, isto é, para aquilo que se manifesta imediatamente na consciência, alcançada por um a intuição, antes de toda reflexão ou juízo: as essências ideais (fenômenos)” (RIBEIRO JR., 1991, p. 24-25).

Na concepção de Oliveira (2005, p. 11), a Fenomenologia pode ser entendida como uma orientação filosófica que permite, o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, pois considera a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis que velam os fenômenos.

A fenomenologia enquanto método tem como objetivo principal segundo Sadala (1995) é descrever a estrutura total da experiência vivida, os significados que a experiência tem para os sujeitos que a vivenciam. Diferentemente do positivismo, que pretende descobrir causas e formular leis, a fenomenologia utiliza a observação atenta para descrever os dados como eles se apresentam. (MARTINS, 1993).

Para facilitar a compreensão sobre fenômenos, podemos nos remeter à noção de percepção na consciência das realidades dadas. “O que aparece na consciência é o

fenômeno. Fenômeno que significa trazer à luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade do que se mostra diante de nós” (MOUSTAKAS, 1994, p. 26).

A fenomenologia enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária (ANDRÉ, 1995, p. 18).

Os estudos que se ocupam de análises que empregam a fenomenologia enquanto Método de abordagem e interpretação da realidade subjetiva consiste em compreender os fenômenos que se manifestam a partir da experiência, tais conhecimentos são adquiridos nas relações que se estabelecem no cotidiano de forma a levar o sujeito a ter um contato direto com o fenômeno manifestado. De acordo com Suertegaray (2005 apud Santos, 2013), esta interpretação implica em exclusão de crenças e preconceitos, em colocar-se no lugar de, ou seja, procurar captar o sentido e significado dado pelos autores, agentes e grupos envolvidos ao vivido. Exige também, o reconhecimento da variabilidade e da complexidade do fenômeno que está sendo analisado, ao descrever não se busca as regularidades, indicam-se as ambiguidades e a complexidade das relações humanas com o ambiente, procura-se a estrutura de significados. Nesta nova forma de conhecer, a interpretação é sempre aberta à reinterpretação (SANTOS, 2013).

2.1.2 Vila dos Pescadores: um “Lugar” à Margem do Rio Guaporé

A Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima trindade-MT, localiza-se na margem direita do rio Guaporé, no km 75 da BR 174-B (figura 2 e 3), tem seu surgimento remontado às décadas de 1970 e 1980. De acordo com apontamento de alguns moradores, surgiu de um ponto de encontro de viajantes que parava em um estabelecimento comercial, cuja proprietária chamava-se “Maria Luiza”, próximo a ponte do rio Guaporé.

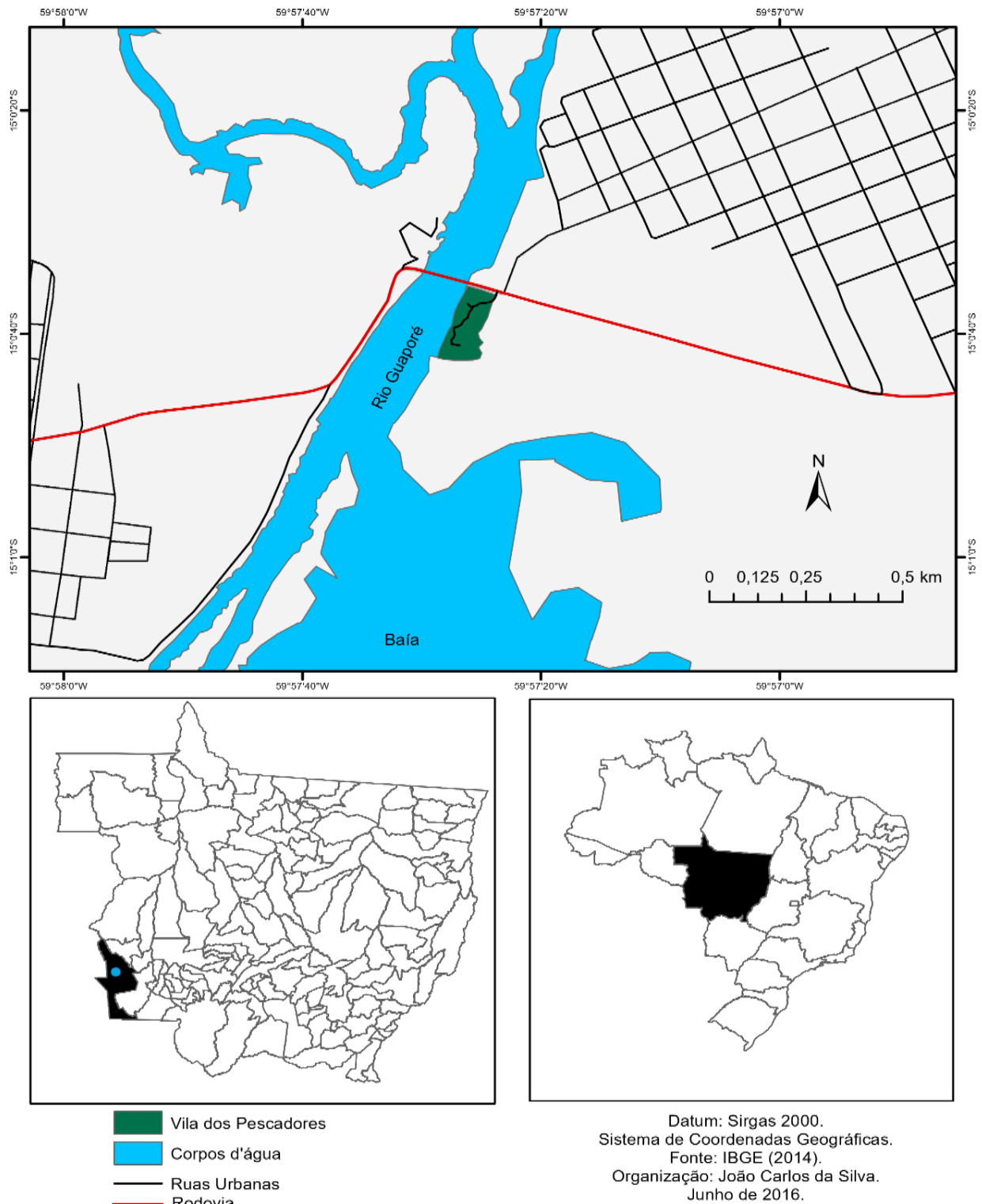
Figura 2: Vista aérea da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. Área de estudo.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

A localização geográfica estratégica conforme (figuras 2 e 3) associada as atividades oferecidas pelo estabelecimento comercial fez daquele lugar um ponto de encontro muito frequentado por mascates, trabalhadores de fazendas, homens que trabalhavam no porto/ancoradouro e outras pessoas que moravam no perímetro urbano e arredores da cidade.

Figura 3: Localização da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. Área de estudo.



Segundo relatos de moradores antigos de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, o estabelecimento era um ambiente de muitas movimentações, sendo utilizado como

ancoradouro, embarques e desembarques, ponto de alimentação, bebida e muita diversão.

E que após anos de serviços prestados em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, as margens do rio Guaporé, onde atualmente é a Vila dos Pescadores, Maria Luiza mudou-se para Cáceres no fim da década de 1980, deixando aquele espaço abandonado.

Hoje, essa Vila dos Pescadores se caracteriza como um recorte no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT caracterizado por práticas espaciais mais específicas, dado ao modo particular como estes desencadeiam suas relações com os elementos naturais e também se manifestam social, cultural e economicamente.

2.1.2.1 O pescador ribeirinho e o contexto social e político

O pescador ribeirinho é o sujeito que sobrevive da pesca e se organiza as margens dos rios, seus modos de vida se caracterizam, sobretudo, pela relação com o lugar, particularmente, pela forma como vive e se relaciona com a diversidade dos ecossistemas regionais. Esquecido pelas ações públicas e escondidos na genérica denominação de trabalhador rural, o ribeirinho enfrenta inúmeros problemas de saúde. Alguns não sabem ler e nem escrever. (SCHERER, 2002).

Para Biorn (1999, p. 33), “esses grupos humanos dependem tanto da terra de trabalho para a agricultura de subsistência, quanto do seu acesso às águas de trabalho, onde desenvolvem atividades da pesca, uma fonte importante de proteína e principal dieta alimentar do ribeirinho”.

O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo às terras mais férteis de suas margens. (MENDONÇA, *et. al.*, 2007, p. 94).

A produção dessas comunidades baseia-se no trabalho dos próprios pescadores, por meio de atividades que empregam poucos recursos tecnológicos e, em muitos casos a pesca ainda é artesanal. Esses grupos ainda cultivam pequenas roças, compostas por produtos que são empregados na alimentação. Ferreira (1995) destaca que pescar para o homem da beira do rio, é mais do que uma opção de trabalho, é seu referencial básico.

No geral, as comunidades ribeirinhas são formadas por indivíduos que vivem as margens dos rios, possuem modos de vidas específicos, relações mais harmônicas com a

natureza e seus ciclos e, segundo Fraxe (2007), em tais populações, ocorre uma constante difusão de saberes através das gerações como forma de eternizar a identidade do grupo.

Neste breve esboço verificou-se que a Vila dos Pescadores espaço de vivência e coabitação em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, enquanto Comunidade Tradicional compartilha de relações estabelecidas por saberes e experiências culturais, fundamentos de grande importância para o convívio enquanto grupo.

As comunidades formadas por ribeirinhos têm despertado interesse no âmbito acadêmico, são muitos os pesquisadores que se colocam a constatar e compreender como se organizam esses espaços. No contexto da ciência geográfica a organização dessas comunidades ganha contornos e relevância como objeto de investigação, pois a Geografia se inscreve a analisar e compreender os diferentes arranjos socioespaciais que se manifestam a partir de diferentes modos de produções, que condicionam diferentes modos de vida.

Para se compreender o contexto dos ribeirinhos é necessário analisar não só a sua identidade cultural, conforme a conotação atribuída pelos de fora de seu meio, mas também a dimensão política dessa identidade a partir dos valores que ele atribui a essa denominação (CHAVES, 1990).

Segundo Scherer, (2004);

O ciclo sazonal regula estritamente as atividades de agricultura e pesca dos Povos das Águas. As chuvas dificultam fortemente as atividades de agricultura de subsistência, fica impossível bem como as atividades de pesca. Assim como a lida com os animais. O modo de vida desses grupos humanos está condicionado ao ciclo da natureza, pois o fenômeno da enchente e da vazante regula em grande parte o cotidiano ribeirinho, de tal modo que o mundo do trabalho obedece ao ciclo sazonal quando desenvolvem as atividades de extrativismo vegetal, agricultura, pesca e caça. (2004, p.3).

De acordo com Ferreira (1995, p. 20), “os povos ribeirinhos tecem, ao longo da sua história, relações diretas entre os indivíduos”. Essas relações garantem a satisfação das necessidades individuais e coletivas dos grupos, desde as mais básicas, até as mais complexas (Arruda et al., 2014, p. 172). Entretanto, grandes transformações no meio ambiente local, como por exemplo, a instalação de empreendimentos como usinas hidrelétricas, agronegócio e empresas mineradoras provocam também, grandes alterações na vida das comunidades ribeirinhas.

Queiroz (2006, p.733) menciona que em virtude dessas transformações

socioambientais os ribeirinhos são obrigados a abandonar suas atividades produtivas, em especial a pesqueira que depende diretamente das proximidades dos rios. Afetando diretamente as ações relacionadas ao transporte destas comunidades, que passam a conviver com grandes restrições, que por sua vez afeta a realização dos ritos e as práticas religiosas.

Frisam-se aqui os movimentos de resistências travados pelos ribeirinhos no sentido de manterem-se em seu lugar de origem, onde sua relação com o meio é estabelecida de forma harmônica. Essa harmonia tem sido abalada pelos impactos socioambientais que tem afetados direta ou indiretamente as comunidades ribeirinhas. Nesse sentido, Albuquerque (1984, p. 77), citado por Chaves (1990, p. 26) contribui com a reflexão ao mencionar que:

Na condição de excluído, ou seja, não integrado as formas mais complexas de organização social determinadas pela subordinação da agricultura e indústria, o pequeno produtor ribeirinho, no confronto com formas de exploração concretizadas na política de preço mínimo, crédito bancário, transporte, intermediação da comercialização, elabora lutas para opor-se à perda de sua autonomia, caracterizada pelo domínio dos meios de produção e pela manutenção de práticas sociais e culturais. (CHAVES, 1990, p. 26)

Queiroz (2006, p. 733) ressalta que “as populações ribeirinhas, geralmente pescadores em sua maioria, são compulsoriamente transferidas para outras regiões e impossibilitadas de reconstruírem no novo ambiente às suas costumeiras redes de relações”. “Às vezes, a situação torna-se tão insustentável que obriga os agricultores a migrarem, chegando inclusive a desestabilizar comunidades inteiras” (SIOLI, 1984, p. 23).

Segundo Rebouças (2006, p.733) este tipo de deslocamento forçado por uma lógica dominante compromete diretamente os modos tradicionais de organização do espaço. Esse movimento compromete gravemente os valores e representações vinculadas ao local. Para Reis (2010), a implantação de grandes empreendimentos provoca transformações tanto nos aspectos físicos, geográficos e ecológicos e ocasiona restrições aos ribeirinhos causando impactos degenerativos ao ambiente. Além dos sofrimentos e prejuízos, os ribeirinhos ficam também desprovidos dos meios de operacionalização dos conhecimentos acumulados sobre os usos materiais e simbólicos da natureza (QUEIROZ, 2006).

O movimento dos ribeirinhos faz parte de sua trajetória de vida. Neste ato de ir e vir que eles se constituem sujeitos de sua história. Nesse movimento há uma ação pedagógica

se desenvolvendo, plasmando suas consciências mesmo de forma incoerente e desagregada. Embora os alijando de uma participação ativa em seu tempo histórico, lhes propicia experiências de vida que os impede de apreender passivamente aquilo que alheio ao seu universo. Nesse ato consiste a sua resistência (CHAVES, 1990 p.9).

Os impactos socioambientais sobre as comunidades ribeirinhas ou sobre o próprio pescador profissional na atualidade são visíveis, uma vez que a falta de peixes nos rios os colocam em situação de vulnerabilidade.

De acordo com (Scherer, 2002), os ribeirinhos mais idosos, observam que na sua juventude era possível capturar peixes para a família inteira, durante a madrugada, com instrumentos artesanais simples, tais como: a linha e o anzol, tarrafa, arpão, arco e flecha. Havia fartura de peixes a tal ponto de poderem escolher, optando por peixes considerados nobres na dieta regional ou para os peixes menos nobres.

Nos últimos anos percebe-se que a realidade dos ribeirinhos é alterada além dos aspectos ambientais, atingindo o caráter sociocultural. Devido o distanciamento, que estas comunidades passam a ter em relação ao rio, enfraquecendo os laços de influência que estes mantiveram ao longo da vida. Esse distanciamento provoca alterações nos hábitos alimentares, nas formas de lazer, e até mesmos nos modos de representações do imaginário dos indivíduos que compõem esses grupos.

Para o homem tradicional, neste caso os ribeirinhos “ser não significa simplesmente viver, mas pertencer a uma totalidade, que é o grupo” (SODRÉ, 2012 p.17).

Com a presença do homem sobre a Terra, a natureza está, sempre, sendo redescoberta, desde o fim de sua História Natural e a criação da Natureza Social, ao desencantamento do Mundo, com a passagem de uma ordem vital a uma ordem racional, mas agora, quando o natural cede lugar ao artefato e a racionalidade triunfante se revela através da natureza instrumentalizada, esta, portanto domesticada, nos é apresentada como sobrenatural (SANTOS, 1994 p. 4).

No contexto amazônico as comunidades ribeirinhas têm especial destaque constituindo uma marca da organização socioespacial dessa região, onde os rios se põem como variável muito significativa nos modos dessa organização.

Para Fraxe e Wittkoski (2007, p.15), citado por Pinto (2010), o contexto de formação das populações ribeirinhas da região é fruto do encontro de culturas, seja de populações locais, ameríndias, do colonialismo europeu em um dado momento ou da recente presença

nordestina do período econômico da borracha. Assim, não diz respeito especificamente a um grupo étnico ou de uma só bagagem cultural, na verdade, é uma alusão a respeito de quem é o habitante das várzeas e margens dos rios amazônicos.

Após a senhora Maria Luiza mudar do local no final da década de 1980, hoje conhecida como Vila dos Pescadores, não demorou muito para que o mesmo fosse ocupado novamente. Essa reocupação rápida do local é consequência de todo um contexto de estratégias de Ocupação da Amazônia Ocidental no final da década de 1980, para inserir novas áreas de pastagem e/ou monoculturas de exportação (SOARES, 2014).

2.1.2.2 Como chegaram e o contexto social e político

Tratando-se de um estudo cujo fundamento metodológico se assenta na perspectiva de leitura do espaço a partir do olhar dos sujeitos que o compõem e nele organiza a sua vida, entendemos que um dos pontos de partida para este diálogo, em particular, seja o desafio de identificar estes sujeitos com suas trajetórias e conteúdo de vida. Isso dá condições para, então, podermos pensar a sua participação no contexto comunitário e dos aspectos geográficos do local, cujo principal elemento de mediação nessas relações é o rio e seu ritmo.

Ações governamentais impulsionaram grande número de migrantes para a Região do Guaporé na década de 1970. Nesse processo, muitos indivíduos viram naquele lugar abandonado uma oportunidade de moradia e melhorias nas condições de sobrevivência. Assim, por ocasião do seu surgimento, a Vila dos Pescadores chegou a contar com 35 famílias, com um aglomerado populacional teve um total de 117 moradores.

Atualmente a Vila dos Pescadores possui 16 moradias. Há no local a instalação de sede da Colônia de Pescadores Z-13, vinculada a Colônia de Pescadores Z-2 da cidade de Cáceres-MT. Apenas 11 famílias habitam as casas, totalizando 33 moradores.

A maioria dos habitantes da Vila dos Pescadores são oriundos de outros estados. Nesse local, há apenas uma família cujos genitores são vilabelense de nascimento. São também os moradores mais antigos, com mais de 20 anos residindo na comunidade. Suas atuais moradias, no passado, pertenciam as suas famílias.

A convivência entre os moradores é tranquila, são vizinhos a anos, compartilham e vivenciam o modo tradicional de vida, inter-relacionando com as dinâmicas do rio Guaporé.

O retrato desses sujeitos, cuja vida se organiza às margens do rio Guaporé, possibilita-nos lhe atribuir uma identidade- a de pescador. Essa identidade traz consigo todo um repertório socioeconômico que, por sua vez, informa esse lugar (quadro 2).

QUADRO 2: PERFIL DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS (CHEFES DE FAMÍLIA), CONSIDERANDO LOCAL DE ORIGEM, IDADE E RELAÇÕES DE TEMPORALIDADE COM O LOCAL.

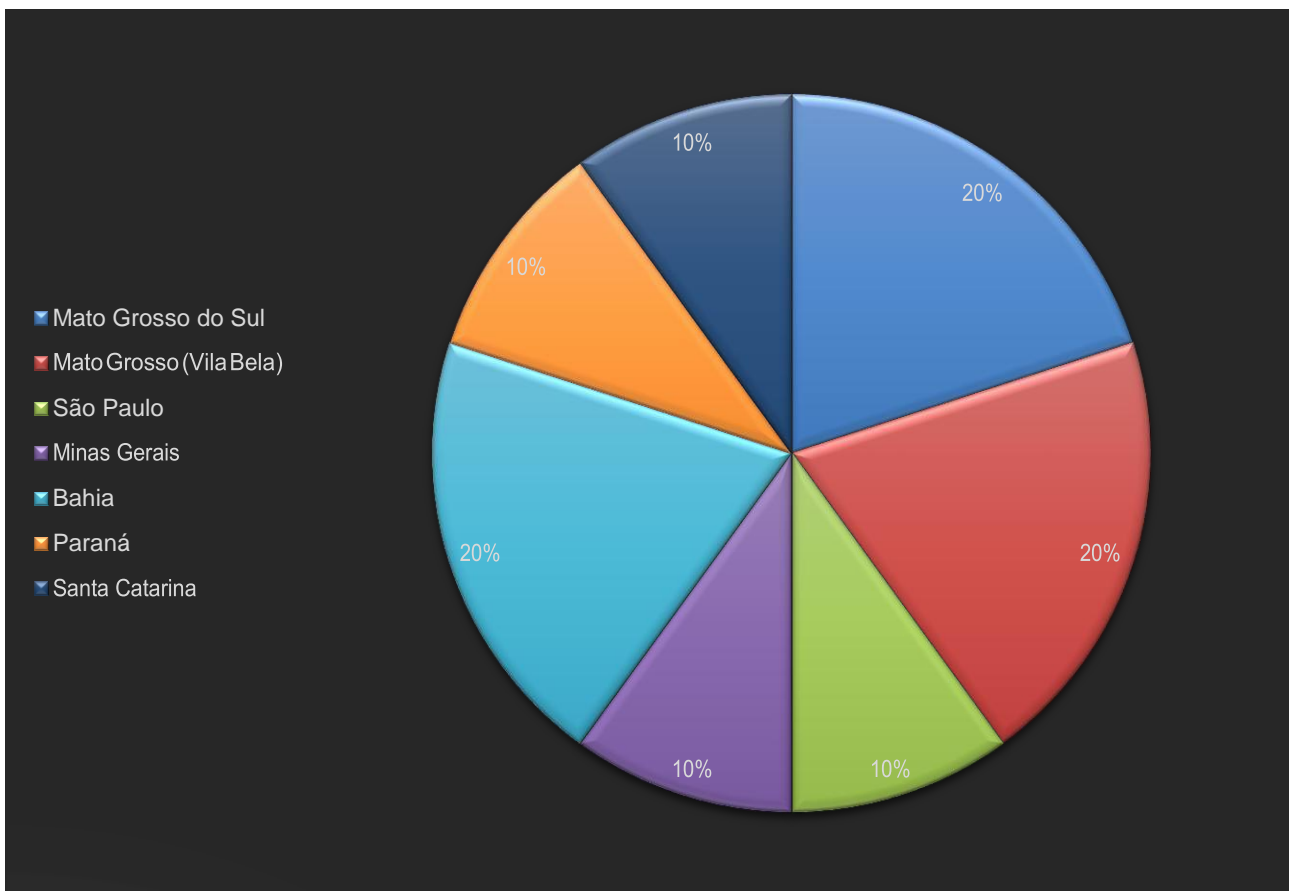
Estado de Origem	Profissão		Idade	Escolaridade	Tempo de residência (em anos)		Número de residentes na família
	Atual	Anterior			Em Vila Bela	Na Vila dos Pescadores	
Mato Grosso do Sul	Pescador	Autônomo	37	5ª Série	27	Não informado	04
Mato Grosso (Vila Bela)	Pescador	Trabalhadora rural	55	4ª Série	55	18	03
São Paulo	Pescador	Eletricista	51	3ª Série	22	22	01
Minas Gerais	Pescador	Trabalho em fazenda	46	Não alfabetizado	15	07	02
Bahia	Pescador	Lavrador	49	3ª Série	20	06	02
Paraná	Pescador	Serviço geral (braçal)	54	Não alfabetizado	40	19	03
Santa Catarina	Pescador/ Aposentado	Lavrador	64	3ª Série	42	Não informado	01
Bahia	Pescador	Serviço geral (braçal)	51	Não alfabetizado	41	13	03
Mato Grosso (Vila Bela)	Pescador	Geral / autônomo	33	Ensino Médio	33	03	04
Mato Grosso do Sul	Pescador	Servente de pedreiro	69	Não alfabetizado	10	02	03

Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Do total de pessoas entrevistadas (chefes de família), 07 são do sexo masculino e 03 do sexo feminino. Nesse universo, observa-se que apresentam relações socioeconômicas com o rio. São famílias que organizam a sua vida nas margens do rio e, apesar de não serem conceituados como “comunidade ribeirinha” à luz do decreto nº 6040 de 07/02/2007 (COSTA, 2009), estes se identificam como pescadores.

Trata-se de uma comunidade composta por pessoas oriundas de diferentes pontos do país e diferentes experiências laborais. Do total de entrevistados, apenas 20% correspondem às pessoas nascidas no Estado de Mato Grosso, no caso específico em Vila Bela da Santíssima Trindade. Com a mesma porcentagem, existem na Vila dos Pescadores pessoas oriundas dos Estados da Bahia e do Mato Grosso do Sul. Há ainda, retratando outros 40% dos entrevistados, pessoas que chegaram dos Estados de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Paraná. Todos, respectivamente, com 10% dos moradores do local, (figura 4).

Figura 4: Estados de origem dos moradores da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Este fato tem um ponto em comum: o que o espaço da divisão do trabalho excluiu, o rio acolheu.

De acordo com Goldenstein e Seabra (1980), o Capitalismo como modo de produção dominante pressupõem a existência de formas avançadas da divisão do trabalho no território e, essa divisão carrega consigo um significado social. Ao falar dos aspectos dessa divisão, Lipietz (1997) menciona que ela se dá horizontalmente e verticalmente. No seu aspecto horizontal, é uma divisão espacial, à exemplo da divisão cidade e campo. Já no sentido vertical, há divisão entre grupos sociais, dominantes e dominados. Goldenstein e Seabra (1980) esclarece ainda que há, na verdade, interação entre divisão social do trabalho e divisão técnica do trabalho. Estas, subordinam economicamente e socialmente os sujeitos às atividades a que se integram, isso por que as habilidades técnicas possuídas por estes não se aplicam, igualmente, em todos os ramos da atividade econômica.

À luz dos ensinamentos dos autores acima mencionados, depreende-se que a ida para às margens do rio tem estreita relação com a situação socioeconômica desses indivíduos, identificados pela baixa escolaridade e sem formação técnica que exigem mais escolaridade. Neste sentido, observa que a média de vida escolar dos chefes de família daquela comunidade não ultrapassa o tempo médio de 2,9 anos. Quando analisado mais detidamente, este dado assevera ainda que, nesse universo, 30% dos entrevistados sequer chegaram a passar por algum processo de escolarização. Outros 50% não ultrapassaram os cinco anos na escola (sendo a maioria deste universo estiveram apenas até o 3º ano). Apenas 1 indivíduo, que corresponde a 10% do total, cursou 11 anos de escola, concluindo o Ensino Médio.

Assim, os motivos que levaram essas pessoas a se tornarem pescadores foi principalmente o fato de não terem uma profissão definida, uma formação técnica que melhor atendesse os requisitos das demandas da reprodução do capital nos lugares por onde territorializou e que correspondia aos espaços de origem da maioria desses sujeitos. Estes espaços do eixo Nordeste e Centro-Sul do país (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul) corresponde a espaços que passaram por um processo de industrialização no período do Pós 2ª Guerra Mundial, êxodo rural com a modernização da agricultura e conseqüente inchaço das cidades dessas regiões (Soares, 2014).

Mais recentemente, a expansão da fronteira agrícola nas áreas do cerrado, que exige

no seu circuito de produção com maiores habilidades técnicas exigidas na operação das modernas que operam o seu circuito produtivo, atuam como fatores importantes a serem considerados como motivos que pulsionam a ida desses indivíduos à vida de pescadores.

Medeiros (1999), em seu trabalho com pescadores profissionais da Colônia Z-2 em Cáceres, mostrou que parte dos pescadores da referida colônia são provenientes de outros estados como, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Corroborando esta assertiva, o quadro indica que tratam-se de sujeitos provenientes das mais variadas atividades, sendo que todas elas tem, em comum, a não exigência de maior tempo de escolaridade e/ou uma habilidade técnica específica. Tratam-se de autônomos, lavradores, trabalhador rural e de serviços gerais (braçais) e serventes de pedreiro. Ou seja, são indivíduos habituados a prestar serviços que exigem muito o envolvimento físico e sem uma habilidade específica no circuito de produção econômica dos moldes do Sistema Capitalista.

Em trabalho realizado por Costa (2009, pág. 17) analisando comunidade de pescadores no Rio Teles Pires, na Amazônia Matogrossense, este assevera que “pescadores são pessoas simples que por falta de opção se tornaram pescadores, hoje estão se organizando em colônias, para garantir sobrevivência”. Neste mesmo trabalho no Norte Mato-Grossense Costa (2009) assevera que como as atividades econômicas da região passaram por diversos ciclos, algumas pessoas se obrigaram a mudar de atividade profissional para continuar sobrevivendo naquele local e assim alguns se tornaram pescadores, pois encontraram um ambiente acolhedor para tal atividade, assim adquirindo conhecimentos na própria prática do dia-a-dia da pescaria nos rios da região e ou com outros pescadores mais experientes.

A idade dos chefes de família entrevistados variou de 33 a 69 anos, o que revela uma idade média de 50,9 anos de vida. Neste caso em particular, quanto maiores as idades, as relações com o rio e o tempo que perpassa com ele são mais intrínsecas.

Segundo Amorozo (1996), ocorre um acúmulo de conhecimento à medida que os anos passam, de forma que os mais velhos tendem, a saber, mais sobre assuntos de interesse vital para a comunidade e são considerados pelo seu saber.

No que concerne o número de pessoas na família, percebe-se tratar-se de famílias não numerosas e, em média, são compostas por 2,6 indivíduos. Levando em consideração o tempo de existência da Vila dos Pescadores no conjunto de todo o processo de

Organização espacial de Vila Bela-MT, pode-se afirmar que o período médio de residência daquelas famílias na Vila dos Pescadores é recente. Esse tempo varia entre 02 e 22 anos no local. Entretanto, análise mais detida informam que do conjunto de chefes de família entrevistados, apenas dois revelaram que estão no local apenas 02 e 03 anos. E um deles informou que já está ali há 22 anos. A maioria respondeu ser um período entre 06 e 22 anos.

Por outro lado, os dados revelam que, em média, já residiam no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade há mais tempo e somente mais recentemente passaram a morar na Vila dos Pescadores. Em média, já residem na cidade por 30 anos, em contraponto com 15.33 de moradia na Vila dos Pescadores. Esse fato revela um aspecto importante da situação socioeconômica de Vila Bela da Santíssima Trindade e já aludio neste capítulo que é a não absorção dessa mão de obra “sem qualificação” e que se vê obrigada a buscar outras alternativas de sobrevivência sem precisar migrar da cidade. Assim, na busca por meios alternativos de sobrevivência e renda, muitas pessoas deixaram sua antiga profissão e se tornaram pescadores profissionais, dada a possibilidade que o município oferece com um rio Guaporé passando no meio da cidade, e ainda permanecer de maneira formal no mercado de trabalho.

2.1.2.2.1 O convívio social- comunitário e a organização política

No contexto das relações com o lugar, cujo entendimento e leitura se dá na compreensão das relações de afetividade e pertencimento dos habitantes do espaço que ali habitam e imprimem qualificações específicas com este, deparamo-nos com um espaço caracterizado por um modo particular de vida, de Comunidade- um espaço de convivência.

Sem maiores generalizações, tomamos como ponto de partida que o conceito de “comunidade” que é inerente a qualidade ou estado do que é comum. Mais adiante, está prenhe a este conceito a relação com outra categoria a de “identidade” (PINTO, 2010). Neste sentido, a comunidade é o lócus onde o indivíduo adquire conhecimentos desde sua infância e as informações adquiridas o inserem sua existência em um destino coletivo e lhe dão uma significação (PINTO, 2010).

No âmbito da Geografia Cultural, o conceito de comunidade aparece exemplificado nas palavras de Claval, citado por Corrêa e Rozendahl, referindo à Comunidade de lugar:

A vila tradicional de uma sociedade agrária sedentária aparece como o modelo da comunidade localizada. Nasce das frequentações múltiplas impostas pela coabitação. Os estilos de vida são semelhantes, o auxílio mútuo fácil... (Corrêa e Rozendahl, 1999, p.116).

Na Vila dos Pescadores de Vila Bela da Santíssima Trindade, o sentido de comunidade se reflete principalmente atrelado ao conceito de harmonia. Neste sentido, a forma de convivência entre os moradores é tranquila. São vizinhos a anos, compartilham e vivenciam o modo tradicional de vida, inter-relacionando com as dinâmicas do rio Guaporé. Exemplo mais claro disso está no fato de que, vivendo da pesca, têm a base da sua alimentação fundamentada em peixe.

As entrevistas e o convívio com a realidade da Vila dos pescadores permitem-nos aferir que o bom convívio comunitário é que sustenta a organização política do local. Ou seja, a harmonia da comunidade é base importante para fomentar as relações políticas com o ambiente externo e que implicam diretamente na vida daqueles pescadores. As respostas das entrevistas denotam essa relação entre vida comunitária e organização política, (quadro 3).

QUADRO 3: Entrevistas, em relação ao convívio e organização social Vila dos Pescadores

Asserções mais comuns relacionadas ao convívio social	Asserções mais comuns relacionadas à organização política
<p>“Todos se respeitam e se ajudam”</p> <p>“Convívio de forma tranquila, todos se respeitam”</p> <p>“Todos se ajudam e se respeitam”</p> <p>“Todos vivem bem, se respeitam e ajudam um ao outro”</p> <p>“Harmonia”</p>	<p>“Conscientização do pescador”</p> <p>“Sempre fazemos reuniões, para repasses de informações e escolher quando necessário”</p>

Fonte: João Carlos da Silva (2017)

O marco dessa organização política é a associação dos pescadores à Colônia Z-2, com sede na cidade de Cáceres e que responde por grande parte do conjunto de pescadores da Região Sudoeste de Mato Grosso. Essa organização é uma forma de

garantir seguros sociais aos pescadores.¹

De acordo com Costa (2009) a partir da Constituição de 1988, as Colônias de Pescadores foram equiparadas aos sindicatos urbanos, incluindo aí os princípios de livre organização.

No Estado de Mato Grosso, as Colônias de Pescadores em Mato Grosso foram fundadas no início da década de 1980 pela SUDEPE - Superintendência de Desenvolvimento da Pesca, que veio a ser extinta dando origem, juntamente com o IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e SUDEVEA - Superintendência de Desenvolvimento da Borracha, ao IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Costa, 2009). Atualmente, são em número de 10: Colônias de Pescadores Z-1 em Cuiabá, Z-2 em Cáceres, Z-3 em Rondonópolis, Z-4 em Nobres, Z-5 em Barão de Melgaço, Z-7 em São Félix do Araguaia, Z-8 em Santo Antônio do Leverger, Z-9 em Barra do Garças e Z-10 em Barra do Bugres, Z-11 em Poconé, Z-13 em Rosário Oeste e Z-16 em Sinop e região. (MEDEIROS, 1999).

De acordo com Façanha e Silva (2017), a Colônia de Pescadores Z-2, tem como área de atuação filiados e residentes em duas bacias hidrográficas: a do Alto Rio Paraguai, onde a atividade de pesca é desenvolvida no Rio Paraguai e seus afluentes e a bacia do Alto Rio Guaporé, onde a pesca é desenvolvida principalmente no rio Guaporé, com uma coordenação da colônia em Vila Bela da Santíssima Trindade. Tendo sido no ano de 1982;

A Colônia de Pescadores Z2, atualmente conta com 692 filiados, residentes em nove municípios do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mirassol D'Oeste, Curvelândia, Porto Esperidião, São José dos Quatro Marcos, Nova Lacerda e Glória d'Oeste, pertencentes à bacia hidrográfica do Alto Rio Paraguai e Vila Bela da Santíssima Trindade e Pontes e Lacerda, na bacia Amazônica. Destes 692 filiados, 473 são pescadores do sexo masculino e 219 do sexo feminino. (FAÇANHA e SILVA, 2017, pág. 131).

De acordo com Costa (2009), pela legislação pesqueira vigente no Estado de Mato Grosso, somente é permitida a pesca artesanal, a qual é desenvolvida em sua quase totalidade de forma individual, em pequenas canoas ou no máximo com um barco motorizado de pequena potência.

¹ De acordo com Medeiros (1999), a organização social dos pescadores no território brasileiro ocorre a partir de 1919 como uma ação do Estado, através da criação das Colônias dos Pescadores. Essa estrutura organizacional é estabelecida, em ordem hierárquica que sai do nível federal às organizações regionais. Assim, de forma verticalizada está estruturada em Confederação Nacional de Pescadores, Federação Estadual e Colônias.

Todos os pescadores e pescadoras, chefes de família pertencentes àquela comunidade, estão associados a Colônia Z-2 com sede em Cáceres. Entre os entrevistados, apenas 01 (um) componente mencionou participar de mais uma outra associação, sendo o caso do vínculo à Associação denominada “Quilombo”.

2.1.2.2.2 As razões, vantagens e engajamento no associativismo.

Os pescadores consideram importantes os seus vínculos à uma associação e as razões apontadas para isso denotam, no geral, necessidade de proteção social e econômica.

Sobre as razões, vantagens e também o nível de envolvimento à essa entidade de classe, tem-se o seguinte panorama (quadro 4).

QUADRO 4: Razões e vantagens do vínculo associativista (Colônia Z2)

RESPOSTAS FREQUENTES SOBRE AS RAZÕES E VANTAGENS DO VÍNCULO ASSOCIATIVISTA (COLÔNIA Z2)		
Razões	Vantagens	Nível de engajamento da comunidade com a Associação
<p>“Os incentivos dados ao pescador”</p> <p>“A associação está sempre em busca de melhorias para o pescador”</p> <p>“Já pescava antes e me profissionalizei para pescar de maneira legal e evitar confusão”</p>	<p>“Estar na legalidade, informação, etc.. ”</p> <p>“Seguro social em caso de doenças e direitos trabalhistas”</p> <p>“Seguro e legalidade”</p> <p>“Estar na legalidade e direitos trabalhistas assegurados”</p> <p>“Seguridade social”</p> <p>“Proteção das Leis trabalhistas e segurança em caso de doenças e acidentes”</p> <p>“Garantir aposentadoria”</p> <p>“Seguridade social e facilidade na venda do pescado”</p>	<p>80% dos entrevistados participam de todas as atividades inerentes à Associação, tais como reuniões para repasse de informações, reflexões e tomada de decisões</p> <p>20% participam de apenas algumas atividades.</p>

Fonte: João Carlos da Silva (2017)

O quadro acima nos permite algumas considerações importantes sobre o contexto de organização social e política dos pescadores. Nele, observa-se nitidamente que estes veem na organização através de uma Associação como forma de garantir algumas vantagens econômicas e sociais. Na perspectiva econômica, participação na Associação é uma forma de garantir renda em situações controversas como período de defeso e em casos de doenças e acidentes. No aspecto social, fortemente ligado ao fator econômico, a filiação é vista como uma forma eficaz de garantir seguridade social, especialmente junto ao INSS para garantir aposentadoria.

Outro aspecto relacionado às vantagens vista pelo pescador no tocante a Associação diz respeito ao fato de não estar na ilegalidade e poder identificar-se como pescador e assim exercer essa atividade econômica livremente, o que também amplia possibilidades de acesso ao comércio e possíveis linhas de crédito. É uma forma do sujeito pescador se visibilizar-se no contexto social e político local.

As razões apontadas pelos pescadores para sua filiação à Associação estão relacionadas estritamente com as vantagens que esta pode assegurar no tocante a seguridade social e a manutenção econômica, em curto prazo, em certo período do ano. Assim, participar ativamente das suas atividades são formas de manter estas “vantagens”. Neste sentido, 80% dos entrevistados afirmaram participar de todas as atividades inerentes às informações de pauta, reflexão e tomadas de decisões que acontecem na Associação.

2.1.2.3 O ritmo das águas e a organização socioeconômica

Segundo Faria (2002), as populações tradicionais são “grupos sociais que vivem a proximidade e dependência em relação aos diversos ambientes naturais e possuem como característica fundamental, um profundo conhecimento do meio natural e uma utilização sustentável do mesmo”. Assim, o ritmo do ambiente, da natureza passa a ditar o ritmo dos modos de vida, das articulações sociais e econômicas.

Importante rio do sistema fluvial da bacia Amazônica, o rio Guaporé tem sua nascente no Chapada dos Parecis, com altitude de 630 metros, desagua no rio madeira em (RO). É o principal rio da bacia hidrográfica do Guaporé.

A bacia do rio Guaporé compreende uma área de 38.563,81 km² do estado de Mato Grosso e tem como rio principal o rio Guaporé e como principais afluentes os rios Piolho,

Novo, Galera, Sararé, Pindaiatuba, Alegre e Barbado. A bacia banha os municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade, Comodoro, Pontes e Lacerda, Nova Lacerda, Conquista D'Oeste e Vale do São Domingos (ARAÚJO et al., 2014).

O rio Guaporé está presente em dois Estados, passando diretamente por 11 municípios, sua extensão é de aproximadamente 1400 km, porém desses somente 1.150 Km é navegável a partir da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no Mato Grosso. Somente quatro cidades possuem o rio Guaporé as suas margens – Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, no Mato Grosso, e Pimenteiras do Oeste e Costa Marques em Rondônia.

O rio drena uma região riquíssima em biodiversidade e beleza naturais. Representa uma zona de transição entre o Pantanal Mato-grossense, o Cerrado e a Amazônia. Sua flora e fauna mostram espécies características desses três ecossistemas. O significado de Guaporé em tupi-guarani – rio ao lado da mata alagada – é comprovado ao longo do vale desse belo rio que, durante as cheias, forma imensas áreas alagadas nas planícies em volta. (BRASIL, 2007).

Seu período de estiagem vai de maio a novembro, período em que as atividades pesqueiras estão em atividade.

2.1.2.3.1 A atividade pesqueira

Pautados na dinâmica do Rio Guaporé e toda a sua bacia que envolve também os seus afluentes, todos os entrevistados apresentam relações com o rio tendo como atividade principal a pesca, tantos nos moldes de subsistência como no sentido profissional visando a comercialização. Entretanto, a pesca na modalidade profissional é praticada pelos chefes de família entrevistados, já a de subsistência configura como uma atividade mais direcionada às crianças e/ou mulheres não associadas a Colônia Z-2. Trata-se de uma atividade rotineira destinada à alimentação diária da comunidade, (figura 5).

Figura 5: Atividades pesqueiras, realizadas por moradoras/pescadoras da Vila dos Pescadores.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Na atividade profissional, alguns pescadores viajam dias e até centenas de quilômetros atingindo o Estado de Rondônia desenvolvendo a atividade pesqueira. Este é o caso de senhor popularmente conhecido como “Ceará e sua esposa Dona Linda”.

Como dito anteriormente, a filiação à Colônia Z-2 proporciona, além de uma proteção coletiva, importantes orientações no sentido dos encaminhamentos comerciais do pescado. Entretanto, apesar de existir orientações perpassadas no sentido dos ajustes dos preços, os pescadores afirmam que possuem total liberdade para proceder a valoração de acordo com o que considerar justo, conforme ilustra o (quadro 5), versando sobre a organização coletiva em torno dos aspectos econômicos.

QUADRO 5: A organização coletiva em torno dos aspectos econômicos.

Pergunta	RESPOSTAS FREQUENTES	
	Sobre a interferência da Associação	Sobre a possível interferência no valor do pescado comercializado
Como a organização coletiva (associação) interfere ou não no atendimento dos interesses econômicos, no que se refere aos valores cobrados na comercialização do pescado?	<p>“Todos os pescadores têm direito a vender o peixe no valor que achar justo, mas a maioria vende com os preços iguais”</p> <p>“Todos têm autonomia em relação à venda do peixe, mas sempre mantém o valor igual”</p> <p>“Autonomia para alcançar um preço justo”</p> <p>“Todo peixe é pesado e comercializado pelo próprio pescador, a Colônia recolhe somente uma taxa mensal referente ao INSS”</p>	<p>“Existe um acordo para o valor ser consensual, mas todos têm autonomia em relação aos preços”</p> <p>”É uma escolha coletiva, mas também tem autonomia em relação ao valor da venda”</p> <p>“Autonomia em relação ao valor, porém, sempre com respeito para que os outros pescadores não saiam prejudicados”</p> <p>“O pescador tem autonomia na escolha do preço, mas o que vigora é um consenso em relação ao valor”</p>

Fonte: João Carlos da Silva (2017)

É preciso ressaltar ainda que no conjunto das respostas demonstradas, as expressões “autonomia” e “consenso” se sobressaem.

De acordo com Martins (2002) a ideia de autonomia aparece na literatura acadêmica geralmente vinculado ao contexto de participação social, as vezes combinado com a ideia de ampliação da participação política no que tange à descentralização e desconcentração do poder. Assim, o exercício da autonomia está diretamente relacionado à própria construção da democracia.

Já a ideia de consenso está relacionada a duas acepções: a primeira se vincula a conotação de um acordo geral entre os membros de um grupo ou comunidade. O segundo se relaciona a teoria da prática de proceder tais acordos. Segundo o Dicionário Houaiss, consenso é, em primeiro lugar, "concordância ou uniformidade de opiniões, pensamentos,

sentimentos, crenças etc., da maioria ou da totalidade de membros de uma coletividade" (HOUAISS, 2001).

Não obstante, na Vila dos Pescadores, cabe aqui ressaltar que a trama de relações econômicas se mostram eficazes ao pescador, dando-lhe a orientação e a melhor estratégia de sobrevivência no bojo da participação social que realiza dentro da Associação. Assim sendo, mesmo que este não esteja falando diretamente de democracia a partir de uma consciência teórica sobre esse assunto, depreende-se que suas relações econômicas acontecem em um espaço democrático.

Depreende-se ainda da análise do quadro acima que a interferência da Associação em relação a organização econômica dos pescadores, esta acontece mais no sentido de criar uma mentalidade de coletividade, mostrando os parâmetros de valores que seriam justos e viáveis economicamente a cada associado.

Ressalta-se que essa mentalidade coletiva mostra-se um importante fator indicativo de unidade e cooperação. Isso pode ser ressaltado em uma resposta demonstrada no (quadro 3), que assevera que todo pescador tem "Autonomia em relação ao valor, porém, sempre com respeito para que os outros pescadores não saiam prejudicados". A partir disto, autonomia e consenso se entrelaçam e culmina com a materialização da Comunidade que busca um bem comum. Isso por sua vez, ressalta o pertencimento. Neste sentido, o conceito de lugar realçado da ideia de pertencimento do indivíduo ao todo, de forma integrada, ganha a sua expressão mais nítida na Vila dos Pescadores.

No que tange objetivamente ao público alvo da comercialização do pescado, o panorama geral aponta os seguintes personagens e respectivas porcentagens, conforme ilustra a (tabela 1).

Tabela 1: Público alvo da comercialização do pescado em porcentagens.

Público de destino	Quantidade do pescado destinado em (%)
Atravessador/ Consumidor direto	20%
Restaurante/ Consumidor direto	60%
Consumidor direto	20%

Fonte: João Carlos da Silva (2017)

De acordo com a ilustração da tabela, 80% do pescado atinge o consumidor direto

e/ou os restaurantes do local e região. Segundo verificação in loco, além de abastecer o comércio de alimentação de Vila Bela da Santíssima Trindade que é considerada cidade turística por seus atrativos culturais e naturais, o pescado da Vila dos Pescadores é comercializado também em outros municípios e até fora do estado e Mato Grosso.

Segundo SANTOS & SANTOS (2005), não se sabe exatamente o número de peixes que ocorrem na Amazônia, mas as estimam que seja de 1,5 a 6.000 mil espécies.

Especificamente no Rio Guaporé, bacia hidrográfica em que ocorre as atividades dos pescadores da Vila, as espécies mais comuns capturadas são: tambaqui, pintado (Surubi), cachara (*Pseudoplastiptoma* sp.), matrinxã (*Brycom* sp.), tucunaré (*Cchila* sp.), traira e piranha (*Serrasalmus* sp.) (figura 6).

Figura 6: Espécies capturadas no rio Guaporé.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Quanto aos valores, algumas espécies consideradas mais nobres e mais raras são mais procuradas e possuem maior valoração, sendo o caso do Tambaqui, pintado/Surubi, a Cachara, Matrinchá e tucunaré que são vendidos nas faixas entre R\$ 15,00 reais à R\$ 18,00 reais o quilo.

Tem os outros que são bem procurados pelo consumidor, porém são considerados simples devido à captura ser mais fácil e acessível. É o caso da trairá, a piranha e o piau que são vendidos a RS 10,00 o quilo.

Em alguns casos os valores demanda da procura e disponibilidade do produto no mercado, os peixes nobres têm essa oscilação de 2 reais para mais ou menos, assim também os outros peixes mais simples.

Quanto as atividades encontradas no processo de comercialização do pescado sobressaem em primeiro plano preocupações com a concorrência que chamam de “desleal” de pescadores amadores não legalizados e também, na atualidade, a concorrência com a produção criada em cativeiro em forma de tanques. Esta modalidade de preocupação anotada como dificuldade dos pescadores podem ser evidenciadas nas palavras do senhor Adão Sampaio de 41 anos de idade e 13 dedicados à pesca quando alude que “Há dificuldades em relação ao valor do pescado quando o pescador não é profissional. Há também a concorrência com tanques”. Neste mesmo sentido corroboram os depoimentos:

“Há concorrência clandestina e a presença de tanques” (Miguel Ângelo).

“Há concorrência com vendedores clandestinos” (Eugênio Lopes)

“Há concorrência com tanques e pescadores clandestinos” (Luiz Miranda)

“Existe a concorrência de pescadores amadores e tanques. Isso ocorre por que na cidade falta emprego e, então, todo mundo pesca e vende barato”

(Eulinda Leite).

Depois, são anotados também dificuldades com infraestrutura oferecida pelo poder público que pudessem dar melhor conforto e espaço de comercialização do peixe. Neste sentido as palavras de João Fernandes, 64 anos de idade, assim esclarecem: “Há problemas com a demanda local, falta de feiras livres e também concorrência de tanques”.

2.1.2.3.2 O período de defeso e as (re) articulações no lugar

Período de defeso, também chamado de Piracema é o lapso temporal em que a

pesca fica proibida nos rios Matogrossense com a finalidade de assegurar a reprodução dos peixes e, assim, garantir a manutenção das espécies. De acordo com a Lei 11.959, Cap. II Art.2º o defeso é a paralisação temporária da pesca para a preservação da espécie, tendo como motivação a reprodução e/ou recrutamento, bem como paralizações causadas por fenômenos naturais ou acidentes. Nesse período o Governo Federal por meio da Colônia de pescadores disponibiliza um benefício (o seguro-defeso) de um salário mínimo com intuito de dar suporte de sobrevivência ao pescador (PINTO, 2010).

Neste contexto, afirma Costa:

Piracema é o período de desova dos peixes, quando nadam contra a correnteza para a desova e reprodução. Segundo o autor, esta palavra "piracema" vem do tupi e significa algo como "saída de peixes"; como os índios descreviam esse fenômeno que ocorre com milhares de espécies no mundo inteiro. (COSTA, 2009, p.90)

Temporalmente, na maior parte do Brasil, neste caso o Estado de Mato Grosso, a piracema coincide com o período das chuvas de verão, geralmente entre os meses de outubro a março. Tal evento é fundamental para a preservação da piscosidade (abundância de peixes) nas águas de rios e lagoas. Tal proibição é uma estratégia de prevenir impactos provocados pela pesca abusiva (COSTA, 2009).

No decorrer dos anos tem sido recorrente descontentamentos entre pescadores que sobrevivem dessa atividade e os órgãos responsáveis pelo pagamento do Seguro Defeso e fiscalização da proibição da pesca nesse período, quais sejam, Governo Federal através do Ministério do Trabalho e SEMA (Secretaria de Meio Ambiente de Mato Grosso). Isso ocorre por causa da distinção de competência entre o órgão responsável pelo o pagamento do Seguro (governo federal) e o que fiscaliza a proibição (SEMA). Com Competências distintas e burocracia no andamento dos documentos e deficiência na troca de informações, o que se observa ano pós ano é o atraso no início do pagamento do seguro. Não raro, muitas vezes o pagamento chega quando já se passaram os primeiros meses de proibição. Este fato obriga os pescadores procurarem outros meios alternativos de geração de renda nesse período, ensejando uma reorganização de suas práticas naquele espaço em específico e também no seu entorno.

Há ainda outras questões com desencontros entre Secretaria de Meio Ambiente e pescadores no que diz respeito a Piracema, uma delas diz respeito ao próprio período designado para o período de defeso. Segundo os pescadores, a SEMA trabalha com uma legislação que não funciona adequadamente à região em questão, uma vez que na prática, estes observam que a dinâmica de reprodução dos peixes não coincide exatamente com o período que muitas vezes é estipulado pela SEMA. No Estado e Mato Grosso, a Piracema inicia-se em início de novembro e vai até final de fevereiro, entretanto, e segundo os pescadores, já em outubro é possível encontrar peixes com ovas. Neste caso, percebe-se a necessidade de maiores estudos para corrigir a distorção.

Assim posto, pode-se afirmar que o modo de vida dos pescadores e a sua (re) organização naquele espaço é ditado pelo ritmo das águas e seu conjunto ecobiótico. Em função da sazonalidade na dinâmica das águas (cheia e vazante), o tempo de pesca é determinado, revelando diferentes momentos na vida dos pescadores. Em certo período é o vaivém das embarcações, a procura de iscas, subida e descida nos rios... é a comercialização do peixe (figura 7).

Figura 7: O retorno das embarcações, após uma pescaria bem-sucedida, (espécies capturadas



Figura A: Pirarara e barbados



Foto B: Tucunarés; Foto
Fonte: João Carlos da Silva (2017)



Foto C: Pintados e cacharas).

Em outro, é hora de restaurar as embarcações (figuras 8 e 9), recompor apetrechos de pesca, fazer algumas reparações nas suas residências, mas também garantir a sobrevivência em outras fontes alternativas de renda, haja vista que muitas vezes o seguro defeso sai atrasado conforme já mencionado.

Figura 8: Barco de madeira sendo construído.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Figura 9: Barco de madeira finalizado.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Na Vila dos Pescadores de Vila Bela, apenas um casal sobrevive exclusivamente da pesca. Entretanto, este fato se justifica tendo em vista que um deles já recebe aposentadoria do INSS e isso não lhes impõem a necessidade de procurar outras fontes de sobrevivência com o atraso no seguro defeso.

Na comunidade, 60% dos pescadores entrevistados responderam exercer outra atividade complementar no sentido de geração de renda. Como dito anteriormente, este período coincide geralmente com a Piracema. São atividades diversas e que remontam às suas antigas práticas laborais; àquelas exercidas antes da atividade profissional como pescador. Assim, passam a trabalhar em pequenas construções, limpezas de terrenos para outrem e, principalmente, em fazendas da região onde se ocupam com a criação de gado bovino, esta que é a principal atividade econômica do município, (quadro 6).

QUADRO 6: Outras atividades complementares no sentido de geração de renda.

PERGUNTA	RESPOSTAS FREQUENTES
Possui outras fontes alternativas de renda? Caso afirmativo, qual?	<p>“Faço diárias em fazenda”</p> <p>“Faço diárias como pedreiro, em fazenda, etc.”</p> <p>“Faço diárias do tipo trabalho braçal, como limpeza em caixa d’água”</p> <p>“Em período de pesca fechada, vendo farinha de mandioca e faço diárias em fazendas”</p>

Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Faz-se importante observar diante das respostas elencadas no quadro anterior que uma parte das alternativas encontradas para gerar renda se realiza dentro da própria comunidade e envolve saberes vinculada a tradição do lugar. É o caso da produção de farinha, cuja matéria prima se planta dentro da comunidade. Ou seja, esta atividade denota um aspecto importante da vida no lugar com a dinâmica das águas, neste caso, época de plantio e colheita da mandioca obedece a sazonalidade da cheia e vazante do rio Guaporé. Esse fato reforça, ainda, como o circuito das águas organiza as práticas econômicas no tempo e no espaço.

Outro aspecto importante nesta análise sobre o papel da dinâmica do rio na organização socioeconômica dos moradores da Vila dos Pescadores, está no modo das construções das casas. Estas são construídas em forma de palafitas, como uma nítida forma de arranjo das construções no espaço em função da sazonalidade das águas, (figuras 10, 11).

Figura 10: Casas em formatos de palafitas.



Foto A: Captura de imagem registrada no período das cheias dos rios, mês de março, ano 2016.



Foto B: Captura de imagem registrada no período de estiagem, agosto, 2016.
Fonte: João Carlos da Silva (2017)



Foto C: Captura da imagem, abril, 2017.

Figura 11: Construção de novas casas.



Foto A: escolha do terreno, estrutura inicial/base



Foto B * erguimento das paredes



Foto C: paredes e estrutura do telhado em Construção.

Fonte: João Carlos da Silva (2017).



Foto D: casa pronta, "obra finalizada"

Assim sendo, as relações econômicas pautadas no ritmo das águas e que demonstram períodos em que a comunidade se volta para atividades mais externas, anunciam outro aspecto bastante relevante desta pesquisa- a coabitação. Aspecto que abordaremos com maior profundidade no próximo capítulo.

2.1.2.3.3 *Para além do econômico e do político: a vivência cotidiana no espaço*

A vida na Vila dos Pescadores começa bem cedo. Ainda de madrugada, ao cantar dos primeiros pássaros e do grunir dos macacos, ambos que tem as árvores do entorno do

rio como refúgio, a exemplo do Aracuã-pintado, Jaçanã, Curicaca, etc., as luzes no interior das casas começam a se acender. Logo se ouve o som do guaraná de bastão se desfazendo na glosa, são pescadores se arrumando para mais uma pescaria. É o despertar dos moradores para mais um dia de vida, (figura 12).

Figura 12: Dona Linda e Sr Ceará, ponto inicial da pescaria.



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Ainda de madrugada o senhor Ceará em companhia de sua esposa dona Linda e seu filho Erismar partem para o rio para, como eles mesmo dizem “ganhar a vida”. Mas não se trata de uma partida marcada pelo estresse da correria para pegar o ônibus e a exaustão do sono que ainda não se desfez como se observa na vida dos sujeitos dos grandes centros urbanos, aqui, voltar-se para o rio logo nas primeiras horas do dia (figura 13) é como recompôr as energias com todos os elementos oferecidos por ele- matéria prima para a vida de toda a comunidade.



Figura 13: Embarcações realizando os ciclos da atividade pesqueira, hora em busca de melhores pontos para pesca, hora retornando para os lares. **Fonte:** João Carlos da Silva (2017).

O destino de pesca é subir o rio Guaporé e ir pescando até a cidade de Pimenteiras-RO e, lá, comercializar o pescado e voltar pescando novamente para Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Serão trinta dias de pescas consecutivos, sendo esta rota já familiarizado pelo pescador que, em média faz esse percurso de três a cinco vezes ao ano. Conhecem o rio, seus meandros e suas sutilezas. Neste período, é local de trabalho, moradia... local de vida. Ali dormem nas embarcações e se alimentam dos peixes de menor valor e de menor procura pelo mercado consumidor.

Já amanhecendo o dia, outros pescadores saem para pescar, muitos deles com destinos mais próximos, com o retorno esperado para o final do dia quando o sol se põe, ou à noitinha. O pescador Eugenio relata que “no período com sol os peixes de escamas pegam mais, e ao anoitecer os peixes de couro puxam mais”. Estes pescadores que retornam logo no final da tarde, geralmente levam o famoso “quebra torto”; marmita de

comida feita ainda de madrugada, ou, quando não levam comida, assam peixes na barranca do rio.

Vida e natureza se entrelaçam em sintonia e o pescador sabe disso. Conhece o ritmo e funcionamento da natureza e se organiza à partir disso. Ele sabe que os elementos da natureza funcionam em sincronia com os astros. Assim esclarece que “as fases da lua é de suma importância para a pescaria e sendo a lua cheia a melhor de todas para render mais peixes” (Senhor Eugênio).

Como conhecem o lugar, organizam suas vidas nela e o percebem a partir das experiências acumuladas, sabem identificar os melhores pontos de concentração de peixes, os melhores horários para se pescar, bem como os tipos de iscas para cada espécie de peixes. Sabem ainda quais épocas pegam mais peixes de acordo com as espécies. É a vida se organizando no espaço à partir do conhecimento que o pescador tem sobre o rio e todo o seu funcionamento sistêmico.

Para os moradores que ficam na vila, o dia também é de intensas atividades. O papel feminino é mais voltado para as atividades domésticas. Assim, se dedicam ao preparo do almoço, na maioria das vezes composto por arroz, feijão, peixe frito e/ou ensopado, e uma verdura ou legume plantados na própria Vila (figura 14).



Foto B: Plantação de batatas



Foto C: Canteiros de cebolinha e etc



Foto D: Sr. Eugenio e sua plantaçao de tomates



FOTO A: Sr. Ceará mostrando os cultivares plantados no quintal de casa

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)
Fotos: João Carlos da Silva (2017).

Figura 14: Cultivos de subsistências, e suas variedades.



Foto E: Dona Linda preparando os canteiros



Foto F: Canteiro de morango



Foto G: Morangos colhidos na Vila dos Pescadores

Sempre no período da tarde surgem as rodas de conversas entre os moradores da própria Vila e também com pessoas que vão ali apenas para apreciarem o entardecer à margem do Rio Guaporé. Ali mesmo, as crianças aprendem a fazer uso do espaço de acordo com o ritmo das chuvas na região e das águas do Guaporé. No período da seca, meses que se estende de maio a setembro, brincam com bola naquele espaço comunal. Já no período de cheias, entre os meses de novembro a março podendo se estender até o mês de abril, dependendo das chuvas, passam a tarde brincando sobre as águas que extrapolam o leito do rio e dominam os quintais (figura 15).



Figura 15: Brincadeiras e banho de rio, atividades comuns na Vila dos Pescadores, crianças se refrescando em seus quintais durante o período das cheias do rio. **Fonte:** João Carlos da Silva (2017).

Ao observar o cotidiano das crianças, as brincadeiras, pode-se afirmar que “o tempo do rio, o tempo do brincar, o desafio do contato do corpo com a água é que determinam o momento de iniciar ou de terminar a brincadeira, o jogo” (POJO & LOUREIRO, 2011, p. 23).

Tais sensações demonstram que as brincadeiras realizadas pelas crianças também traduzem a cultura ribeirinha, pois: as brincadeiras vividas pelos ribeirinhos se diferenciam das brincadeiras comuns da cidade urbana, principalmente pelo contexto e pelas regras. A floresta e o rio são elementos característicos da cidade ribeirinha, constituindo-se no cenário fundamental para a realização da maioria das atividades. (POJO & LOUREIRO, 2011, p. 24).

Por ocasião do período de defeso o cotidiano na Vila dos Pescadores passa por um processo de (re) organização e isso se dá em função das condições políticas e econômicas que são costuradas no ambiente externo à Vila dos Pescadores.

Nos últimos anos o Governo Federal tem atrasado muito em relação aos pagamentos do seguro defeso, fator que tem levado muitas famílias daquele lugar à prestar serviços em

fazendas no município. Em alguns casos, o pescador presta serviço diário informal nas fazendas e retorna para sua família ao anoitecer. Nessa mesma esteira, mulheres saem para prestar serviços domésticos em regime de diaristas em casas de famílias no centro urbano. Aqui, já aparecem sinais claros da relação com outros lugares, com outros segmentos econômicos e começa a se manifestar o espaço da coabitação como retrataremos em seguida. De qualquer forma, percebe-se a vida se organizando naquele espaço a partir do ritmo das águas no Rio Guaporé.

3. VILA DOS PESCADORES DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE COMO ESPAÇO DE COABITAÇÃO: O PAPEL DO RIO PECUÁRIA.

3. 1 DO ESPAÇO COABITADO AO LUGAR NA GEOGRAFIA CRÍTICA

Na Geografia Tradicional, período que se estende da institucionalização (início do século XIX) até o final da primeira metade do século XX, com o surgimento da Geografia Teorética-quantitativa, o termo espaço aparece de forma implícita nas obras de Ratzel como “Espaço Vital” e de Hartshorne como “Espaço Absoluto. Nesta corrente, os conceitos balizares da Geografia foram: paisagem e região.

De acordo com Correia (2003) Ratzel desenvolveu dois conceitos fundamentais, trata-se do conceito de território e de espaço vital, ambos fortemente voltados à ecologia e a política. O espaço vital para Ratzel expressava as necessidades territoriais de uma sociedade em função dos recursos naturais.

Apesar das alusões dadas ao Espaço especialmente por Ratzel e Hartshorne, o espaço não fora o conceito-chave do período tradicional. Neste sentido, o pouco debate sobre ele empreendido contribuiu para a superficialidade com que este foi tratado, gerando uma pobreza e fragilidade na teorização do mesmo.

No período pós 2ª guerra, o mundo vivenciou a necessidade de profundas mudanças, pois o avanço do meio técnico-científico-informacional demandou que as ciências, principalmente a Geografia, acompanhasse tal processo. Neste contexto, a partir de então, a Geografia ficou conhecida como Geografia teórico-quantitativa. Nesta linha de pensamento o conceito de espaço adquire importância fundamental e tornou-se basilar.

Assim valorizado, na Geografia teórico-quantitativa, o espaço recebe duas conotações: planície isotrópica e representação matricial.

Para Correia (2003) a planície isotrópica é uma construção teórica que expressa à concepção de um espaço baseado no paradigma racionalista e no hipotético dedutivo. Neste entendimento o espaço seria uniforme, tanto no que se refere à geomorfologia, clima, vegetação, assim como a sua ocupação humana. Neste espaço de lugares iguais, os mecanismos econômicos permitem a diferenciação espacial. Para Sposito (2004), esta planície se caracteriza por sua homogeneidade e por sua diferenciação espacial. Tal

homogeneização se relaciona aos aspectos físicos e a ocupação humana, enquanto a diferenciação espacial é levada através das ações e dos mecanismos econômicos.

Na representação matricial, o espaço seria representado por uma matriz e por sua expressão topológica. Para Correia (2012, p.23) esta concepção se constitui em meios operacionais que nos permitem extrair um conhecimento sobre localizações e fluxos, hierarquia e especializações financeiras.

Porém, as reflexões sobre o Espaço como objeto da investigação geográfica receberam novos contornos epistemológicos concebido a partir da Geografia Crítica.

A Geografia Crítica ou Radical, assentada nas bases do Marxismo e do Materialismo Histórico, proporcionou profundas mudanças acerca do conceito de espaço. Esta corrente segue como uma crítica a Geografia Tradicional e de cunho positivista, porém, estas críticas são aprofundadas em torno da Geografia Teórica-Quantitativa. Para Costa e Rocha (2010) o Materialismo Histórico e Dialético buscou entender as contradições inerentes ao Sistema Capitalista de produção e a divisão da sociedade em classes. Nesta concepção, o mundo deve ser compreendido como dinâmico, em movimento, contraditório, histórico e a perspectiva da ciência é a transformação da realidade, objetivando novas sínteses.

3.1.1 Espaço e Coabitação na Geografia Crítica

Os trabalhos que contemple o marxismo na Geografia Crítica encontram em Lefebvre uma de suas bases mais sólidas. Para este autor, o espaço é definido como o local onde se materializa a produção e reprodução das relações espaciais de produção, campo de luta de classes sociais.

De acordo com Lefebvre (2008), o espaço aparece e se forma em diferentes níveis e a partir de diferentes práticas, que não se restringem à produção e pode estar ligado ora ao trabalho, ora às relações de dominação, numa conexão entre as forças produtivas e as relações de produção. Assim, o espaço é um produto das relações entre os múltiplos elementos que compõem a vida social.

Para Santos (2009) o espaço geográfico é resultante das relações humanas sobre a natureza, transformando-a em ente histórico e social. Assim, a necessidade material e imaterial conduz o homem a transformar os espaços de maneira intencional, formando diferentes paisagens ao longo do tempo.

Alentejano (2000) defende que o espaço para Lefebvre foi mais importante que o tempo, pois é a condição da reprodutividade do capital. Em tempo de Globalização, o capital necessita de espaço para garantir sua produção. Neste contexto podemos entender o espaço como a principal matéria-prima para o capital.

Moreira (2007) entende o atual momento da Globalização como sendo o Espaço caracterizado pela tensa coabitação dos contrários. Neste sentido esclarece que o mundo é formado pela diversidade. Porém, esclarece a interligação entre as diferentes faz num determinado ponto, faz gerar um nó que vai se resumir em uma unidade única, de um só todo. Este nó, diverso e único é o Espaço Coabitado. Ampliando este entendimento sobre a Coabitação como natureza do Espaço, o próprio autor ainda assevera que “em qualquer sociedade a coabitação é o conteúdo necessário da convivência espacial dos homens” (MOREIRA, 1997).

Como se procede o movimento que constrói o espaço coabitado, à partir dos sujeitos e objetos que o compõem? Sobre isso, Moreira (2007, pág. 63).

A grande pergunta que devemos fazer é o que leva tudo a ser diferente e ao mesmo tempo uma só realidade. A resposta relaciona-se a como o homem se localiza dentro desse mundo e a partir daí o vê e unifica. É quando o mundo estendido diante dele se revela uma grande coabitação. Uma convivência global, onde animais, vegetais, nuvens, chuvas, tudo se relaciona num viver com o homem. E assim não só o homem não se vê como uma figura isolada e inerte dentro dessa diversidade, como também se vê como co-participe e criador do mundo. Compreende que tem com o todo uma relação de sujeito-objeto, criando e sendo criado no mundo. Isto é, que não apenas coabita, mas atua, age sobre a diversidade, rearrumando-a no sentido de dar-lhe a forma unitária de um modo de vida, torná-lo um mundo, e assim constrói-se a si mesmo.

Este novo raciocínio sobre o espaço vai repercutir decisivamente no comportamento metodológico do pesquisador em Geografia pois abre fronteira para o olhar sobre a unicidade na diversidade do tempo, das contradições que se materializam numa realidade única em diversos pontos da Terra.

Este conteúdo epistemológico da Geografia Crítica, bastante influenciada pelo pensamento de Henri Lefebvre influenciou decisivamente o Professor Milton Santos, que evidenciou o conceito de Formação Socioespacial ou Formação Espacial como teoria e método da análise em Geografia.

3.1.1.1 A formação socioespacial como possibilidade de leitura do espaço coabitado.

“Na Geografia a formação espacial passa a ser um instrumento de análise do espaço sob a ótica da dialética marxista e do materialismo histórico” (CRUZ, 2003 p. 67), e se apresenta como subsídio para análise e compreensão dos contextos históricos, sociais e geográficos, que se traduz no posicionamento político e ideológico do sujeito.

Ainda de acordo Cruz (2003), a formação espacial atribui ao espaço um *status* de condição basilar para a viabilização da produção e reprodução das diversas formações econômicas e sociais representativas dos diferentes modos de vida, dispostos sobre o espaço geográfico.

Segundo Moreira (1982), o arranjo espacial é um processo composto por variações históricas por meio da relação homem/meio. O espaço geográfico, no entanto, é produzido e reproduzido em diversas formas por meio do trabalho e ações humanas. Vale ressaltar a importância da sociedade, ponto chave, tanto na construção quanto na reconstrução dos arranjos socioespaciais. Nessa perspectiva, torna-se evidente que o espaço é condição e resultado das práticas espaciais que são organizadas em função de forças determinadas pela lógica de produção em determinado tempo, aliado aos caracteres específicos de cada local. Assim, o espaço condiciona práticas específicas que o qualificam e dotam-no de conteúdo.

A geografia pensada à partir do conceito de formação Sócioespacial designa-se a interpretar e compreender os processos passados que coadunam e condicionam o presente por meio dos diversos conjuntos de momentos que se integram no decorrer do tempo no espaço. Segundo Moreira (2011), por detrás de todo arranjo espacial estão relações sociais, que nas condições históricas do presente são relações de classes, as quais se organizam e se efetivam em um lugar. Ainda segundo este autor, sistema econômico, no nosso caso o Capitalismo, tem papel estruturante.

Sobre o papel decisivo do elemento econômico e, por conseguinte, do capital no arranjo do espaço, Moreira (2006) salienta que as práticas que definem o arranjo no espaço geográfico é o resultado da ação econômica (que atua na ordem estrutural), e também dos componente político-ideológico e simbólico cultural (da ordem da superestrutura) dos atores que compõem uma sociedade.

A ideia de que o espaço é regulado pela estrutura econômica e que deu origem ao conceito de formação econômico-social é elaborada por Karl Marx e desenvolvido por Lênin, o qual designa a “evolução diferencial das sociedades no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provem o impulso” (SANTOS, 1979, p.10).

Martins (1996, p.19), afirmou que “a formação é econômica e social porque abrange simultaneamente esses dois âmbitos das práxis: a natureza (o econômico) e a sociedade (o social)”. Portanto, refere-se à relação entre homem e natureza. Nessa relação o homem modifica a si próprio e, ao mesmo tempo, altera a natureza e a sociedade, produzindo, no processo histórico, formações socioeconômicas diferenciadas e datadas.

O conceito de formação econômico-social pressupõe concretude, refere-se a uma realidade específica, constituindo historicamente, conforme explicou Santos (1971, p. 107).

A noção de formação econômico-social é indissociável do concreto representado por uma sociedade historicamente determinada. Defini-la é produzir uma definição sintética da natureza específica das relações econômicas e sociais que caracterizam uma sociedade numa época determinada.

Santos (1979, p. 13), embasado em Atlhusser (1965), complementa afirmando que “uma formação econômica-social é “um objeto real que existe independentemente de seu conhecimento, mas que não pode ser definido a não ser por seu conhecimento”.

Estas novas reflexões no âmbito desta corrente paradigmática também faz emergir novas proposições metodológicas em torno das categorias da Geografia, entre estas, do Lugar.

3.1.1.2 O lugar e a captura do espaço na Geografia Crítica

Segundo Cavalcanti (1998), compreender o lugar como categoria de análise geográfica é condicionar mecanismos para interpretação e leitura dos diferentes arranjos socioespaciais que se formam ao longo do tempo, sendo que as experiências vivenciadas pelos sujeitos que animam e atribuem vida a cena espacial é fundamental para a ciência geográfica.

Contemplamos o lugar como uma categoria geográfica carregada de relações estabelecidas no contato direto do sujeito com o cotidiano vivenciado ao longo do tempo.

Pensado dessa forma o lugar ganha visibilidade para a análise e compreensão do espaço geográfico.

Para Moreira e Hespanhol (2008) a sociedade depara-se com um conjunto de acontecimentos que ultrapassam as fronteiras do local, pois são eventos globais, mas sua repercussão se materializa no lugar. Aliás, o lugar é o depositário final dos eventos (SANTOS, 2003).

Para Moreira (2011, p. 62), o espaço é o estatuto epistemológico sobre o qual a Geografia deve erigir-se como ciência. E tal noção reside na mera constatação de que a história desenrola-se no espaço geográfico, mas, antes de tudo, o espaço geográfico é parte fundamental do processo de produção social e da estrutura de controle da sociedade. A leitura e interpretação do espaço geográfico podem ser realizadas através da compreensão dos diferentes lugares e modos de vidas que o constitui.

As reflexões de Santos (1999, p.14) reforçam que “[...] cada lugar, através de sua estrutura técnica e de sua estrutura informacional, acolhe uma fração, maior ou menor, das redes globais”. Assim, Moreira e Hespanhol (2008) mencionam que o lugar, em sua atuação adquire características próprias: afetivas, simbólicas, de pertencimento, espaço vivido e que, não está isolado mas numa rede geográfica, constituindo um ponto de ligação, conexão da construção socioespacial.

Segundo Moreira e Hespanhol (2008) o mundo vivido é tratado por Buttimer (1982) como uma peça-chave na relação entre a Geografia e a fenomenologia. O lugar seria o mundo vivido, “o elo entre os procedimentos geográficos e fenomenológicos”. Cada pessoa tem seu lugar natural, o ponto zero do seu sistema pessoal de referência. “Cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (BUTTIMER, 1982, p. 178 apud MOREIRA e HESPANHOL, 2008).

Corroborando com este entendimento, CARLOS (1996) assim escreve:

“Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo- dos sentidos dos passos de seus moradores “[...] são também pontos de encontro.” (CARLOS, 1996:21)
 “[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. Isto porque a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis sem com isso eliminar-se as particularidades do lugar, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os

ritmos da vida, formas de apropriação expressando sua função social, projetos, desejos.” (CARLOS, 1996:30)

Para a autora, o conceito Lugar guarda sua singularidade em diferentes escalas temporais, pois cada sociedade produz e determina os diferentes ritmos e formas de vida, sendo os sentimentos afetivos o grande elo entre sujeito e lugar.

O lugar no âmbito da Geografia Crítica é o espaço familiar ao indivíduo, vivido e experienciado, mas não é uma realidade isolada, pertence a um conjunto de lugares, marcados por diferentes naturezas e unidos por uma complexa rede de relações (políticas, econômicas e sociais) que se estabelecem em diferentes escalas que formam o espaço geográfico (MOREIRA, 2007). Essa definição de lugar, como uma construção sócio histórica dada pela geografia radical, complementa o sentido de lugar dado pela Geografia Humanística.

Na visão de Carlos (2007), o lugar é produto das relações sociais que se realizam no plano do vivido, e isso garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura, produzindo a identidade. Nesse contexto, o lugar se constitui na base da reprodução da vida.

[...] é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é ao que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. (CARLOS, 2007, p. 17).

É no viés de pensar o lugar como produção histórico-social e refletir sobre os mecanismos que operam e condicionam as dinâmicas singulares de sua produção no processo de formação socioespacial, que percorremos esta discussão para entender a Vila dos Pescadores como um lugar de Coabitação. Um espaço produto das relações que ultrapassam as influências apenas do meio circundante.

De acordo com Moreira (2007) este Lugar dos tempos da Globalização é o espaço de síntese e sobre o qual requer um novo olhar. Segundo esse mesmo autor este Lugar contemporâneo é o ponto de referência da inclusão-exclusão. Este autor ainda assevera que:

O lugar que a rede organiza em sua ação arrumadora do território é um agregado de segmentos ao mesmo tempo internos e externos de atividade. (...) o interno que

integra os segmentos numa única unidade regional de espaço é a horizontalidade. Por sua vez, a nodosidade é o externo que integra numa coalescência os segmentos contíguos ao fluxo do mundo verticalmente. É a verticalidade. A verticalidade é a combinação dos diferentes nós postos acima e além da horizontalidade (MOREIRA, 2007, pág. 60).

Visto por esta perspectiva, o lugar na era da Globalização é o resultado da coabitação de elementos internos (horizontais) com elementos da ordem externa (verticais). Neste sentido, pautamos a seguinte questão: como a Vila dos Pescadores se põem como lugar neste período da Globalização? Que elementos existentes na Comunidade informam o lugar na perspectiva da sua horizontalidade e que elementos o informam como resultado da verticalidade no contexto espacial de Vila Bela da Santíssima Trindade?

3.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO SÓCIO ESPACIAL DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: MATRIZES DA COABITÇÃO DA VILA DOS PESCADORES

A região do Guaporé, na fronteira Oeste de Mato Grosso constitui-se como recorte de grande importância para análise geográfica, dado ao conteúdo geográfico que contém e que foi produzido ao longo de três séculos. Nesse contexto está o município de Vila Bela da Santíssima Trindades-MT, cujo aparecimento remonta às estratégias de consolidação da fronteira portuguesa frente aos espanhóis no século XVIII.

Como expressão material de toda a trama de relações entre os seres humanos entre si e destes com a natureza, o espaço regional e seu conteúdo é assim o resultado de um complexo jogo entre as dimensões econômicas, políticas, sociais e simbólicas no espaço-tempo. Conforme anuncia Haesbaert (2010), a região, deve ser compreendida em sua constante reconfiguração de seu desenho espacial e da sua complexidade, considerando o entrecruzamento dos sujeitos e dimensões que a constroem.

A Região da fronteira Sudoeste de Mato Grosso onde se localiza atualmente o município de Vila Bela da Santíssima Trindade, tem seu processo de origem e formação imbricados no movimento expansionista-colonial de conquista e posse do território na fronteira Oeste, movida pela Coroa Portuguesa no sentido de estabelecer e fortalecer a fronteira do Brasil ante aos possíveis avanços dos espanhóis e também expandir a economia comercial colonial, pautada na exploração dos recursos naturais, na primeira metade do século XVIII (SOARES, 2014 , VASCONCELOS, 2006 e JANUÁRIO, 2004)).

É nesse contexto que a estruturação do espaço da fronteira Sudoeste de Mato Grosso começa a ganhar seu conteúdo geográfico, em que os interesses do império lusitano são determinantes na formação e organização dos arranjos territoriais que culminam na formação de núcleos urbanos no século XVIII, à exemplo de Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade, respectivamente, os dois primeiros aglomerados urbanos do Estado. Esse processo esteve imbricado ao desencadeamento da marcha empreendida pelas “bandeiras paulistas” voltada a ocupação, apropriação e/ou construção do território brasileiro no período colonial (VASCONCELOS, 2006 apud SOARES, 2014, p.56).

Este movimento conforme Moraes (2005), além da finalidade econômica onde se buscava a exploração mineral (ouro), continha uma intenção colonizadora da política lusitana de ocupação do território da colônia, com uma forte orientação de cunho geopolítico, em que a máxima era garantir a soberania e a integridade dos fundos territoriais. Sendo esta uma missão básica.

Nesse sentido, podemos compreender a necessidade de se criar e fundar, vilas e cidades como estratégia geopolítica da coroa portuguesa, direcionada para as áreas de fronteira. Abreu (2006) comenta que essa ação é resultado prático de Portugal como forma de controle territorial. Por essa razão, estar no bojo dessa política a adoção de um sistema municipalista de base urbana, cujas raízes remontam ao Império Romano, onde se prioriza a construção de arraiais (ou povoado), a vila e a cidade. Assim, é o período do século XVIII, que marca a marcha do povoamento e da urbanização do Planalto Brasileiro em terra como de Goiás e Mato Grosso.

Sobre esse avanço geoestratégico da Coroa Portuguesa em expandir seus domínios, e assim, garantir a posse e/ou ocupação do território Higa (2005), menciona que isso promove a dilatação e/ou expansão da fronteira e a interiorização da população e da economia (HIGA, 2005).

As fundações das cidades em Mato Grosso nesse período como (Cuiabá – 1719; Vila Bela da Santíssima Trindade- 1752; Cáceres – 1778; Corumbá – 1778, atualmente município pertencente ao Estado de Mato Grosso do Sul; Poconé – 1780), surgiram, a partir, da penetração do bandeirismo sob a atividade extrativa mineral conforme salientam Azevedo (1992) e Carvalho (2001), citados por Soares (2014). É preciso ressaltar que, de acordo com o tratado de Tordesilhas celebrado entre Portugal e Espanha, as terras onde hoje se localizam essas cidades pertenciam à coroa espanhola (JANUÁRIO, 2004).

Conclui-se que esse movimento expansionista-colonial, entrelaçada sob um forte conteúdo geopolítico de expansão e conquista do território na fronteira deram legitimidade e/ou direito da posse, mas, sobretudo, deram um conteúdo onde são postas as bases para o início da dinamização no espaço regional da fronteira, por nelas, se estabelecer grande teor político-militar e econômico.

Soares (2014) estudando o processo de Formação Socioespacial das pequenas cidades da Região de Planejamento de Cáceres, localizada na fronteira Sudoeste de Mato Grosso escreve que:

Neste contexto político e econômico que se vê o surgimento da primeira cidade da Região de Planejamento, retratada no capítulo anterior, Vila Bela da Santíssima Trindade, cuja edificação se deu com o trabalho de escravos africanos e do qual erigiu todo o processo do acontecimento da região da Grande Cáceres. Na saga da construção desta cidade, arrastaram pedras canga encontradas na região, construíram os grandes edifícios centrais, como a igreja matriz e o quartel dos Capitães e Generais. Cortaram árvores, abriram a mata, cultivaram o solo e colheram alimentos para a elite portuguesa (SOARES, 2014, pág. 60).

Fundada em 1752 pelo capitão-general D. Antônio Rolim de Moura, Vila Bela da Santíssima Trindade foi a primeira capital de Mato Grosso, cujo nome contém forte apelo religioso vinculado à Igreja Católica e que, por sua vez, exercia grande influência no Estado à época, a invoca o dogma das três Pessoas da Santíssima Trindade. Sua construção foi decidida em Lisboa e inteiramente planejada pela corte (SOARES, 2014).

Vila Bela da Santíssima Trindade, desde o início da sua edificação foi marcada pela instabilidade tanto política quanto do ambiente. A população basicamente urbana mantinha-se no fluxo do ouro, com constantes ameaças indígenas das etnias Pareci e Nhambiquara (BANDEIRA, 1988).

Sem ter uma base produtiva consistente que garantisse a alimentação da população, combinado com o fato do local ser atingido por moléstias malária, tifo e varíola, que matam anualmente grande quantidade de pessoas, e a decadência do ouro, faz com que a cidade entre em forte estagnação e declínio. Além disto, com assinatura do Tratado de Madri, a província perde sua importância estratégica (SIQUEIRA, 1990).

Deste modo, com a decadência econômica e sem condições ambientais para manter a sede da província em Vila Bela, a capital se transfere para Cuiabá levando consigo os seus fundadores e toda a máquina administrativa. Nela permaneceram predominantemente os negros remanescente de escravos e, em menor proporção, a população indígena

(SIQUEIRA, 1990 citado por SOARES, 2014). A população remanescente se organizou e tornou-se ao longo do século XIX até meados do XX, uma comunidade relativamente igualitária, com relações de produção próximas as de um grupo tribal.

Entretanto, esse quadro sofrerá transformações, ainda que muito lentamente, a partir da década de 1970 quando começa a repercutir em toda a fronteira do Sudoeste de Mato Grosso os reflexos do Programa a Marcha para o Oeste, lançado pelo Governo Getúlio Vargas com o objetivo de ocupar os “espaços vazios” da Amazônia Ocidental. Assim, a partir de então, começa a ocorrer uma modificação no quadro demográfico, com os fluxos migratórios dos brancos que voltaram a ocupar esse espaço. Segundo Soares (2014), esse processo desencadeou mudanças demográficas, econômicas, culturais e políticas no município.

No período de 1960 e 1970, o Departamento de Terras e Colonização (DTC), a Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso (CODEMAT) e o Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT) executaram projetos de colonização e assentamentos situados no Vale do Guaporé, Jauru e na Baixada Cuiabana, restringindo-se à distribuição de lotes. Com o tempo os assentados abandonaram os lotes devido ausência de infraestrutura adequada e de uma política de crédito e de assistência técnica. (BARROZO, 2008:23). A partir da década de 1970 ocorreram dois tipos de colonização em Mato Grosso: a colonização oficial ou dirigida e a particular, sendo que esta última predominou no território mato-grossense, opção está feita pelos órgãos governamentais estatais, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e CODEMAT, incumbidos de promover e organizar a ocupação das terras devolutas estaduais e em repassar a colonização da Amazônia Matogrossense às companhias colonizadoras. As empresas e cooperativas que adquirissem áreas para implantar projetos de colonização “recebiam do Estado a concessão para a venda dos lotes, ficando obrigadas a montar a infraestrutura básica para o assentamento dos colonos, sendo para isso favorecidas por fundos públicos.” (MENDES, 2012:206). Em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, a presença de moradores de outros estados tem sua origem nas políticas do governo a partir das décadas de 1970, e em alguns casos, trabalhadores que vieram como mão de obra para muitos fazendeiros.

Nessa trajetória de organização e reorganização do espaço Vilabelense, diversos foram os sujeitos que atuaram nesse processo. Entre estes, estão os componentes da coroa portuguesa e escravos trazidos da África por ocasião do processo colonizador,

pequenos agricultores e, atualmente, grandes pecuaristas, pescadores e demais trabalhadores assalariados.

3.2.1 O Capital Globalizado Engendrando no Espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

De acordo com Moreira (2010), o cenário atual vivido pela sociedade corresponde ao terceiro momento da consolidação das sociedades sob a égide do sistema capitalista de produção. Este momento é caracterizado pela dissolução da centralidade industrial e estabelecimento de uma centralização em torno de um polo móvel: o capital financeiro. Orientado por comandos técnicos que redimensionou o papel das comunicações, dos transportes e da informação de modo geral, o espaço global se organiza em redes. Isso o torna cada vez mais fluido, de modo a orientar e requalificar as práticas sociais que organizam o espaço na atualidade.

Essa nova mobilidade do capital financeiro, assim como já ensinado por Santos (1992) tem atingido, por conseguinte, identidades locais/ regionais, de modo a reorientar as práticas nesses espaços e a sua (re) estruturação. Trabalhos como de Bardie (1996), aludem que os processos de globalização “irão cada vez mais impor uma sociedade em rede, em detrimento de uma sociedade territorial, regionalizada” (HAESBAERT, 1996, p. 58).

Depreende-se que o capital vai se engendrando no espaço e, num certo recorte (uma região) incorpora a este suas demandas no sentido de melhor se reproduzir. Desta forma, o capital se regionaliza e qualifica este espaço- a região.

A produção do espaço local/ regional é, portanto, uma ação combinada entre as práxis da sociedade num determinado tempo com o comando e as demandas do sistema produtivo nesse mesmo período. Isso é, então, o espaço concebido na sua formação econômico-social.

Para Santos (1979, p. 14), formação econômico-social trata “de uma estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente por certa distribuição da atividade de produção”. Neste sentido, sendo o Capitalismo, com sua natureza centrada no lucro e na produção de mercadorias, constitui-se a base de toda a engenharia da produção do espaço. Assim, este, o espaço, se organizará a partir das contradições inerentes a esse modelo de produção.

As contradições inerentes ao sistema Capitalista se expressam na divisão territorial e social do trabalho, ora horizontalizada quando expressa a divisão da produção entre espaços, como é o caso do rural e do urbano, ora verticalizada, quando divide segmentos sociais por assimilação dos saberes técnicos, por exemplo (LIPIETZ, 1997). Essas contradições por sua vez, ganham sentido à medida que nem todos os espaços estão equipados de atributos naturais e humanos que atendem as demandas da sua reprodução.

É o que Moreira (2010) chamou de processo de Seletividade, onde o Capital elege os espaços “convenientemente” à sua reprodução. Neste sentido, deve considerar o espaço em estudo como uma totalidade socioeconômica concreta, formada, historicamente, mediante condições políticas específicas, advindas de ações externas e internas.

O mesmo professor Ruy Moreira ao teorizar sobre a construção geográfica de uma sociedade, aponta esclarecimentos fundamentais para essa compreensão no plano do método. Segundo ele, um ponto na superfície terrestre é escolhido para a localização de um determinado elemento estrutural demandado pelo capital. Essa localização é produto do processo de seletividade. Nas sociedades atuais, a seleção é orientada pela lógica de mercado; que atende critérios da divisão territorial do trabalho. (MOREIRA, 2010).

Pode-se afirmar que nos dias de hoje o capital da pecuária de corte tem se constituído na base estruturante do espaço vilabelense, sendo este, portanto, o elemento organizador das práticas que ali ocorrem.

Para Callabi e Indovina (1973), as relações capitalistas de produção e o desenvolvimento das forças produtivas são as responsáveis pela configuração específica de cada território. Nesse sentido, Albagli e Brito (2003, p. 4), afirmam que a configuração e a expressão dos arranjos territoriais locais encontram-se em geral associados às trajetórias históricas de construção de identidade e de formação de vínculos territoriais, a partir de uma base política, econômica, social e cultural comum. Portanto, “A reprodução do espaço aparece como resultado do processo de produção e reprodução do capital, que se realiza como capital adicional e que tem como condição de existência, a apropriação do trabalho alheio” (CARLOS, 1992, p.18).

3.2.1.1 A territorialização do capital da pecuária e repercussões socioeconômicas no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT e Vila dos Pescadores

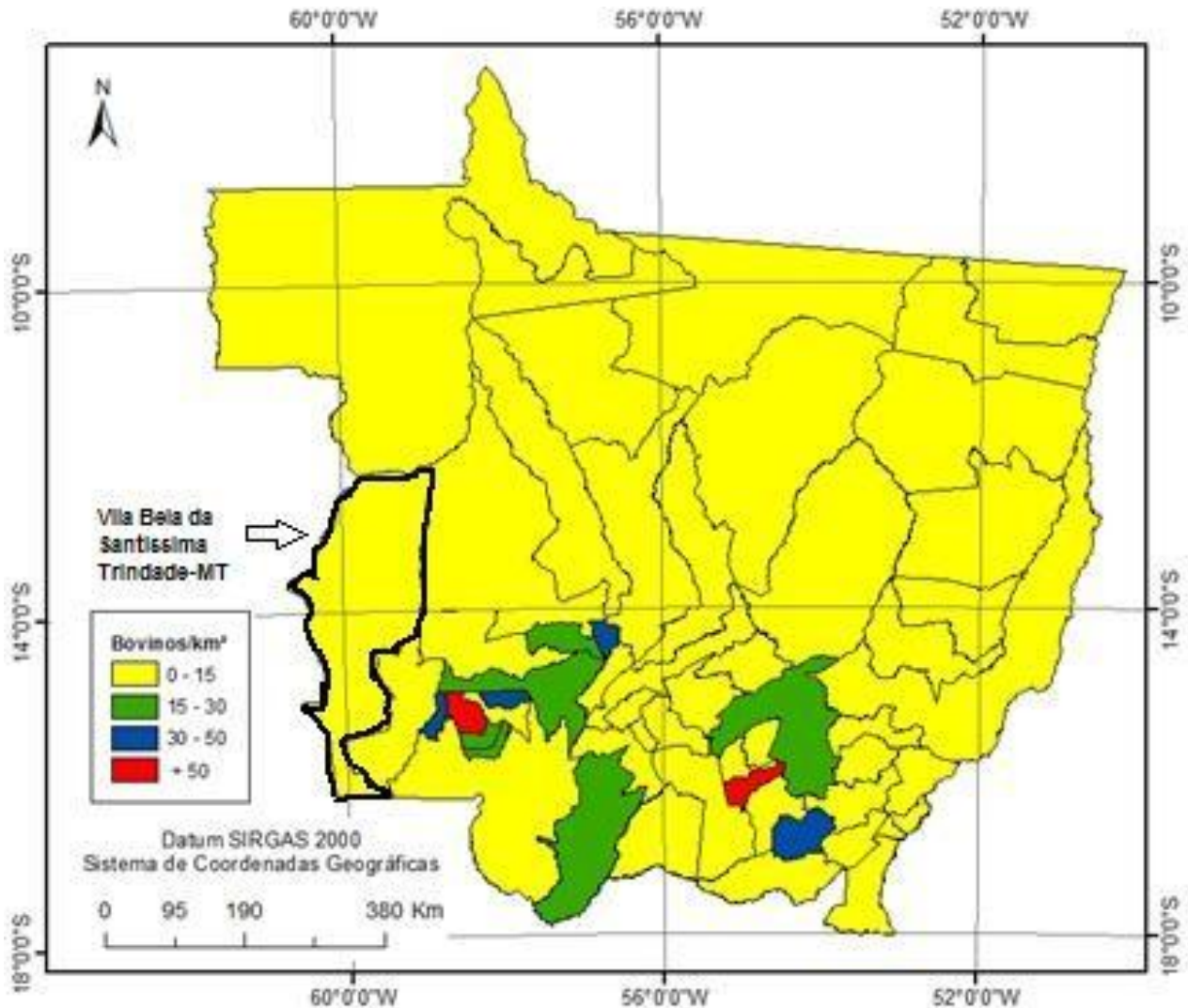
Seguindo a própria natureza do espaço em geral no mundo capitalista com característica de constante movimento, o espaço da fronteira, ainda vem, se (re) construindo. Assim, podemos entender que o Espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade na fronteira Sudoeste de Mato Grosso, sendo produzida sob as bases do Sistema Capitalista de produção é uma realidade contraditória no tempo e no espaço, como resultado advindo de um conjunto de *espaços geográficos*, que foram moldados ao longo do processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, desde o século XVIII (DUARTE, 1989).

Ao se tratar historicamente do processo que iniciou a dinamização do capitalismo na fronteira Sudoeste de Mato Grosso, Mamigonian (1986) e Higa (2005) vão aludir que somente será incrementada através da inserção da pecuária no pantanal, no final do século XIX. Segundo esses autores, tal atividade favoreceu o processo de reestruturação econômica e regional à medida que ampliou as relações comerciais internas e externas e favoreceu a expansão da ocupação. Essa nova dinamicidade regional estava associada à produção de charqueada; atividade esta que pendurou até durante a primeira metade do século XX.

As atividades agropastoris que se estabeleciam e cresciam tanto em produção e extensão, além de fomentar vertiginosamente a economia, também fomentavam para uma vertiginosa concentração da terra. Segundo Mamigonian (1986) a formação desses latifúndios contribuiria para a criação de uma aristocracia rural, que passou a constituir-se como os sujeitos donos dos meios de produção (a terra), e da riqueza proveniente dessa produção (a pecuária).

Especificamente no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, a pecuária se territorializa em décadas mais recentes, mais precisamente a partir dos anos de 1970. Considerando o seu vasto território que, à época abrangia as terras onde hoje se localiza o município de Comodoro, de acordo com o Censo Agropecuário em Mato Grosso, realizado pelo IBGE, em 1980, o município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, contava com um rebanho bovino que não passa de 15 (quinze) cabeças por km², conforme (figura 16).

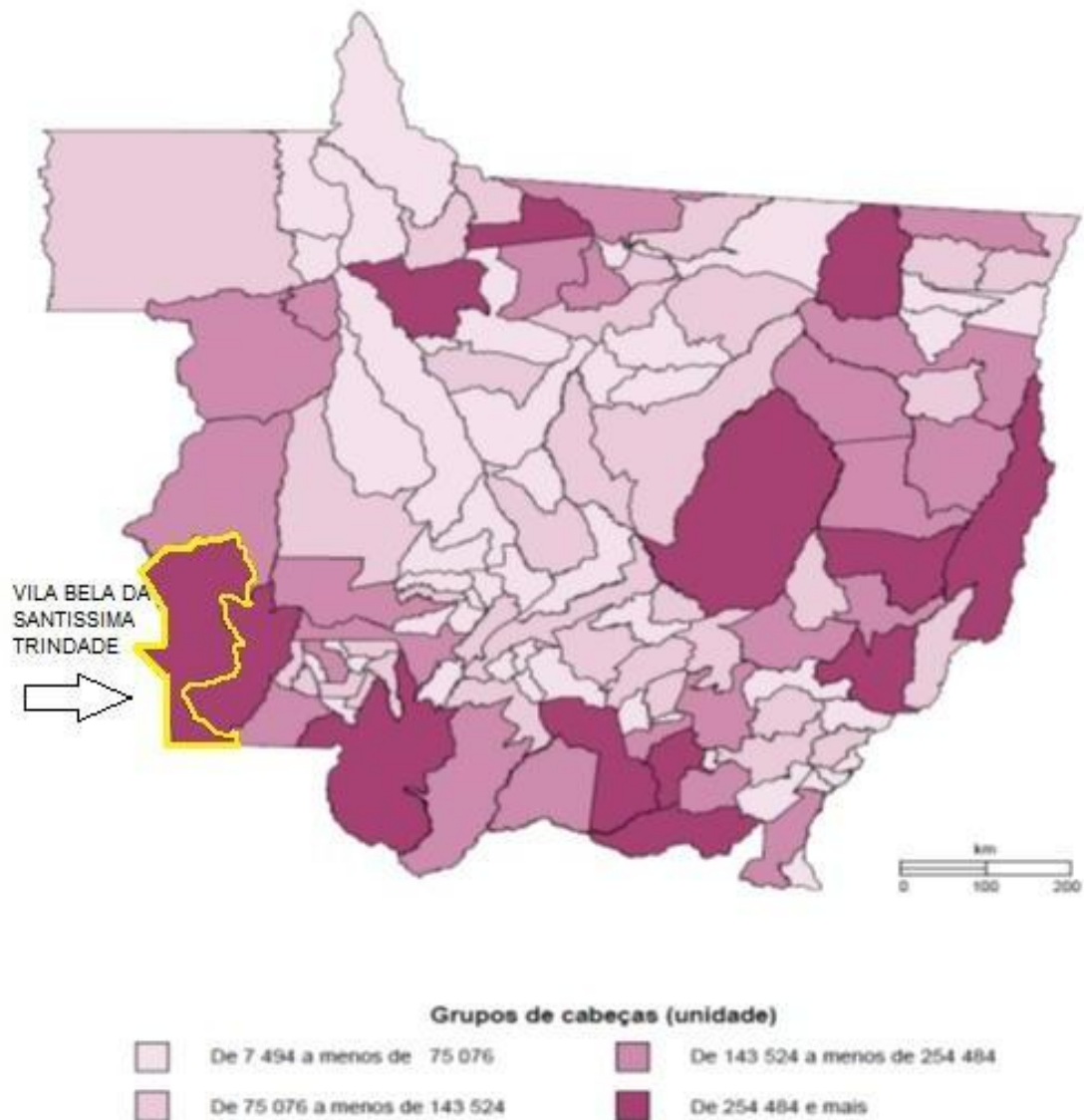
Figura 16: Cartograma demonstrando a densidade do rebanho bovino no estado de Mato Grosso. Destaque para o município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.



Fonte: Adaptada, censo agropecuário do IBGE, 1980. **Organização:** João Carlos da Silva (2017)

Entretanto, quinze anos depois, a nova publicação do IBGE sobre o Censo Agropecuário de Mato Grosso publicado no ano de 1996, mostra que houve expressiva evolução no rebanho bovino de Vila Bela. Neste sentido, os dados indicam que, em 15 anos, o rebanho cresceu na ordem de cerca de 3.126% no município. Isso pode ser constatado à medida que o censo demonstra que o rebanho sai da média de 15 cabeças por Km² e salta para a média de 254 a 484 cabeças por km², conforme ilustra a (figura 17).

Figura 17: Densidade de bovinos no estado de Mato Grosso. Destacando o município de Vila Bela da Santíssima Trindade em 1995.



Fonte: Adaptada, censo agropecuário do IBGE, 1995-1996 Mato Grosso

Organização: João Carlos da Silva (2017)

A forma como ocorreu esse avanço do rebanho bovino no município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, retrata de forma bastante contundente, como essa atividade econômica territorializou naquele espaço atropelando pequenos lavradores que habitavam aquelas terras, trabalhadores estes que viam a terra como modo de vida e não como valor econômico.

Para retratar melhor esse processo, análises feitas pelo JORNAL DIGITAL DE MATO GROSSO “O LIVRE”, permitem-nos importantes esclarecimentos.

Em entrevista concedida ao JORNAL DIGITAL DE MATO GROSSO “O LIVRE”, na data de 25 de maio do ano de 2017, o senhor Elísio Ferreira de Souza, remanescente da geração dos primeiros escravos negros de Vila Bela e ex-prefeito da cidade, nos fornece importantes menções sobre o quadro do espaço agrário daquele município antes da chegada mais efetiva da pecuária, bem como os moldes em que esse processo se inicia. Assim, caracteriza o espaço e a paisagem da época:

Era selva”, diz, sentado numa cadeira de macarrão na varanda da sua casa, uma construção térrea e antiga a poucos metros do Rio Guaporé. Perto da Serra de Ricardo Franco, onde hoje quase tudo é soja, gado e milho, havia pequenos sítios de agricultores, casas com paredes de barro e telhados de palha erguidas em campos abertos com machado, foice e enxada, porque naquele tempo não existia motosserra, conta. “Eram plantações para sobrevivência. (SOUZA, 2017, p.1).

Segundo o entrevistado, espalhou-se a notícia no Brasil afora que nesta porção do Estado de Mato Grosso havia terras muito férteis. Segundo ele

Começaram a ocupar a margem do Guaporé, depois foram subindo a serra”. “A primeira coisa que faziam era abrir uma pista de pouso”. As terras de pequenos roçadores acabavam incluídas em grandes demarcações. E os homens da cidade ofereciam dinheiro para que saíssem dali. “O sujeito estava numa área que ele achava que era dele e, de repente, já tinha um dono mais pesado por cima, com mais poder em todos os sentidos. (SOUZA, 2017, p.1)

Na verdade, trata-se do período de colonização decorrente do Programa Marcha para o Oeste que incentivava a ocupação das terras devolutas da Região Amazônica na sua porção Ocidental e que culminou num intenso fluxo migratório para a Fronteira Sudoeste de Mato Grosso entre as décadas de 1960 e 1970 e tornou-se povoamento e surgimento de muitos municípios na Região da Grande Cáceres.

De acordo com o que se retrata nas falas do entrevistado, o processo de ocupação dessas terras antes ocupadas por “pequenos roçadores” remanescentes quilombolas e indígenas, foi extremamente exploratório. Um processo onde, disfarçado de uma indenização, se saqueou as terras de grupos humanos que ainda não compreendiam a perversidade do Capital na sua sutileza de desterritorializar. Esse entendimento se explicita na fala do senhor Elísio quando assevera concluindo ironicamente:

Eles davam dinheiro e mostravam documentos que conseguiam por meio do Departamento de Terras em Cuiabá [Departamento de Terras e Colonização, criado no primeiro mandato do governador Fernando Corrêa da Costa e posteriormente

denominado Departamento de Terras do Estado de Mato Grosso]. Era uma negociação amigável e silenciosa entre os desinformados e os muito bem informados que vinham de fora. (SOUZA, 2017, p.1).

Assim como já retratado nos trabalhos de Heint (2003) e Soares (2014), a ocupação dessas terras se deu remontado a inúmeras irregularidades e a época também denunciadas pelo jornal digital de Mato Grosso “O LIVRE”. Neste sentido os autores mencionam que vigorava na época a prática de adquirir terras devolutas através de “requerimentos”. O possuidor deste era geralmente alguém com trânsito na burocracia do governo. Neste mesmo sentido, de acordo com Sene (2004, p. 40,) citado por Soares (2014, pág. 83),

A maioria das áreas reservadas para colonização não se achavam totalmente legalizadas, sendo grandes os problemas provocados por essa situação, como transparece no trecho do Relatório do Departamento de Terras Minas e Colonização que diz que: *O aventureirismo e a improbidade campearam o Departamento de Terras [...]. Não se respeitaram as reservas feitas para a Colonização a quem o governo precisava redirecionar.*

Conforme, o JORNAL DIGITAL DE MATO GROSSO “O LIVRE”, as fazendas “Capivary” à época pertencente à família de Zigomar Franco Filho e “Barreto” foram as primeiras da região. Pouco depois, vieram os Sanches Tripoloni. Segundo o morador, os grandes compradores de terras daquela época, nos arredores da Serra Ricardo Franco; um dos locais por onde deu-se início a pecuária bovina. É importante mencionar que estes primeiros fazendeiros constituíam-se, no caso dos Sanches e Tripoloni, nos donos de uma antiga construtora incumbida de pavimentar rodovias no Estado na época como é o caso BR-364 (JORNAL DIGITAL DE MATO GROSSO “O LIVRE”, 2017, P.1).

Ainda através de depoimento do senhor Elísio, assim o jornal digital de Mato Grosso “O Livre”, denuncia a forma com que como os fazendeiros da época das ocupações, através de amizades com os políticos explorava as terras para a inserção do gado:

Sem dúvida os fazendeiros tinham amizade com os políticos que comandavam o Departamento de Terras”, desconfia. “Uma das provas disso era a proximidade entre o João Sanches Junqueira e o Hélio Palma de Arruda”, continua referindo-se ao ex-prefeito de Cuiabá, que àquela época havia assumido uma diretoria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá). “Eles eram sócios”, prossegue Elísio. “Sempre aconteceu esse movimento de políticos e empresários para a ocupação de grandes extensões de terra em Mato Grosso. (SOUZA, 2017, p.1).

Sobre a ocupação das terras de Vila Bela da Santíssima Trindade nos arredores da Serra de Ricardo Franco, nesse contexto de saque via favorecimento para a implantação da pecuária o Jornal enfatiza através da entrevista na época que “Com certeza houve favorecimento” (JORNAL DIGITAL DE MATO GROSSO “O LIVRE”,).

Segundo o Jornal “O Incra recebia dinheiro para regularizar terras em nome de outros”.

Neste sentido, com a inserção da pecuária em Vila Bela da Santíssima Trindade, marca-se uma nova fase da territorialização do capital neste município através da criação do gado bovino, juntamente com a extração da madeira que fazia parte do contexto da retirada da mata para a implementação do pasto. Assim,

A motosserra chegou no início dos anos 1980, pelas mãos dos latifundiários. Caminhões carregados com cinquenta homens, máquinas e gasolina, passavam semanas nas imediações da serra, devastando a floresta. “O primeiro executor do Incra que veio para cá era quem negociava com os latifundiários interessados”, conta. ((SOUZA, 2017, p.1).

É um novo momento no contexto da Formação Socioespacial de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT que (re) estrutura o espaço agrário e conseqüente toda a dinâmica socioespacial do município. O Jornal assim elucida esta reestruturação a época da inserção da pecuária no município:

Aos pés da serra, (...), a primeira trilha havia sido aberta pelos agricultores da cidade com machados e traçadores. A primeira terraplanagem que deu feição de estrada à MT-199, contudo, aconteceu graças às duas retroescavadeiras e ao trator de esteira granjeados por Elísio. Os madeireiros e pecuaristas contribuíram com o diesel. Assim, construíram as primeiras pontes de madeira e abriram as portas do lugar onde antes só se chegava por meio dos rios (SOUZA, 2017, p.1).

As repercussões da pecuária não se fazem sentir apenas na reestruturação fundiária e na forma de uso da terra com a inserção da pecuária, mas também nos aspectos ambientais, mais estritamente, no contexto hídrico que, por sua vez, se relaciona diretamente com a sobrevivência dos pescadores, sujeitos principais desta análise. Sobre esse assunto, o entrevistado Souza (2017, p.1), afirma, “O rio já não tem a proporção de água que tinha no passado. Muitos tipos de animais que existiam na região não existem mais”.

3.2.1.1.1 A pecuária no atual contexto socioeconômico de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

Como já dissemos anteriormente, este município localizado na área de fronteira materializa na sua organização espacial o resultado de dois momentos bastante distintos no que diz respeito aos aspectos históricos, políticos e econômicos que deram causa à sua formação. No primeiro momento relaciona-se com a teia de articulações geopolíticas do século XVIII entre Portugal e Espanha, no segundo, com os reflexos do processo de Ocupação das terras da Amazônia Ocidental decorrente da Marcha para o Oeste.

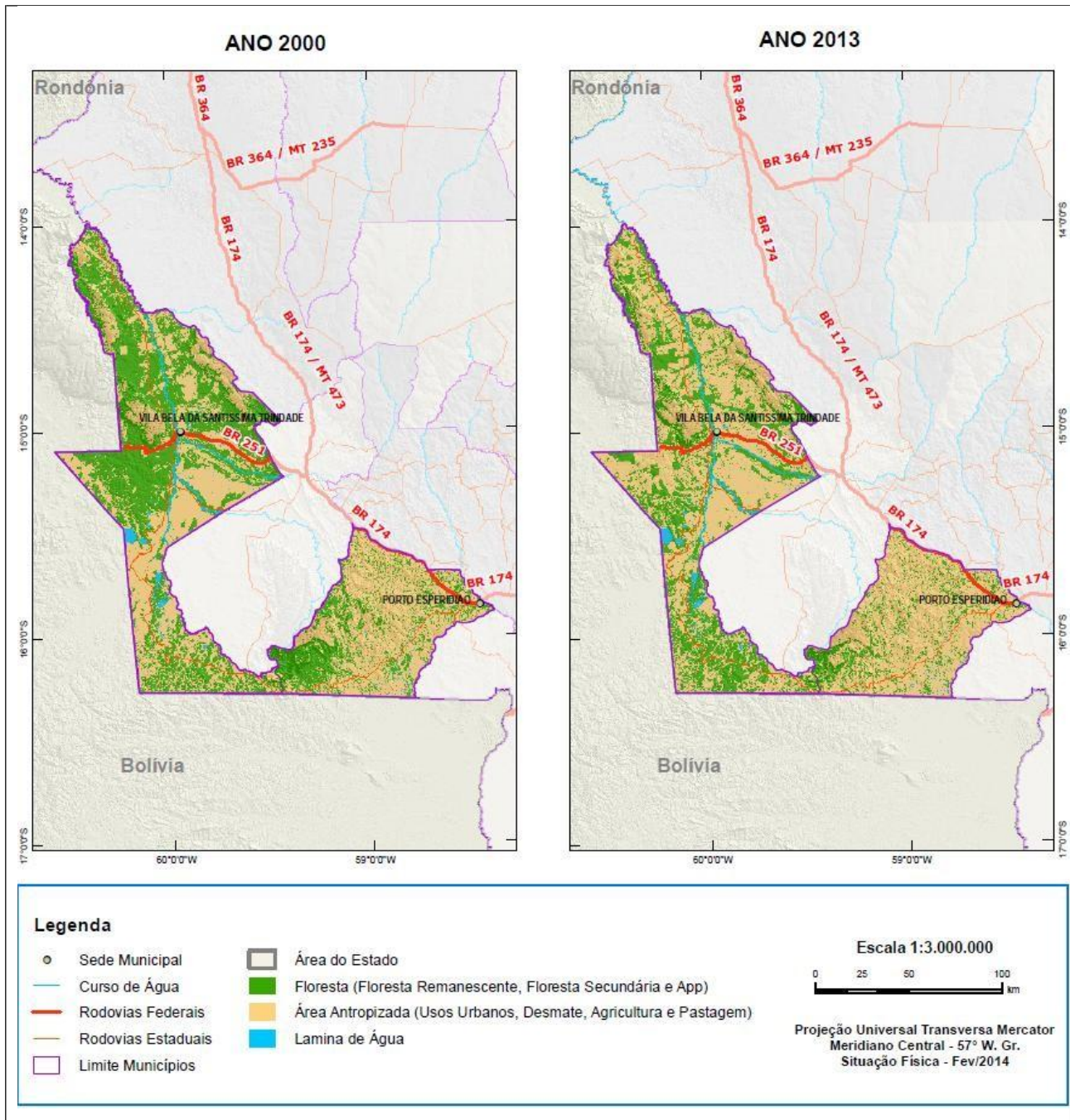
Em todo esse processo, esse município experimentou ciclos econômicos. Entre esses ciclos o da mineração na época da instalação da capital na fronteira, combinada com o ciclo do ouro, em seguida, atividades relacionadas ao extrativismo vegetal e, atualmente, a pecuária extensiva (DASSOW, 2010).

Diante do cenário em que a pecuária extensiva se destaca como o motor das atividades econômicas em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT é a seguinte questão: Como essa atividade tem avançado no meio agrário daquele município e como este avanço tem repercutido no seu contexto socioeconômico atualmente?

Um dos aspectos relevantes nesta análise é a percepção do avanço no uso da terra para o incremento de pastagem. Vimos isto como um ponto de discussão necessária por que tal avanço implica questões de ordem social, por que pode ocorrer sobre propriedades antigas de pequena extensão territorial, onde se pratica atividades de subsistência, ou mais diretamente a questões ambientais, por que esse avanço decorre da cobertura vegetal.

Verificando a área da fronteira Sudoeste de Mato Grosso, tomamos em comparação os municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade e Porto Esperidião para verificarmos como o avanço sobre as áreas de mata ocorrem. Trata-se de uma comparação importante para percebermos como a intensificação do uso da terra para pecuária tem se acentuado na fronteira, com destaque para Vila Bela da Santíssima Trindade, conforme ilustra a (figura 18).

Figura 18: Dinâmica e evolução uso da terra de Vila Bela da Santíssima Trindade e Porto Esperidião.



Fonte: Soares (2014)

Depreende-se que na fronteira sudoeste, especificamente nos municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade ao norte e Porto Esperidião mais ao sul, entre os anos de 2000 e 2013 foi bastante acentuada. Isso decorre das atividades econômicas ali empreendidas, tendo a pecuária extensiva como carro-chefe.

A porcentagem desse avanço da atividade econômica sobre a cobertura vegetal expressa os seguintes dados, conforme a (tabela 2).

TABELA 2: Avanço da atividade econômica sobre a cobertura vegetal anos: 2000 e 2013 de Vila bela da Santíssima Trindade e Porto Esperidião.

ANÁLISE DE ÁREA POR KM²				
Municípios	Área Km²	Ano 2000	Ano 2013	% da antropização
		Área Antropizada	Área Antropizada	
Porto Esperidião	5.836,62	3.946,21	4.639,87	17,57 %
Vila Bela da Santíssima Trindade	12.851,05	5.967,97	7.752,39	29,89 %

Organização: João Carlos da Silva (2017)

A tabela ilustra nitidamente como o avanço sobre áreas ainda remanescentes de mata ocorreu e demonstra que a taxa de antropização no período de 2000 a 2013 foi bem mais expressiva em Vila Bela Vila Bela da Santíssima Trindade, na ordem de 29,89%. Em Porto Esperidião não foi superior a 17,57%.

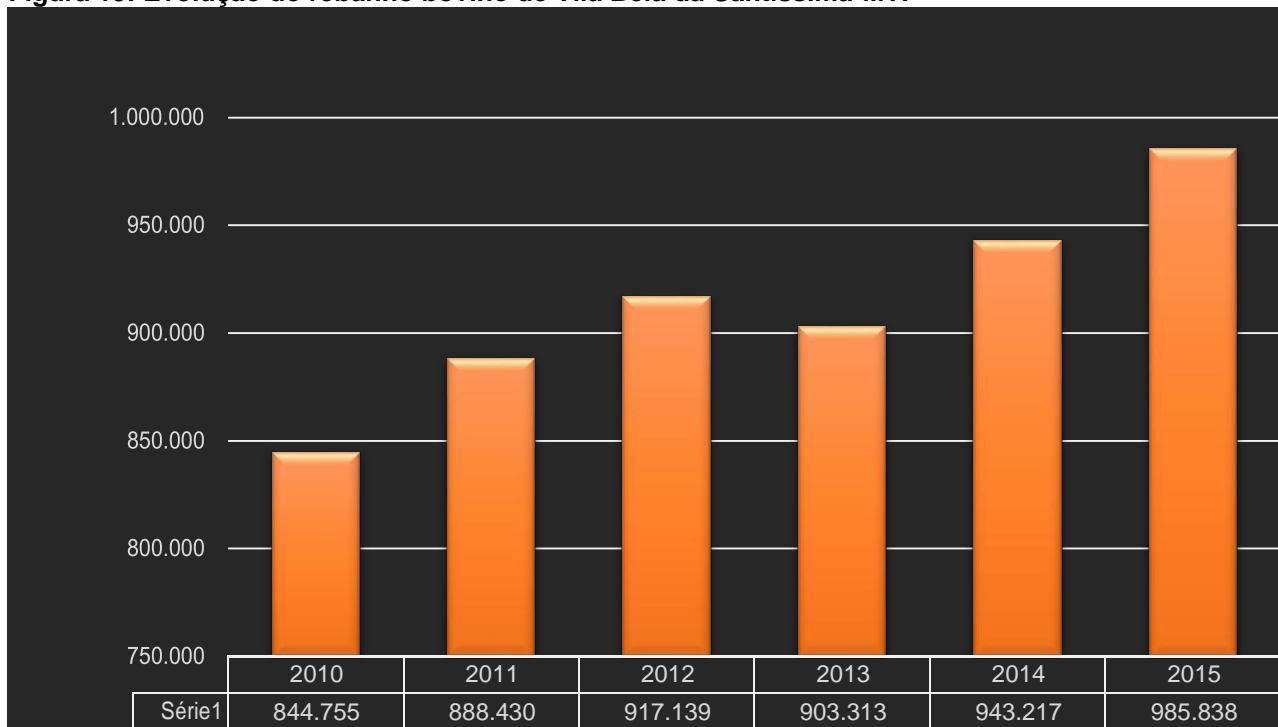
Este fato não pode ser tratado isolado das circunstâncias do quadro econômico e dos fatores que impulsionam esses acontecimentos. Sem dúvida, a pecuária bovina nos moldes extensivos que constitui a atividade econômica mais importante desses municípios, é a principal variável responsável por essa dinâmica no uso da terra que se tem observado.

Sobre a caracterização do uso da terra nesta área da fronteira, como um dos aspectos característicos nas proximidades do perímetro urbano de Bela da Santíssima Trindade.

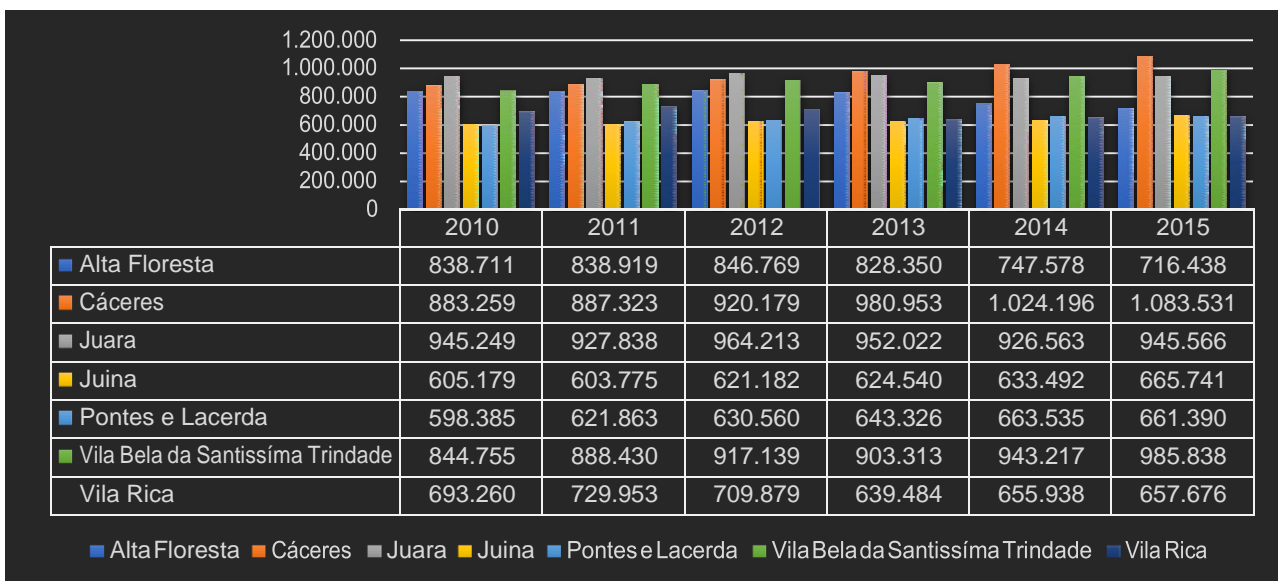
Camargo (2011, pág. 89) ainda conclui que é:

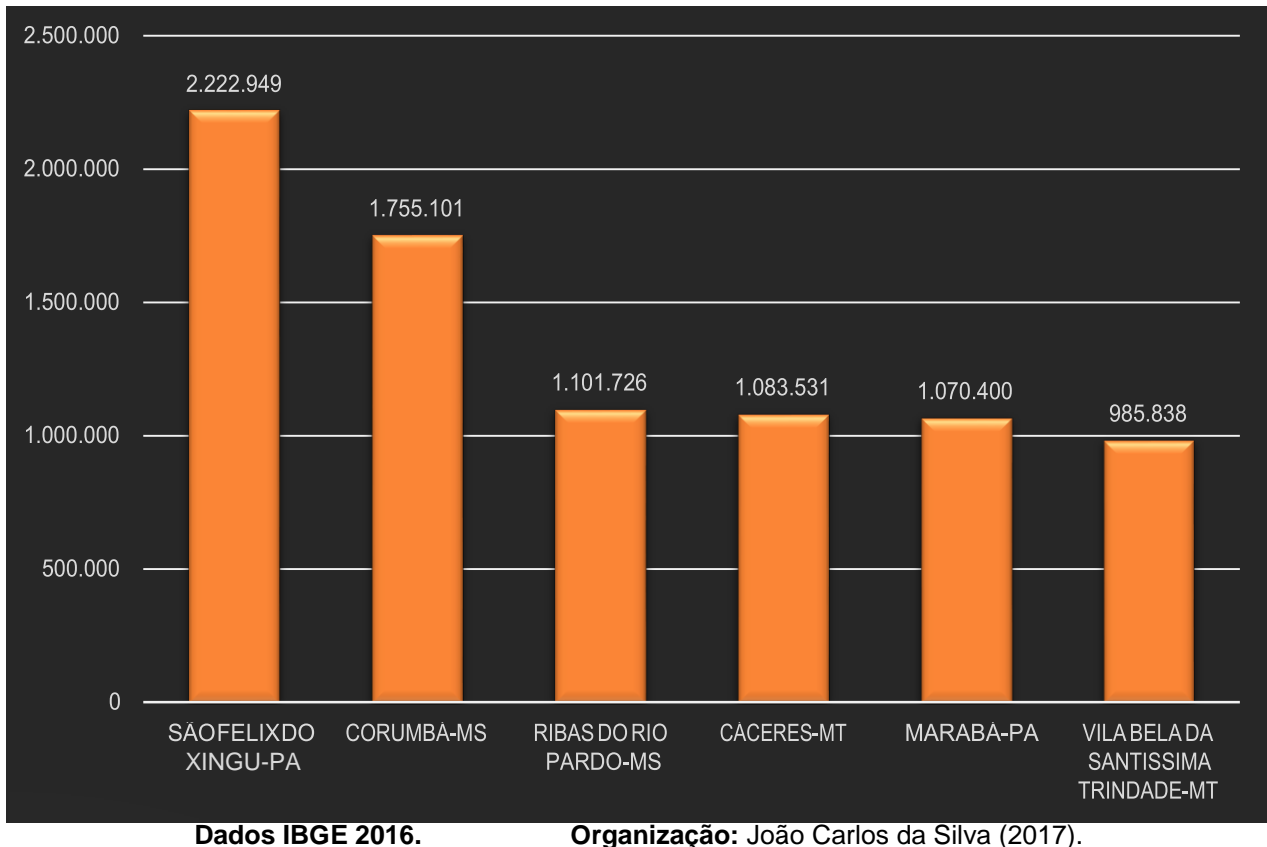
Unidade com taxa de antropização alta, onde predomina a pecuária extensiva, desenvolvida em grandes fazendas, de baixa agregação de valor, com presença de produtores familiares em médios e pequenos estabelecimentos.

Este fato denotado na tabela sobre o avanço da antropização no meio rural coincide com o expressivo avanço do rebanho bovino em Vila Bela da Santíssima Trindade. De acordo com dados do IBGE (2016), o número de cabeças salta do número de 844.755 em 2010 cabeças para 985.838 no ano de 2015, (figura 19).

Figura 19: Evolução do rebanho bovino de Vila Bela da Santíssima-MT.**Dados IBGE 2016.****Organização: João Carlos da Silva (2017)**

Em cinco anos, a produção aumentou em 16,70% e colocou o município como o segundo maior rebanho na cadeia produtiva do Estado de Mato Grosso e o sexto maior rebanho bovino do território brasileiro, conforme ilustram as (figuras 20 e 21).

Figura 20: Os maiores rebanhos bovinos de Mato Grosso de 2010 a 2015.**Dados IBGE 2016.****Organização: João Carlos da Silva (2017)****Figura 21: Os maiores rebanhos bovinos do Brasil, ano 2015**



O período anterior ao ano de 2010 já vinha mostrando evolução do setor agropecuário, neste caso o peso da pecuária, no conjunto das atividades produtivas e da geração de riquezas de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Neste sentido, a comparação da arrecadação mostra evolução em todos os setores quando comparado entre os anos de 1990 a 2010. Sem dúvida, o destaque é área a indústria, porém aponta um setor agropecuário em franco dinamismo no que se refere à evolução na arrecadação, conforme ilustra (tabela 3).

TABELA 3 : Evolução do produto interno bruto por setores de arrecadação em Vila Bela da Santíssima Trindade nos anos de 1999, 2005 e 2010

Conjunto de Municípios	1999			2005			2010		
	Agro.	Ind.	Serviços	Agro.	Ind.	Serviços	Agro.	Ind.	Serviços
Vila Bela	16.100	1.959	14.220	72.089	7.589	35.695	116.029	37.339	78.481

Organização: João Carlos da Silva (2017)

Todos os setores de produção apresentaram crescimento no período que compreende entre 1999 a 2010.

Analisando o setor agropecuário percebe-se que este se mostrou em evolução ascendente município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Esse fato se comprova ao perceber que no ano de 1999 a arrecadação agropecuária em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, arrecadou 16.100 milhões, cresceu para 72.089 milhões no ano de 2005, e atingiu o valor de 116.029 milhões em 2010. Isso significa uma evolução de 620.67% em uma década. A indústria cresceu 1.806,02% e em menor escala os serviços que foi da ordem de 451,90%.

Quando se analisa a relação da taxa de antropização com o aumento da arrecadação na agropecuária pode-se aferir que grande parte do incremento destas áreas foram para atender o ritmo de crescimento desse setor; até por que mesmo que essa relação seja estabelecida com o setor terciário que também apresentou crescimento, deduz-se imediatamente que essa interferência é insignificativa por que o setor de serviços tem como palco de atividade a malha urbana que já se encontra antropizada. Ao contrário, o crescimento do setor agropecuário, no município representado pela pecuária extensiva requer sim incremento de novas áreas.

Os dados da dinâmica econômica do município, mostra precisamente a expressiva evolução no plantel da pecuária bovino, coincide com a notícia da Instalação de um frigorífico no município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Sobre este assunto, notícia veiculada no jornal FOLHA REGIONAL (2016), e que teve grande repercussão na região esclarecia que:

Cerca de 300 empregos diretos e 600 indiretos deverão ser gerados com a instalação de uma planta frigorífica em Vila Bela da Santíssima Trindade. As obras do frigorífico de carne bovina Vila Bela estão previstas para começar em junho. O empreendimento receberá mais de R\$ 15 milhões em investimentos. O lançamento das obras do frigorífico ocorreu no último sábado, 19 de março, durante as comemorações do aniversário de Vila Bela da Santíssima Trindade (FOLHA REGIONAL de 21/03/2016).

A matéria veiculada registra ainda o cenário das futuras instalações juntamente com políticos e empresários que veem no empreendimento como “a salvação econômica” daquela parte da Região, dando outro dinamismo a fronteira, (figura 22).

Figura 22: Futuras instalações, “Frigorífico em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT



Fonte: André Romeu/Vice Governadoria Mato Grosso (2016).

As notícias ratificam a posição de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT como a segunda maior expressão na pecuária bovino de Mato Grosso e salientam o que o empreendimento pode influir na reestruturação socioeconômica como um todo, com reflexos que repercutirão também na infraestrutura da cidade. Assim abordam o assunto:

Deve iniciar em breve a construção de um frigorífico bovino no município de Vila Bela da Santíssima Trindade. O investimento custará 15 milhões de reais e deverá gerar empregos para o município. Após audiência pública realizada na semana passada foi aprovada a doação de um terreno com 35 hectares, pela Prefeitura de Vila Bela, para a construção do prédio onde funcionará a empresa. O local fica a 2 quilômetros da cidade e ainda receberá trabalhos de terraplanagem, além de pavimentação. O frigorífico terá capacidade para abater 500 cabeças por dia e, de acordo com o prefeito Anderson Gláucio Andrade, vai gerar 200 empregos diretos, além de indiretos. A construção deverá ser concluída em 18 meses, assim que for iniciada. (TV Centro Oeste SBT, 12/04/2015).

Este fato, não só causará impactos no setor econômico, mas em toda a organização espacial do município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Isso implica reordenamento

do espaço urbano como um todo e seus reflexos recairão de forma direta na Vila dos Pescadores.

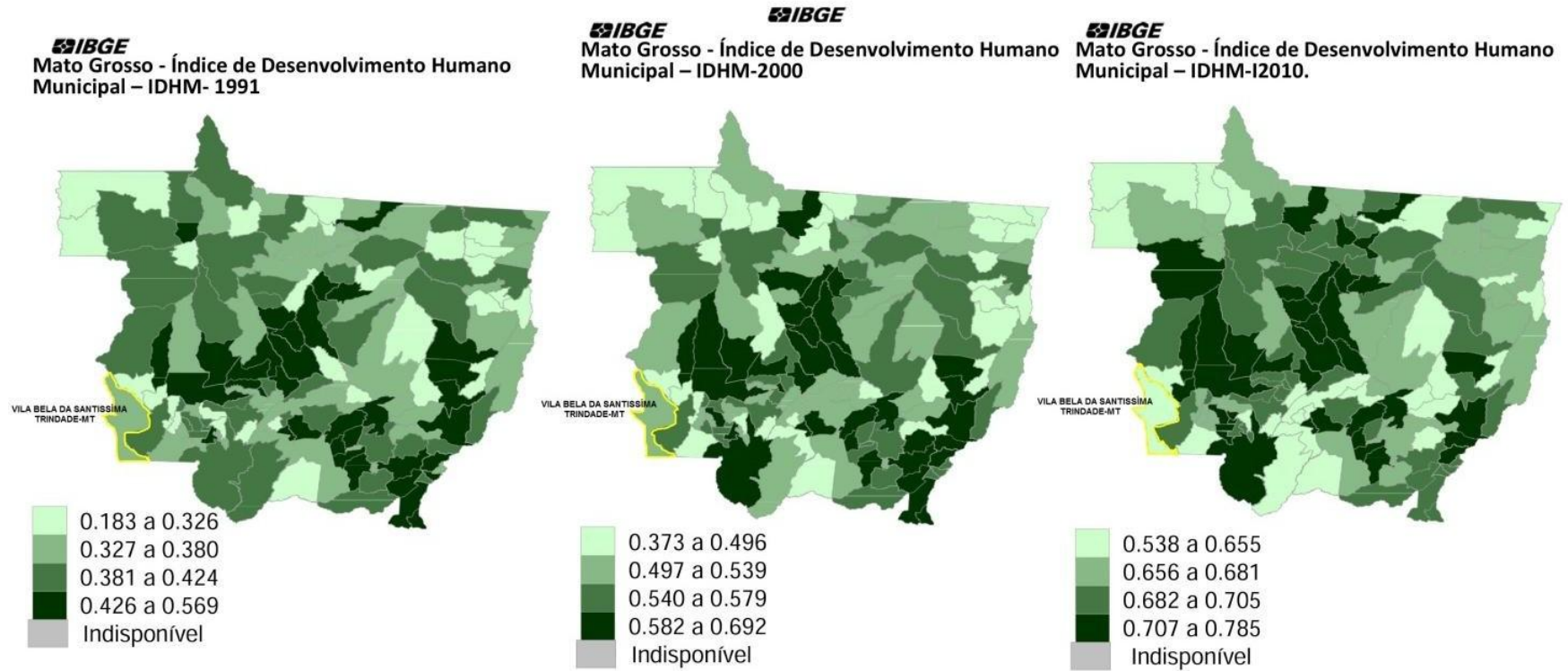
Um aspecto relevante a ser considerado, além do atual impacto na geração e também nas perspectivas apontadas nesse sentido, é a reflexão sobre os impactos que pode provocar na melhoria da qualidade de vida sobre a população de Vila Bela como um todo e, de forma mais específica, para os habitantes da Vila dos Pescadores.

Ainda que incipiente, tomamos como ponto de referência a comparação da Evolução do cenário apontado pelo crescimento do PIB e do rebanho bovino com a variação do índice de Desenvolvimento Humano- IDH no município.

Sobre a evolução do IDH no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, informações do Atlas de Desenvolvimento Humano, publicado no ano de 2013, esclarece que entre 1991 e 2000, em um índice de medição com máximo de 1, o IDHM do município passou de 0,328 em 1991 para 0,502 em 2000, demonstrando uma taxa de crescimento de 53,05%. Na década seguinte, o passou de 0,502 em 2000 para 0,645 em 2010, com uma taxa de crescimento de 28,49%. Vila Bela da Santíssima Trindade teve um incremento no seu IDHM de 96,65% nas últimas duas décadas (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013). Observa-se que, apesar do crescimento absoluto, ocorre diminuição do ritmo do crescimento da melhoria do índice na última década analisada. Neste sentido, apesar da melhora em termos absolutos, o município ainda figura entre aqueles com os piores índices, na 126ª posição entre os 141 municípios mato-grossenses, conforme se verifica na (figura 23).

Figura 23: Indicadores - IDHM, anos de 1991, 2000, 2010

Mato Grosso - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal



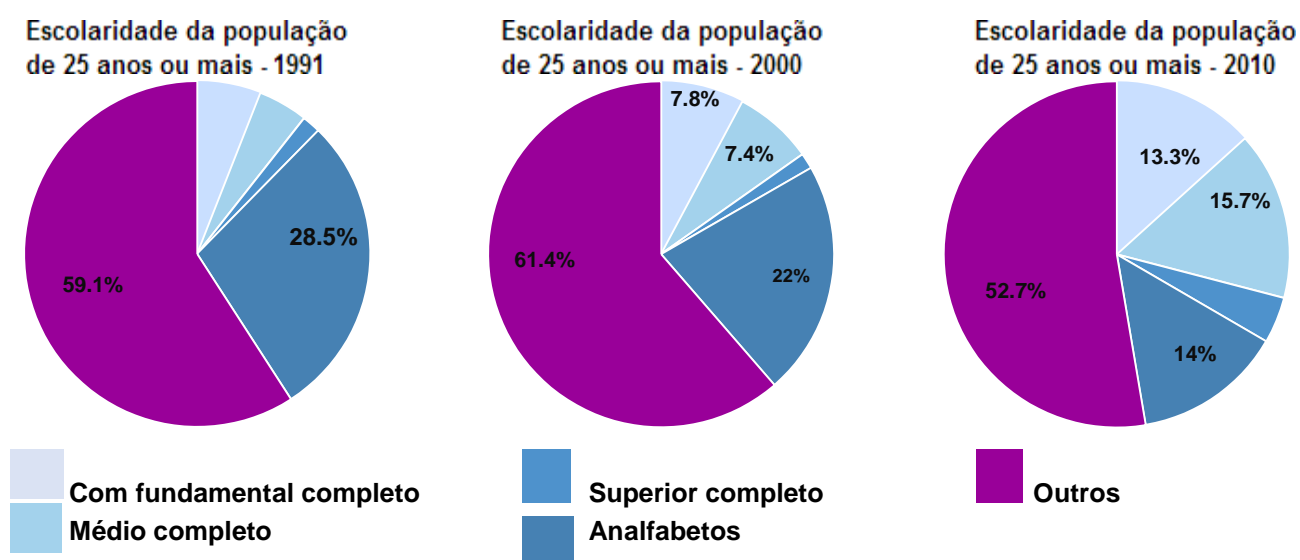
Dados IBGE 1991, 2000, 2010.
Organização: João Carlos da Silva (2017).

Ainda de acordo com informações do Atlas, Entre 2000 e 2010, a variável que mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,235), seguida por Longevidade e por Renda.

No período de 2000 a 2010, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola cresceu 45,16% e no de período 1991 e 2000, 170,01%. Entre crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental cresceu 58,22% entre 2000 e 2010 e 499,88% entre 1991 e 2000. Entre os jovens de 15 e 17 anos com ensino fundamental completo cresceu 215,99% no período de 2000 a 2010 e 482,18% no período de 1991 a 2000. E a proporção de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo cresceu 207,51% entre 2000 e 2010 e 392,05% entre 1991 e 2000 (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013).

Entretanto, apesar da evolução no IDH como um todo, com maior expressão para a inserção de crianças e adolescentes na escola, no município ainda se observa expressiva população de adultos sem escolarização, conforme a participação deste público na evolução entre os anos de 1991 e 2010, (figura 24).

Figura 24: Indicadores Sociais



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, ANO 2013.
Organização: João Carlos da Silva (2017).

Na ilustração, apesar da melhora na escolarização desse público, ainda se registra no ano de 2010, que o analfabetismo entre a população com 18 anos ou mais ainda é de

14%. Especificamente na Vila dos pescadores, detectou-se que 30% das pessoas nessa faixa etária não recebeu nenhuma escolarização.

Na última década o PIB da agropecuária cresceu 620.67% no município e o rebanho bovino cresceu 3.126% entre 1980 e 2005. Em média, nas duas décadas observadas (1991 e 2010), o IDH do município cresceu 40,77%. Esse fato corrobora o fato de que a renda foi a variável que menos melhorou nos índices do IDH. Isso demonstra que a riqueza gerada pela pecuária ainda não provoca mudanças mais significativas na melhoria da qualidade de vida daquela população.

3.2.2 A Coabitação: O Papel do Rio e da Pecuária.

A vida na Vila dos Pescadores tem suas peculiaridades proporcionadas pelas características naturais perpassadas pela ambiência do rio, mas também pela intensificação da tecnologia naquele espaço, sendo a localização geográfica estratégica para a inter-relação do cultural com o tecnológico. O cultural tem o rio como o seu principal agente fomentador, já o tecnológico é da ordem do externo e o elemento que mais o associa às transações com o mundo é o capital da pecuária de corte.

Como já dito anteriormente, o ritmo das águas do rio caracterizado por período de cheia e vazante, dita o movimento das pessoas no espaço da Vila dos Pescadores, assim, é ele que anima as práticas comunitárias no sentido da organização social, política e econômica, mas, igualmente, é o que dá sentido aos aspectos do cotidiano mais subjetivo daqueles moradores. Neste sentido, é o rio o elemento substancial na organização da alimentação, do lazer, dos hábitos diários como lavar a roupa, das histórias de vida e de expectativas futuras. Sobre estas expectativas a senhora Eulinda assim retrata:

“Estou já há muito tempo aqui. Aqui aprendi a viver e ganhar a vida. Aqui tenho paz e sossego e tudo o que eu preciso para viver. Espero poder continuar assim”
(Eulinda).

Ao mesmo tempo em que o rio é elemento que dá sentido às práticas mais subjetivas dos moradores da Vila dos Pescadores, é também elemento de conexão destas pessoas com o universo exterior. Na vila dos Pescadores a movimentação diária de pessoas é constante, ora para pedir informações e/ou retirar formulários e documentações, ora por

consumidores em busca de pescado e também por pescadores amadores que utilizam aquela barranca de rio para pescar, tomar banho, pois veem o lugar tranquilo e seguro.

Como já mencionado, a Vila dos Pescadores possui uma localização bastante privilegiada, desde de seu surgimento é um ponto de encontro e desencontros, fato é que a vila possui sua singularidade, o que atrai pessoas de diferentes lugares do município e até mesmo de outros estados, sempre buscam algo, desde um simples pescado relação muito comum neste espaço, cliente e consumidor, até mesmo turistas querendo fazer passeios de barcos, pois ali com certeza irá encontrar os melhores, pescadores/conhecedores do rio, que não medirão esforços para apresentar todo cenário de encantos e beleza que o lugar proporciona, e/ou pessoas que veem naquela vila, um lugar de oportunidades e moradia.

É um espaço onde habita pescadores que empreendem ali estratégias de sobrevivência. Estas estratégias perpassam por, além das rotinas relacionadas ao rio Guaporé, atividades socioeconômicas vinculadas à pecuária bovina no município.

O rio é o grande elo que liga as pessoas àquele espaço, sendo pescador ou não pescador, é ali na barranca do rio Guaporé na Vila dos Pescadores que, profissionais e amadores contemplam a beleza, fazem uso dos recursos que este oferece. Exemplo importante do papel do rio como elemento de conexão horizontal com o universo externo é a relação existente entre a Vila dos Pescadores é Capitania dos Portos de Cáceres-Marinha.

Sempre que estão em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, o tratamento para com os moradores pescadores da vila é de muita cordialidade, fato é que sempre que estão em operação naquela Bacia Hidrográfica são recebidos com muita festividade, a “FESTA DO SEGURO” é o grande evento do lugar, é o momento em que os moradores da vila e convidados celebra e agradece por todos os recursos que o rio proporcionou durante as atividades pesqueiras durante o período de pesca. Essa festividade ocorre quando é liberada a primeira parcela do seguro defeso, e como já existe uma programação para a visita da Marinha naquele lugar, eles se organizam para nesta dada ofertar cordialidade e receptividade aos visitantes.

Quando a Marinha se faz presente em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, permanecem por um período de 3 a 5 dias, fazem desses dias na Vila dos Pescadores um momento de diálogo com os moradores, fiscalização no rio e afluentes, oferecem cursos

para tirar carteira de arrais amador e profissional, e realizam palestras educativas, conforme (figura 25).

Figura 25: Marinha, registrando sua presença na Vila dos Pescadores (Foto A: Marinha marcando presença nos eventos da Vila dos Pescadores; Foto B: Oficiais da Marinha prestigiando a Vila dos Pescadores; Foto C: Apresentação de palestras e cursos).

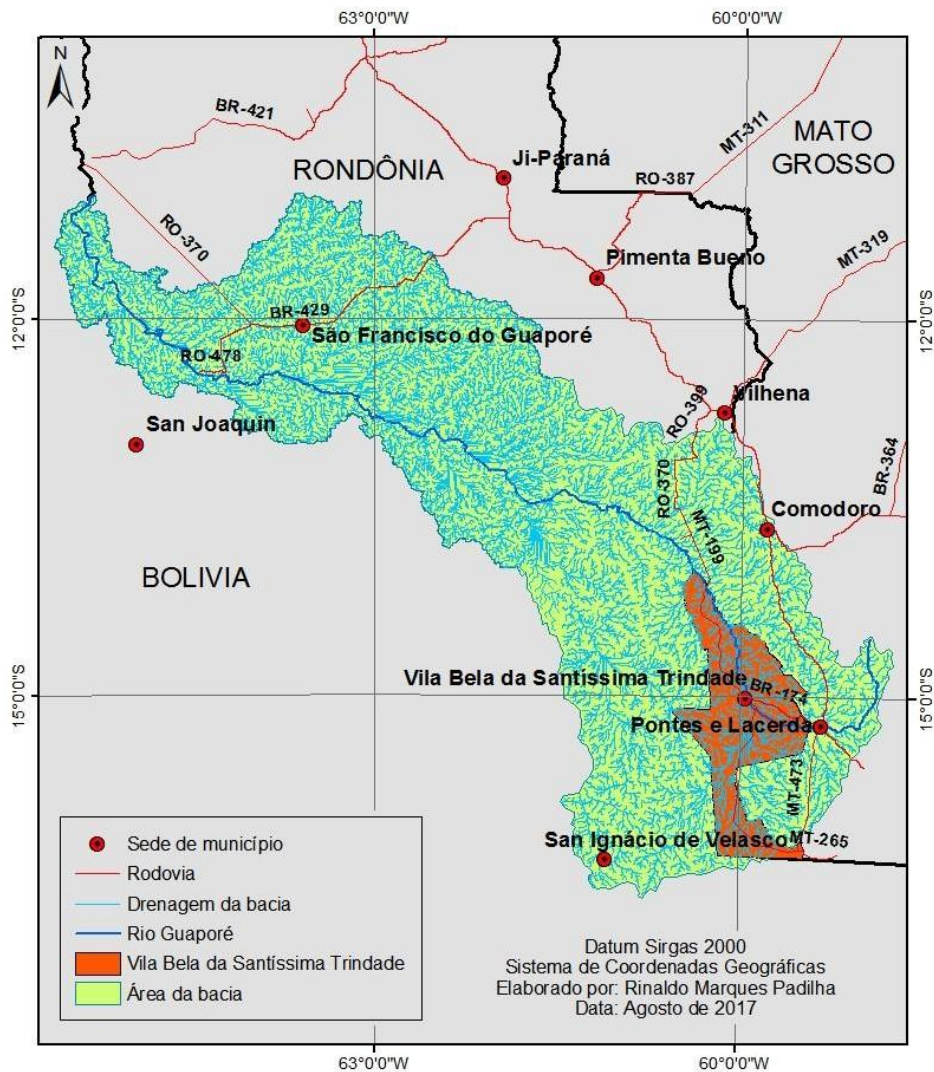


Fonte: João Carlos da Silva (2017).

Assim, ao mesmo tempo em que ele qualifica o cotidiano dos pescadores, dando-lhes uma identidade, ele comunica aquela realidade ao mundo externo e faz com que o conteúdo de Vila Bela como um todo e de toda a Bacia hidrográfica do rio Guaporé (figura 26), contenha a informação perpassada por esses ribeirinhos. Sendo, portanto, ponto de

contato com o rio, a Vila dos pescadores guarda o sentido de lugar construída na horizontalidade.

Figura 26: Bacia Hidrográfica do rio Guaporé.



Fonte: Elaborado por Rinaldo Marques Padilha (2017)

O espaço de Vila Bela como um todo guarda as marcas da Coabitação entre o velho e o novo, especialmente na arquitetura do período colonial, (figura 27, fotos A e C), em contraste com as construções modernas (figura 27, fotos B e D), que retratam formas de apropriação do espaço e de organização política de diferentes temporalidades, assim como já augidas no início deste capítulo.

Figura 27: Coabitação entre o velho e o novo, “Casarões antigos em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. (Foto A: Palácio dos Capitães-Generais; Foto B: Casa do Artesão e da Cultura Afro; Foto C: *Palácio dos Capitães-Generais; Foto D: Casas modernas e luxuosas).



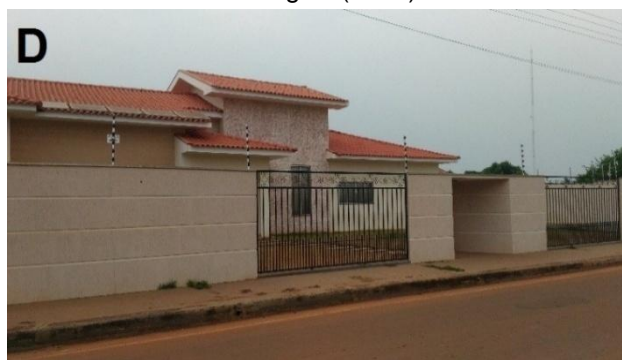
Fonte: A tribuna-MT-digital (2016)



Fonte: A tribuna-MT-digital (2016)



Fonte: Geraldo Lúcio (2017)



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Mas além da arquitetura que expressa diferentes temporalidades, outros aspectos decisivos da atual conjuntura estão nos artefatos alocados naquele espaço que viabilizam a territorialização do capital em Vila Bela e possibilitam a sua reprodução. A territorialização desse capital acontece através da pecuária bovina de corte que é a principal fonte econômica do município.

Na vida dos pescadores, a atuação da pecuária influencia diretamente nas suas vidas e no contato que estes passam a exercer com o ambiente externo. No período de defeso, quando é proibida a pesca na bacia hidrográfica, (figura 28) algumas famílias alugam ou deixa a casa fechada e todos vão para as fazendas. Os homens passam a exercer trabalhos com o manejo do gado e/ou construções de estruturas como proceder construções de cercas, currais, plantio e seleção de sementes para pastagem e as mulheres tem chances de cozinhar fazer diárias e aumentar a renda da família e ainda não ter despesas com alimentação, retornando aos seus lares após o período defeso. Este fato muda significativamente a rotina na Vila é constitui um dos pontos fundamentais da fusão dos seus moradores com a prática econômica mais importante do município.

Os moradores que ficam na Vila dos Pescadores durante o período defeso, que não saem em busca de outras fontes alternativas de rendas, são as famílias que possuem aposentadorias ou até mesmo pensão, e/ou registro em carteira é o caso da secretária da Colônia dos Pescadores, moradora da vila.

De qualquer forma, já na atualidade, o contexto da atividade econômica em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT através da pecuária bovina já é uma realidade de contato com a Vila dos Pescadores, fazendo com que aquele espaço carregue ao mesmo tempo os sentidos de relações de afetividade e proximidade dos moradores com o rio, mas também, o da coabitação com o universo urbano da cidade e com a pecuária.

Neste sentido, para atender as demandas da expansão desse capital, são forjadas condições que possa dar viabilidades para isso. Assim, são construídas estradas e outras demais estruturas de transportes de comunicação, infraestrutura urbana, aumento da área de pastagem que, por sua vez, faz avançar o desmatamento, entre outros.

Isto faz parte de uma demanda de circulação do capital global, alocado no espaço de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, que ali encontrou condições se reproduzir ante as peculiaridades geográficas do local. Neste sentido, são demandas que atuam para organizar o espaço de forma verticalizada, mas que, especializado, age na qualificação daquele espaço. Ou seja, atua para compor as características daquele local- daquele lugar.

Estes instrumentos criados para atender as demandas de reprodução dessa ordem econômica, são os mesmos que atendem as demandas da população do município e daquela comunidade conforme (tabela 4).

Tabela 4: Principais equipamentos e serviços urbanos presentes na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT

Cidade	Equipamentos disponíveis		
	Bancos (Nº)	Leitos/Saúde (Nº)	Outros equipamentos e serviços
Vila Bela da Santíssima Trindade	3	48	Correios/ Lotéricas/ EMPAER/ INDEIA/ Delegacia Polícia Militar/ Delegacia Judiciária Civil/ Fórum de 1ª Entrância/ Ciretran/ Escolas de ensino Fundamental e Médio Faculdade com curso de graduação presencial/ /Frigorífico/ Laticínio/ farmácias/ laboratórios/ Lojas de eletrodomésticos/ lojas veterinárias/ Empresa de multimídia, etc.

FONTE: Pesquisa de Campo (2017), adaptado de Soares (2014)

De forma direta, são os elementos que estabelecem o contato dos moradores da Vila dos Pescadores com o ambiente externo, presente na cidade, conforme (figura 28).

Figura 28: Ambientes que promovem inter-relacionamentos entre grupos sociais na sociedade vilabelense. (Foto: A Hospital evangélico em Vila Bela -MT; Foto B * Agencia de correios, Vila Bela-MT; Foto C: Banco Sicredi, Vila Bela-MT; Foto D: Banco do Brasil, Vila Bela-MT).



Fonte: Toledo (2017)



Fonte: João Carlos da Silva (2017)



Fonte: João Carlos da Silva (2017)



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Há um contato direto desta comunidade com os equipamentos e serviços oferecidos na cidade, principalmente através da escola.

Em 2015, a Secretaria Municipal de Educação abriu uma sala de aula do EJA- Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, para atender os moradores no período noturno, no entanto, essa iniciativa não teve uma sequência, na visão dos governantes, é mais vantajoso economicamente que os moradores estudem nas escolas Ricardo Franco ou Verena Leite de Brito, devido à proximidade, e as mesmas ofertarem educação para a modalidade. As crianças da Vila dos Pescadores, estudam na escola Verena Leite de Brito e Creche Municipal nos períodos matutino e vespertino, as mesmas vão de bicicletas e/ou caminhando, numa rotina que ratifica a relação de proximidade e participação com a cidade.

Outro elemento de contato importante e decisivo na organização da coabitação com o mundo externo é o sistema de comunicação. Neste sentido, em meio a tantos desafios e perdas que ocorrem naquele lugar, os moradores da Vila dos Pescadores tiveram motivos para comemorar, no ano de 2016, ano eleitoral, após anos de muita espera, as reivindicações dos moradores foi atendido, possibilitando dignidade e um pouco mais de conforto para os moradores que ali habitam, trata-se da instalação de postes de iluminação, a tão sonhada rede elétrica enfim era realidade naquele lugar. (figura 29).

Figura 29: Instalação de postes e rede elétrica na Vila dos Pescadores



Fonte: João Carlos da Silva (2017)

Em um mundo globalizado a interconexão tecnológica se faz presente na Vila dos Pescadores, através da internet, TV por assinatura, antenas parabólicas, etc., percebemos a presença de um mundo virtual e midiático, em meio um espaço cultural. A relação entre tecnologia e vida social produz, significados diferentes, se por um lado, a tecnologia determina um modo de vida da sociedade moderna voltada para o consumo, por outro, os modos como nos apropriamos dela e o uso que fazemos reinventam as características da vida social. É a coabitação. Conforme (figuras 30).

Figura 30: presença de um mundo virtual e midiático, em meio um espaço cultural



Foto A: TV por assinatura da operadora Oi

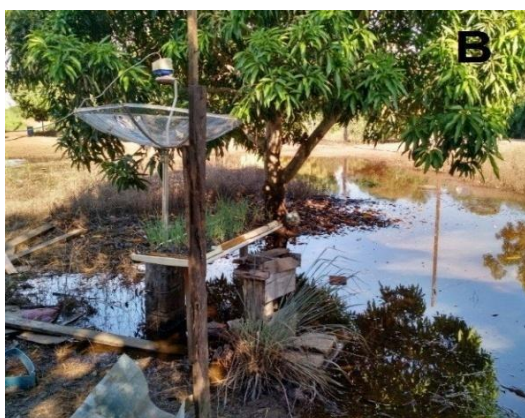


Foto B: Antena parabólica; Foto
Fonte: João Carlos da Silva (2017).



C: Antena de internet e TV por assinatura.

No caso da Vila dos pescadores, estes valores trazidos por estes elementos, somam-se aos valores fomentados pela relação com o rio, atribuindo-lhes um conteúdo que é local, mas também global.

3.3 ENSINO DE GEOGRAFIA/INTERDISCIPLINARIDADE EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT: A VILA DOS PESCADORES COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.

A Geografia tem por objeto de estudo compreender como se estabelece a Organização do Espaço, esta entendida como toda realidade material produzida pelo trabalho social humano nas suas inter-relações econômicas, políticas, ideológicas, culturais, entre outras e, destes, com a natureza no sentido de transforma-la para organizar-se em sociedade.

Segundo Santos e Kahil (2007) é no espaço geográfico que os processos sociais ocorrem e através de seu estudo que o aluno compreende a dinâmica dos lugares, já que o lugar não está sozinho, mas é reflexo de um todo. As transformações políticas, sociais, econômicas e culturais articulam-se no lugar, resultando suas particularidades. Neste sentido, o ensino de Geografia ganha sentido especial na formação das pessoas, por que permite que estas possam compreender o mundo em que vive e, assim, posicionar-se criticamente sobre a realidade que o compõem.

Compreender a realidade em que se vive e poder posicionar-se criticamente como sujeito ativo no conjunto de fatores que organizam o espaço, é atributo de cidadania. Portanto, o ensino de Geografia é um poderoso instrumento de transformação de indivíduos em sujeitos cidadãos.

3.3.1 A leitura do espaço/ambiente e o papel da interdisciplinaridade.

Segundo Fazenda (1993), a interdisciplinaridade parte do fundamento de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. É necessário o diálogo com outras formas de conhecimento, interpenetrando saberes. Assim, ela se realiza quando profissionais de diferentes áreas de conhecimento, à partir de saberes específicos, conjuntamente trocam experiências e se somam para promover o desvendamento do real, ou seja, de uma questão posta pela realidade.

Esse real está no nosso cotidiano, dessa forma, a realidade a ser desvendada constitui-se no tema a ser dialogado interdisciplinarmente. Isso permite a produção de um conhecimento mais amplo e coletivizado.

De acordo com GARRUTTI e SANTOS (2004), a interdisciplinaridade é um importante viés a ser perseguido pelos educadores ambientais, onde se permite, pela compreensão mais globalizada do ambiente, trabalhar a interação em equilíbrio dos seres humanos com a natureza.

Trata-se de uma estratégia pedagógica que busca ampliar as possibilidades de tornar exitosa a busca da formação global do educando. Como estratégia, um dos desafios é pensar em um tema que atenda essa finalidade formativa e que sirva como ponto de partida do fazer pedagógico. Neste sentido, a leitura do ambiente através da Educação Ambiental, torna-se uma possibilidade capaz de otimizar esse diálogo.

(...) a Educação Ambiental, como perspectiva educativa, pode estar presente em todas as disciplinas, quando analisa temas que permitem focar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades. (REIGOTA, 2001, p. 25).

Vê-se que a leitura do mundo vivido pelos alunos pode ultrapassar os limites de apenas uma disciplina e alcançar um conhecimento mais amplo no diálogo interdisciplinar e a Educação Ambiental mostra-se como um caminho possível na prática interdisciplinar.

3.3.2 O Rio Guaporé como tema e a Vila dos Pescadores como espaço de viabilização de Educação Ambiental: uma experiência pedagógica.

Em consequência da pesquisa elaborada junto à comunidade da Vila dos Pescadores, aqui já sustentada como um espaço de convergências/coabitação em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, percebeu-se este lugar como um lócus eficaz para o empreendimento de estratégias educativas, para o fazer pedagógico além dos muros da escola.

Exercitar a prática interdisciplinar requer muito cuidado quanto aos objetivos a serem alcançados, de modo a otimizar a formação mais global possível entre os educandos. Neste

sentido, o primeiro ponto é a escolha do tema, que deve satisfazer as aspirações pedagógicas de todas as áreas de conhecimento envolvidas.

A partir desta premissa e, tendo em vista as possibilidades da Vila dos Pescadores como espaço de interação entre os ambientes natural e urbano de Vila Bela, portanto, propício para o encaminhamento de atividades pedagógicas, encaminhamos, oportunamente, como consequência deste estudo, uma atividade interdisciplinar que teve como tema o Rio Guaporé. O espaço para o encaminhamento dessas atividades foi a Vila dos Pescadores.

3.3.2.1 Preparação e desenvolvimento da aula

No processo de planejamento e execução da aula, o primeiro passo foi decidir qual tema seria trabalhado, de modo a contemplar interdisciplinarmente os conteúdos das disciplinas de Ciências, Geografia, História, Matemática, Português e Artes. Após exposição de parte do estudo desta dissertação mostrando o papel do Rio Guaporé na vida dos moradores da Vila dos Pescadores e de Vila Bela em Geral, o tema escolhido foi esse Rio, conforme ilustra a (figura 31).

Figura 31: Exposição geral do pesquisador sobre a dinâmica das águas do Rio Guaporé como produto da pesquisa realizada.



Fonte: João Carlos da Silva (2017).

Essa escolha permitiria que os professores explorassem variáveis tanto da natureza quanto da sociedade e assim, contemplar todas as áreas do conhecimento. A Vila e todo seu entorno, constitui-se um local privilegiado para a realização de diversos estudos que busquem conhecer melhor o Espaço de Vila Bela. Essa atividade contou com a participação dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Escolhido o tema, foram traçados os objetivos a serem alcançados nas disciplinas envolvidas. O norte central da metodologia a ser seguida seria conhecer o Rio, suas possibilidades e relação na vida das pessoas a partir dos saberes dos moradores da Comunidade.

As atividades realizadas extra sala de aula sempre traz grandes significações para o aluno, a partir dos olhares atentos e percepções, estão sempre em busca de algo, informações e explicações. Conforme (figura 32).

Figura 32: Alunos reconhecendo a área de estudo.



Fonte: João Carlos da Silva (2017).

Durante o trajeto, já se percebia as inquietações nos alunos em relação a Vila dos Pescadores, os mesmos diziam que mesmo com a proximidade do lugar, a maioria nunca adentrou naquele espaço e desconhecia realidade vivenciada por aqueles moradores. Muitos sequer sabiam se era permitido adentrar no local e imaginavam que isso somente seria possível para comprar peixes, e/ou poderia ser frequentado apenas por moradores e parentes.

Primeiramente, as informações sobre Rio e suas relações com a comunidade foram encaminhadas através da fala de uma das moradoras mais antigas no local, senhora Eulinda, conforme ilustra a (figura 33).

Figura 33: Dona Eulinda realizando uma fala, sobre as relações existentes entre a comunidade Vila dos Pescadores com o rio Guaporé, e o espaços circundantes.



Fonte: João Carlos da Silva (2017).

Os professores de cada disciplina canalizariam questões que pudessem atender os objetivos específicos de cada área de conhecimento, quais sejam: compreender o rio com sua dinâmica natural e como este desempenha papel importante na vida socioeconômica dos moradores da Vila dos pescadores e também de Vila Bela da Santíssima Trindade como um todo. Entretanto, dentro desse contexto, os alunos ao serem provocados pelas informações que iriam sendo produzidas, levantavam questões que permitiam maiores esclarecimentos sobre o tema, ao mesmo tempo que permitia outras interações. No segundo momento, partindo do saber empírico da moradora, cada professor buscou encaminhar esclarecimentos mais específicos, fazendo vínculos com a fala da pescadora da comunidade.

À partir do tema, a disciplina de matemática encaminhou discussão relacionada a pesagem, tamanho, valores, renda e outras proporções financeiras. Em Ciências, estudou-

se sobre os seres vivos (reino animal e vegetal) tendo como ponto de partida o estudo de peixes. Com a disciplina de História, esmiuçou-se sobre o contexto da Marcha para o Oeste, processo de Ocupação da Amazônia Ocidental à partir das informações sobre o processo de formação e consolidação da Vila dos Pescadores.

A disciplina de Português explorou a produção dos textos narrativo (fundamentado nas narrativas da formação do lugar) e descritivo, tendo em vista ao cenário encontrado pelos alunos. Este mesmo cenário inspirou a poesia e outras manifestações livres do pensamento com a disciplina de Artes. Já a disciplina de Geografia incumbiu-se de explorar o Rio Guaporé como bacia hidrográfica e como a dinâmica de suas águas participa decisivamente na organização da vida das pessoas, em específico da Vila dos Pescadores (figura 34).

Figura 34: Alunos reunidos e atentos na explanação de professores e líder da Comunidade.



Fonte: João Carlos da Silva (2017).

No final, esmiuçou-se o tema rio Guaporé e suas relações com a Organização do espaço de Vila Bela a partir da própria Organização comunitária existente na Vila dos Pescadores.

3.3.2.1.1 *Refletindo sobre o lugar e a avaliação da atividade interdisciplinar.*

Aos olhares atentos e curiosos dos alunos, aos poucos estes mostraram-se que o Rio organizava a vida daqueles moradores e dirigiram perguntas do tipo como é morar na Vila dos Pescadores? Qual a maior dificuldade em morar naquele lugar?

Com muita serenidade e emoção ela mencionou que morar na Vila é anoitecer é acordar com silêncio e alegria do lugar, com os atrativos e magia do rio Guaporé. Mencionou que a maior dificuldade em morar ali não está relacionado com as dificuldades internas que perpassam pela organização comunitária mas, sim, por fatores externos relacionados à questão fundiária, uma vez que há anos tentam retirá-los daquele local.

Por outro lado, há ainda a falta de mais políticas públicas que pudesse dotar o espaço de melhor infraestrutura e, assim, garantir melhor qualidade de vida aos seus habitantes. A falta dessas políticas tem contribuído para invisibilizar a Comunidade de modo geral; especialmente seus saberes sobre o Rio e modos de vida como organizar-se socialmente a partir dele. A medida em dona Linda fazia sua fala, os alunos se mostraram concentrados, curiosos em investigar o lugar.

A aula se mostrou bastante prazerosa, os alunos se mostraram solidários com as lutas enfrentadas pela comunidade e se propuseram em voltar mais vezes com seus respectivos professores de diversas áreas para realizar diálogos. Ao tomarem a fala, os alunos fizeram as inter-relações do lugar “Vila dos Pescadores”, o que cada disciplina propôs discutir. Várias foram as manifestações e, de modo geral, os alunos mostraram felizes com os diálogos e aprendizagens. Conforme (figuras 35).

Figura 35: Alunos realizando observações e reconhecimento da área de estudos.



Fonte: João Carlos da Silva (2017).

De modo geral, além do conteúdo formativo que foi promovido com essa atividade interdisciplinar, observa-se que o espaço Vila dos Pescadores pode ser um ambiente

propício para o desenvolvimento de atividades pedagógicas em diversas áreas do conhecimento, em especial ao ensino seja de Geografia, à medida que se constitui um “laboratório vivo” que expressa a relação sociedade- natureza; objeto de estudo da Geografia. Este entendimento corrobora o que alude Piletti (2006, p.154) quando assevera que no ensino de Geografia deve-se buscar estratégias para “aproximar o aluno da realidade”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os aspectos evidenciados na pesquisa realizada adensam os conhecimentos acerca das peculiaridades dos moradores da Vila dos Pescadores em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.

A Vila dos Pescadores, objeto desta reflexão, se constitui em um espaço que expressa tanto a orientação oriundas das atividades pecuarística, quanto a influência determinada pela dinâmica das águas do rio Guaporé e seus afluentes, fator que determina o modo como as pessoas desse lugar se organizam em determinados períodos, enfim, dão sentido as suas práticas individuais e coletivas naquele espaço.

Esse espaço apresenta-se como Lugar de vivencia e coabitação com outros espaços circundantes, hora pela comercialização do pescado na localidade Vila dos Pescadores e/ou nos arredores da cidade ou outros municípios. Também ocorrem relações através dos trabalhos temporários realizado nas fazendas e comércios, estes, principalmente em períodos que a pesca se encontra fechada, período com quatro meses de duração.

Depreende-se que a Vila dos pescadores tem no rio o seu principal meio de sobrevivência e, num sentido mais pleno, é que dá um sentido total de vida aos seus componentes. Este ainda é responsável pela manutenção de alguns saberes importantes no contexto cultural de Vila Bela da Santíssima Trindade, como o da arte de construção de pequenas embarcações. São saberes importantes que ainda existem especialmente pela existência da comunidade. Daí a necessidade de preservação da comunidade como um todo, como instrumento de preservação e continuidade destes saberes.

Por outro lado, é impossível pensar na existência desta comunidade sem a conexão desta com o mundo externo, até mesmo pelo seu contato imediato com o universo urbano e todos os seus artefatos. Porém, este contato inevitável, que aqui são responsáveis pelo

engendramento de demandas das questões econômicas globais, não podem aniquilar as questões da vivência do lugar. Não podem ir em deterioração dos saberes e da relação que esta comunidade tem com o rio e que dão características de singularidade ao local.

Neste sentido, é preciso (re)ler o local, é preciso dar visibilidade às suas demandas e aos seus saberes. Neste caso, o poder público através da adoção de políticas públicas voltadas para a comunidade tem papel fundamental. Entretanto, estas políticas não podem acontecer de forma verticalizada, devem ser tomadas e adotadas no diálogo com a própria comunidade, por que estes conhecem a realidade de suas demandas, conhecem a dinâmica do rio e tem melhor conhecimento de manejos mais adequados.

Aferimos aqui que a Vila dos Pescadores é um portal de entrada já existente e que procede o contato população de modo geral com o rio. É contato imediato. Assim sendo, pode ser palco e espaço de ações maiores que viabilizem a prática do turismo como instrumento de geração de renda ao município e, especialmente, para os moradores da Vila. É preciso (re)ver a Vila como possibilidade e não como obstáculo que gera despesas e)ou danos, ao contrário, pode servir como espaço fomentador de divisas e com capacidade de oferecer melhor qualidade de vida aos seus moradores.

A Vila e suas demandas devem ser visibilizadas pelo poder público que não deve negligenciá-la. Neste sentido, a academia e a Educação Básica através das práticas pedagógicas podem contribuir para dar essa visibilidade, aproximando as realidades (alunado e comunidade). Atividades interdisciplinares a serem realizadas dentro e com a própria Comunidade da Vila dos Pescadores, mostra-se um importante instrumento tanto para viabilizar a aproximação dessa comunidade, quanto para o estabelecimento de um espaço formativo dos próprios estudantes de Vila Bela.

Academicamente, com a finalização da pesquisa, espera-se que a pesquisa produza base teórico- científico para subsidiar políticas públicas a partir dos anseios comunitário, instrumentalizando políticas de reconhecimento e inclusão social, sobretudo daquelas que se defrontam as múltiplas dimensões das desigualdades sociais, ambientais e do trabalho, na perspectiva do seu enfrentamento e de uma melhoria de fato e de direito das condições de vida e de trabalho para os moradores da Vila dos Pescadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Domínios Morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil**. Orientação, n. 3, p.45-49. 1967.

ABREU, José Marcelo de. **Análise do padrão de expansão da agricultura no estado de Goiás, no período de 1970 a 1995**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Economia. Uberlândia. 2001.

ALBAGLI, S.; BRITO, J. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**. Relatório da fase piloto. Rio de Janeiro, 2003

ALBUQUERQUE, Maria Jose Ramos de: **Os técnicos na produção dos ribeirinhos do Amazonas**. Dissertação de mestrado. 1984- mimeo.

ALENTEJANO, R. R. P. **Espaço, Território e Região: uma tentativa de conceituação**. Trabalho realizado para a disciplina Diversidade Territorial e Regionalização, na pós-graduação em geografia da UFF em 2000.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de Quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pastos: Terras tradicionalmente ocupadas**. Coleção —Tradição e ordenamento jurídico. Vol. 02, 2 Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

A TRIBUNA MATO GROSSO DIGITAL. Disponível: <http://www.tribunamt.com.br/2016/01/palacio-em-vila-bela-da-santissima-trindade-passa-por-manutencao/>. Acesso 25 de agosto 2017.

ANA. Agência Nacional de Águas. **Hidro Web: Sistemas de Informações Hidrológicas**. Disponível em: <<http://hidroweb.ana.gov.br/>>Data de acesso: 20 dez. 2014.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

AMOROZO, M. C. de M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: Di Stasi, L. C. (Org.) **Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo. Ed. UNESP. 1996

ARAÚJO, A. A.; NOGUEIRA, E. N.; DAVID, F. S.; SILVA, F. A.; VENTURA, R. M. G.; FIGUEIREDO, S. B. **Relatório de monitoramento da qualidade da água da região hidrográfica amazônica –2010 e 2011**. Cuiabá: SEMA/MT; SGMA, 2014.

REIS, Sebastiana Arruda. Ribeirinhos e os impactos de represas na bacia hidrográfica dos rios Paraná (PR) e Cuiabá (MT). **Revista Urutágua**. DCS-UEM. Maringá, 2009.

REIS, Sebastiana Arruda; Bellini, Luzia Marta. **Ribeirinhos e suas representações sociais de meio ambiente sob impactos de represas na bacia hidrográfica dos rios**

Paraná/PR e Cuiabá/MT. URI: <http://repositorio.furg.br/handle/1/7443>. AMBIENTE & EDUCAÇÃO | vol. 15(2) | 2010

ARRUDA, Selma Beatriz Sala de; ANDRADE, Leila Nalis Paiva da Silva; SOUZA, Célia Alves de; CRUZ, Jean da Silva; LEANDRO, Gustavo Roberto dos Santos. **Características socioeconômicas dos ribeirinhos no rio Paraguai, município de Cáceres, Pantanal Mato-Grossense – Brasil.** Geografia em Questão, Marechal Cândido Rondon, v. 07, n. 2, p. 162- 177, 2014.

ATLASBRASIL.ORG.BR. Disponível em <http://atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em 04 de setembro 2017.

BANDEIRA, Maria de Lurdes. **Mato Grosso: a terra no discurso das leis (1850-1930).** Seminário de História, UFMT. Cuiabá-MT. 1988.

BARROZO, J. C. **Os assentados e os assentamentos rurais do Araguaia.** In: **História, terra e trabalho em Mato Grosso.** Org. MARLUZA Marques Harres; VITALE, Joanoni. São Leopoldo, unisinos. UDEFMT, Cuiabá. 2008.

BRASIL. **Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: DOU de 8/2/2007.

BRASIL. **Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009.** Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, [...] e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2009. Disponível em: Acesso em: abril. 2016.

BRASIL. **PROJETO BRASIL DAS ÁGUAS-Sete Rios.** Brasília – DF 2007. Acesso em http://riosvoadores.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2013/05/Rio-Guapore%C2%81_Relatorio.pdf. Acesso em setembro 2016.

BRASIL. **Comunidades tradicionais ocupam um quarto do território nacional.** em: < <http://www.fomezero.gov.br/noticias/comunidades-tradicionais-ocupam-um-quarto-do-territorio-nacional> .>. Acesso em: julho. 2016.

BERNARD, R. **Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches.** New York: Altamira Press., 2002, 803 p.

BUTTNER, Anna. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio Carlos (org). **Perspectiva da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982

CALLABI, D.; INDOVINA, F. **Sobre o uso capitalista do território.** São Paulo: USP, 1973. (Mimeografado).

CAMARGO, LÍGIA (ORG) **ATLAS DE MATO GROSSO: Abordagem socioeconômica/ecológica.** Cuiabá: Entrelinhas. 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. “Novas” contradições do espaço. In A. L. Damiani, A. F. A. Carlos & O. C. L. Seabra (Orgs.). **O espaço no fim de século** (2a ed.). São Paulo, 2001.

_____. **O Espaço Urbano: Novos Escritos** sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. **O lugar/do mundo**. São Paulo 2007.FFLCH.

COELHO, Maria Dias Dalat. **Propriedade Intelectual e Conhecimentos Tradicionais: uma análise discursiva decolonial sobre o reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais no ordenamento jurídico brasileiro sob a perspectiva dos direitos humanos**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, da Universidade Federal de Goiás, 2017.

CHAVES, Maria do Céu Câmara. **Irاندuba: ribeirinhos na travessia produzida – análise de um projeto de Estado para populações rurais no Estado do Amazonas**. Dissertação (mestrado)-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1990.

CHRISTOFOLETTI, A. **As perspectivas dos estudos geográficos**. In: Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1985, p. 12-36.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2.ed. Florianópolis: Ed.da UFSC, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papyrus. 1998.

CORRÊA, Ana Maria Maciel. **Permanências e Mudanças Sociais Numa Comunidade Ribeirinha: Colares**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, p. 147. Batista, Sônia Socorro Miranda. Cultura ribeirinha: a vida cotidiana na Ilha do Combu/Pará. Acesso: 02/12/2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58. (Série Geografia Cultural).

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias. **Geografia: conceitos e temas**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, F.R.; ROCHA, M.M. Geografia: conceitos e paradigmas-apontamentos preliminares. **Revista Geomãe**, Campo Mourão, PR. v.1, n.2. 2010.

COSTA, R. V. **Percepção ambiental de pescadores do rio Teles Pires em Alta Floresta-MT: um diálogo com a educação ambiental**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres, MT. 2009.

DA CRUZ, M. C. O conceito de formação espacial: sua gênese e contribuição para a geografia. *GEOgraphia* – Ano V – Nº 9, 2003. MELO, N. A. **Pequenas Cidades da Microrregião Geográfica de Catalão (GO)**. Análises de Seus Conteúdos e Considerações Teóricas Metodológicas. Uberlândia: Instituto de Geografia UFU, 2008. 528p.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DASSOW, C. **Crescimento Econômico Municipal em Mato Grosso: Uma análise de autocorrelação espacial**. Dissertação (Mestrado) em Agronegócios e Desenvolvimento Regional (Crescimento Econômico). Universidade Federal de MATO GROSSO. CUIABÁ. 2010.

DUARTE, Aluizio Capdeville. Centro-Oeste na organização regional do Brasil. IBGE. **Geografia do Brasil: região Centro-Oeste**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1989.

FAÇANHA, Cristiane Lima.; DA SILVA, Carolina Joana. **Caracterização da Colônia de Pescadores Z2 de Cáceres em Mato Grosso**. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 129-136, jan./mar. 2017. [http://dx.doi.org/10.20435/1984-042x-2017-v.18-n.1\(10\)](http://dx.doi.org/10.20435/1984-042x-2017-v.18-n.1(10))

FARIA, M. F. **Vozes e imagens do rio São Francisco: Um estudo sobre as populações tradicionais e problemas ambientais**. Dissertação de Mestrado, PPG-CSO /UFSCAR, 2002.

FAZENDA, Ivani. **A Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1993.

FERREIRA, M. S. F. D. **A comunidade de Barranco Alto: diversidade de saberes às margens do rio Cuiabá. 1995**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pública) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 1995.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão (Org.). **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1984.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. WITKOSKI. Antonio Carlos. PEREIRA. Henrique dos Santos (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade. – Manaus: EDUA, 2007**.

GARRUTTI, É. A. e SANTOS, S. R. **A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento**. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 4, n. 2, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENSTEIN, L. & SEABRA, M. **Divisão territorial do trabalho e nova regionalização**.

Revista do Departamento de Geografia da USP, São Paulo, n.1, p.21-47, 1982.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global**: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **O mito da desterritorialização**. Palestra conferida a Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 10/04/2006. Acessado em: 06/12/2016. Disponível em: <http://www.uepg.br/mestrados/mestrageo/mito.htm>

_____. **Territórios e multiterritorialidade**. Geographia, ano IX, n. 17. UFF. Rio de Janeiro, p. 19-45, 2007.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Edusp, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IBGE. **Pecuária - 2015** » Bovino - efetivo dos rebanhos » Comparação entre os Municípios: Mato Grosso. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&coduf=51&idtema=159&codv=v01&search=mato-grosso|vila-bela-da-santissima-trindade|sintese-das-informacoes-2015>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

_____. IBGE. **Estimativa da populacional 2016**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro/RJ, 2016.

JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. **Caminhos da Fronteira: educação e diversidade em escolas da fronteira Brasil-Bolívia**. Cáceres: Unemat Editora. 2004.

JORNAL FOLHA REGIONAL, Mato Grosso, (FOLHA REGIONAL de 21/03/2016). Disponível <http://folharegionalonline.com/obras-do-frigorifico-vila-bela-estao-a-todo-vapor->
Acesso em 27 de junho de 2016.

JORNAL OLHAR DIRETO, Mato Grosso 12/04/2015. Disponível em; <http://www.olhardireto.com.br/agro/noticias/exibir.asp?id=22870>. Acesso: 27 de junho de 2016.

KOTTEK, M., GRIESER, J., BECK, C., RUDOLF, B., RUBEL, F. Map of the Köppen - Geiger Climate Classification Updated. **Meteorologische Zeitschrift**. v. 15, n° 3, p. 259–263, 2006

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução: Ana Maria Simões, Doralice Barros Pereira, Pedro Henrique Denaski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LIMA, Deborah de Magalhães. **Ribeirinhos, Pescadores e a Construção da Sustentabilidade nas Várzeas dos Rios Amazonas e Solimões**. In: Boletim Rede Amazônia: Diversidade Cultural e Perspectivas Socioambientais. Ano 3, n. 1, 2004.

LINDNER, Michele. **A organização do espaço sob o olhar das ruralidades: estudo da paisagem e lugar no município de São João do Polêsine, Rio Grande do Sul**. Rio Claro:

UNESP, 2011. Tese. (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2011.

LIPIETZ, Alain. **Le Capital et son Espace**. François Maspero, Paris, 1977.

LOPES, Jecson Girão. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. **Revista: Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n.2 p. 23 –30. maio/ago. 2012.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. **Diversidade Sociocultural em Mato Grosso**; 1a.ed. – 2008, Editora: Entrelinhas.

MAMIGONIAN, Armen. **A inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá**. Geosul, nº 1, 1º sem. 1986.

MARTIN, G. J. Ethnobotany: **A People and Plants'Conservation**. Manual.Chapman & Hall, London. 1995.

MARTINS, Ângela Maria. **Autonomia da escola: a (ex)tensão do tema nas políticas públicas**.São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, H. H. T de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30. n. 2, p. 289-300, 2004.

MARTINS J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como poíesis**. São Paulo: Cortez,1993.

MARTINS, José de Sousa. **As temporalidades da história na dialética de Lefebvre**. In: (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: HUCITEC. 1996.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Base cartográfica digital atualizada da Amazônia Legal, Escala de 1:100.000**. Brasília/DF, 2010.

MAYBURY-LEWIS, Biorn. **Terra e Água: Identidade Camponesa como Referência de Organização Política entre os Ribeirinhos do Rio Solimões**. IN: FURTADO, Lourdes (org.) **Amazônia, desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida**. Belém: Museu Emilio Goeldi, 1999.

MEDEIROS, Heitor Queiroz de. **Impactos das políticas públicas sobre os pescadores profissionais do Pantanal de Cáceres – Mato Grosso**. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade de São Paulo, PROCAM, São Paulo, SP, 1999.

MENDES, M. A. **História e geografia de Mato Grosso**.Cuiabá: Cafarnaum, 2012.

MENDONÇA, M. S. de; FRANÇA, J. F.; OLIVEIRA, A. B. de; AÑEZ, R. B. da S. **Etnobotânica e o saber tradicional**. In: ____. FRAXES, T. de J. P.; PEREIRA, H. dos S.;

WITKOSKI, A. C. Orgs. Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. 224 p. ISBN 8574012636.

MORAES, A. C. R. **A Gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: Hucitec, 1997.
_____. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20ª Ed. São Paulo-SP: Annablume. 2005.

MOREIRA, Igor. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: Ática, 1999. p. 3.

MOREIRA, L. C. & RAMOS, F. R. S. Trabalho de campo em pesquisa qualitativa: considerações teórico-metodológicas e o papel do pesquisador em campo. **Revista Saúde e Ambiente**. Cuiabá: v.1, n. 1, p. 87-89. 1998.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação** (Presidente Prudente), n. 14, v. 2, p. 48-60, 2008.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. etc. espaço, tempo e crítica, **Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas**. Nº 1(3), VOL. 1, p. 55-70, junho, 2007.

MOREIRA, RUY. **A Geografia serve para desvendar máscaras sociais**. Vozes, 1982.
_____. **As Categorias Espaciais da Construção Geográfica das Sociedades**. GEOgraphia Vol. 3, Nº 5, 2001.

_____. **O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa**. In: SANTOS, MILTON. et al. (Orgs.). Território, territórios - Ensaio Sobre o Ordenamento. 2ª. Ed. Niterói: DP&A-PPGEO/UFF, 2006.

_____. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORENO, G.; HIGA, T. C. S. **Geografia de Mato Grosso: Território Sociedade Ambiental**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

MOUSTAKAS, C. **Phenomenological Research Methods**. 1st. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

OLIVEIRA, F.L. de. 2005. **A percepção climática no município de Campinas-SP**. 2005. 98f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

O LIVRE JORNAL DIGITAL, Mato Grosso, 25 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.olivre.com.br/imprime.php?cid=3837&sid=28>. Acesso em: 27 de maio de 2017.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 23º Ed.-São Paulo: Ática, 2006

PINTO, ILÉIA MARIA DE JESUS. **A (re) significação do lugar: comunidades de pescadores na cidade Manaus** – AM. Dissertação de Mestrado. UFAM. Manaus. 2010.

POJO, Edson; LOUREIRO, João Paulo. **Lazer na ilha do Combu**. Trabalho de Conclusão

de Curso de Graduação – UFPA: Belém, 2011.

QUEIROZ, Renato Silva. **Caminhos que andam: os rios e a cultura brasileira**. Capítulo 22, p.719-737. In: REBOUÇAS, Aldo da Cunha; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. *Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. São Paulo: Ed. Escrituras, 2006.

RATZEL, Friedrich. **As leis do crescimento espacial dos estados**. In: MORAES, Antônio Carlos. Ratzel. SP: Ática, 1990b, p.175-192.

REBOUÇAS, Lídia Marcelino. **O planejado e o vivido: os projetos de reassentamento da CESP no Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 2000.

REBOUÇAS, Aldo da Cunha; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. **Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. São Paulo: Ed. Escrituras, 2006.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RELPH, Edward C. **Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar**. In: marandol jr. Eduardo; holzer, Werther; oliveira, Lívia de. (Orgs.). *Qual o Espaço do Lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012, P. 20.

RELPH, Edward. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. In: *Geografia*. Rio Claro, v. 4, nº 7, p. 6, 1979.

RIBEIRO JR, João. **Fenomenologia**. São Paulo: PANCAST, 1991. ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 2a. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

RODRIGUES, Kelly. **O CONCEITO DE LUGAR: A APROXIMAÇÃO DA GEOGRAFIA COM O INDIVÍDUO**. Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Anais do XI-ENANPEGE, 2015.

SADALA, M. L. A. **Estar com o paciente: a possibilidade de uma maneira autêntica de cuidar**. Tese(Doutorado), Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, Brasil, 1995.

SANTANA, F. A. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: Relato de experiência. **Perspectiva Amazônica**, v. 1, p. 47-56, 2013.

SANTOS, Giovana A. dos e KAHIL, Samira P. **Desafios no processo ensino-aprendizagem do lugar nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a formação da cidadania**. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 2007, Uberlândia-MG. Anais...Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2007. CD-ROM.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. **Sustentabilidade da pesca na Amazônia, série estudos avançados**, 19 (54) 2005.

SANTOS, KELEM CRISTINA DE SENE. **Espaços e (re)ocupações: a invenção do espaço urbano em lambari d'oeste (1955 – 1965)**. Monografia. 87 p. Departamento de História da UNEMAT. 2004

SANTOS, Leandro dos. **Pluviosidade, impactos naturais, percepção humana e as inundações em Cáceres-MT – 1971 a 2010**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Cuiabá. 2013.

SANTOS, Leandro dos; ZAMPARONI, Cleusa Aparecida Gonçalves Pereira; SOARES, José Carlos de Oliveira. **Análise Rítmica e Fenomenologia: Pluviosidade, Impactos Naturais, Percepção Humana e as Inundações Em Cáceres/MT-1971 a 2010**. Ed. CRV, Curitiba, 2017.

SANTOS, M. **Por uma Nova Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Espaço e Método**. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992.

_____. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano 1. n. 1, p. 7-13, 1999.

_____. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **As técnicas, o tempo e o espaço geográfico**. In a Natureza do Espaço. São Paulo: 2009. 4ª edição. P: 29-56.

_____. **O Espaço: Sistemas de Objetos, Sistemas de Ação**. In a Natureza do Espaço. São Paulo: 2009. 4ª edição. P: 61-83.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHERER, Elenise. O desafio da inclusão na Amazônia Ocidental. Trilhas. **Revista do Centro de Ciências Humanas e Educação**, no 2, vol. 3, BELÉM: UNAMA, 2002.

_____. **Mosaico Terra-Água: A vulnerabilidade social ribeirinha na Amazônia – BRASIL**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira; COSTA, Lourença Alves da; CARVALHO, Cátia Maria Coelho. **O Processo histórico de Mato Grosso**. UFMT. Cuiabá. 1990.

SILVA, A. M. **Princípios Básicos de Hidrologia**. Departamento de Engenharia. UFLA. Lavras-MG. 1995.

SILVA, Mariele de Oliveira. Almeida, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa**. Revista nera – ANO 17, Nº. 25 – Julho/Dezembro de 2014.

SILVA, Sueli Santos de. **CONCEPÇÕES DE GEOGRAFIA, ESPAÇO E TERRITÓRIO**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação strictu sensu em Geografia - nível mestrado – da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Área de Concentração: Dinâmicas territoriais Francisco Beltrão 2009.

SILVA, Wilma Marinho Craveiro da; ROCHA, Eremilda Silveira; SILVA, Heloane do Socorro Sousa da. **O EXTRATIVISMO VEGETAL NA AMAZÔNIA: OS DESAFIOS DESTA ATIVIDADE DIANTE DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.** Revista Eletrônica EXAMÂPAKU | ISSN 1983-9065 | V. 07 – N. 01 | Janeiro. Abril/2014 | <http://revista.ufrb.br/index.php/examapaku>. Eventos e **Revistas Nacionais** em Administração - 1997 a 2008.

SIOLI, H. 1984. The Amazon and its mains affluents: **Hydrography, morphology of the river courses, and river types.** IN: The Amazon: Limnology and Landscape ecology of a Mighty Tropical River and its Basin, H. Sioli, ed. Dordrecht: W. Junk, Cap. 01. p. 23.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.** Petrópolis: Vozes, 2012.

SOARES, José Carlos de Oliveira. **Estudo de nascentes: subsídio às políticas de gestão da sub-bacia hidrográfica do córrego Caeté no sudoeste do Estado de Mato Grosso.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Cáceres – MT: UNEMAT, 2009.

SOARES, José Carlos de Oliveira. **Pequenas cidades da região de Cáceres – MT: papéis e significados na dinâmica socioeconômica regional.** Tese (Doutorado em Geografia) Niterói – RJ: UFF, 2014.

Souza, Elísio Ferreira de. A origem do Parque da Serra de Ricardo Franco. **O Livre jornal digital**, Mato Grosso, 25 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.olivre.com.br/imprime.php?cid=3837&sid=28>. Acesso em: 27 de maio de 2017.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce. Maria A. Espaço Geográfico, Uno e Multiplo In: **REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES** : Universidad de Barcelona ,Nº 93, 15 de julio de 2001.<http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística in CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143 –164.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.